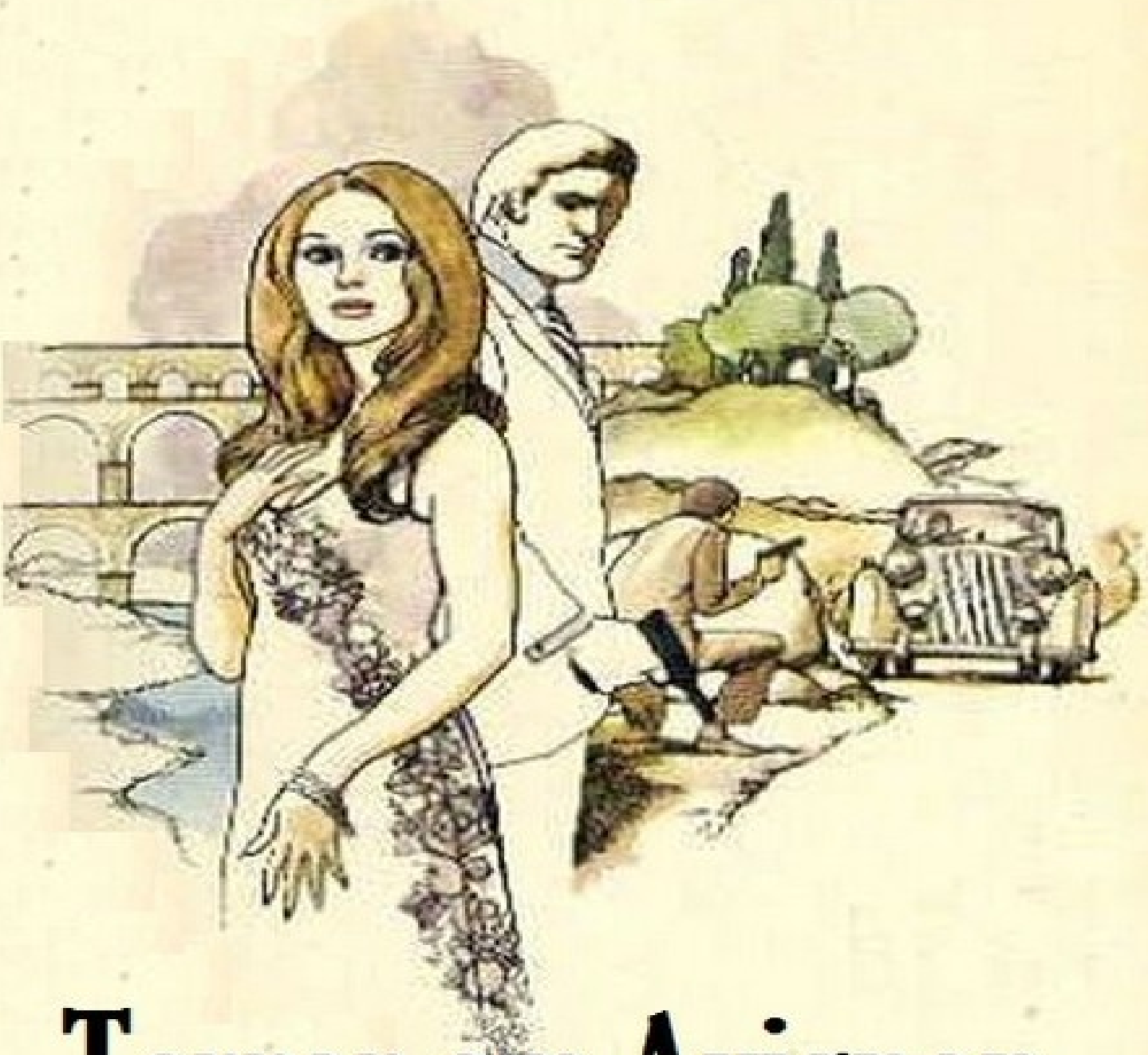
MARY STEWART



Terror em Avignon

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Mary Stewart

Terror em Avignon

Tradução de Pinheiro de lemos

DISTRIBUIDORA RECORD

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

Título original inglês: MADAM, WILL YOU TALK?

Copyright (C) 1955 by Mary Stewart

Direitos exclusivos para a língua portuguesa reservados pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

Av. Erasmo Braga, 255 — 8.° andar — Rio de Janeiro, GB

Impresso no Brasil

1

Entram quatro ou cinco atores

O caso começou de maneira bem calma. Quando, naquele verão, escrevi uma carta a minha amiga Louise perguntando se queria acompanhar-me numa excursão de carro pela Provença, não fazia a menor idéia de que minha carta fosse um convite ao perigo. E quando chegamos uma tarde, depois de um dia de viagem quente mas tranqüilo, à encantadora cidadezinha murada de Avignon, sentíamos aquela mistura agradável de fadiga e antecipação que marca, na minha opinião, o início de férias normais.

Não havia nuvens no céu, não havia sombras escuras nas muralhas crivadas de seteiras; não houve um olhar penetrante de um estrangeiro enigmático quando entramos pela "Porte de la Republique" e subimos pelo "Cours Jean-Jaurès" mosqueado de sol. E, sem dúvida alguma, não tivemos qualquer arrepio involuntário de apreensão quando paramos o carro diante do Hotel Tistet-Védène, onde tínhamos reservado quartos para a maior parte de nossa estada.

Cheguei a cantarolar quando guardei o carro e, depois, verifiquei que me haviam dado um quarto com uma pequena varanda sobre o pátio cheio de árvores e fiquei satisfeita.

Mais tarde, quando o gato pulou na minha varanda, ainda nada havia que indicasse que isso era o começo de todo o caso estranho, agitado e'

complicado. Ou, melhor, não foi o começo, mas a minha deixa, o ponto em que eu entrei. Embora o papel que eu iria desempenhar na tragédia fosse quebrar e alterar o padrão de toda a minha vida, não deixou de ser um pequeno papel, quase uma ponta no último ato. De fato, quase toda a peça tinha sido já representada. Tinha havido amor, desejo, vingança, pavor e assassinato — todo o bricabraque das tragédias de sangue menos o espírito — e, naquele momento, o assassino, com as mãos fartamente ensangüentadas, esperava nos bastidores que as luzes se acendessem no palco para o último crime que encerraria o último ato.

Como podia eu saber, naquela tarde bela e mansa, que quase todos os atores da tragédia estavam naquele momento .reunidos no limpo e despretensioso hotelzinho provençal? Quase todos ali estavam menos um, e este, que levava o crime no coração, não estava muito longe e se movia, sob o ardente sol

meridional, dentro do círculo sombrio do seu inferno pessoal. E o círculo se estreitava pouco a pouco sobre o Hotel Tistet-Védène, em Avignon.

Mas eu não sabia de nada disso e comecei a tirar as roupas das malas lenta e cuidadosamente, enquanto deitada em minha cama Louise fumava e falava sobre os mosquitos.

— E agora quinze dias... — murmurou ela sonhadoramente. — Quinze dias inteirinhos sem ter nada para fazer senão beber e tomar sol.

— Sem comer também? Está fazendo regime?

— É verdade... E quase me esqueci de como é que se come. Dizem que em França o gado ainda dá filés... Que figura irei fazer diante de um filé?

— É preciso fazer essas coisas sem precipitação, — disse eu, abrindo uma das venezianas, que protegiam do sol da tarde. — É bem provável que o garçom faça as apresentações. Alice-Louise, o filé. Filé, Louise. Você então fará um cumprimento de cabeça e o filé estará apresentado.

— Está bem, vou ver se me ajeito. Você, abrindo essa janela, não vai deixar os mosquitos entrarem?

— É muito cedo ainda. E eu preciso de um pouco de luz para pendurar as roupas no armário. Você se incomoda de fumar esse cigarro ou apagá-lo?

O cheiro está horrível.

— Desculpe, — disse ela, pegando o cigarro no cinzeiro. — Estou com preguiça até de fumar. E vou-lhe avisar uma coisa. Não quero dar passeios nem ver vista de espécie alguma. Pouco me interessa que Júlio César tenha passado pela cidade com as suas legiões e mandado fazer um quebra-mar na entrada do porto. Se você quiser ir ficar embasbacada diante desses vestígios romanos, terá de ir sozinha. Vou ficar debaixo de uma árvore com um livro na mão, o mais perto possível do hotel.

Ri e comecei a arrumar meus cremes e loções para o sol no que o Hotel Tistet-Védène julgava com excesso de imaginação que era uma penteadeira.

— É claro que não espero a sua companhia. Você fará o que quiser. Mas eu acredito que a Ponte du Gard...

— Minha cara, já conheço o Viaduto de Holborn. Não peço mais nada da vida...

Louise apagou o cigarro cuidadosamente e colocou sob a cabeça as mãos

entrelaçadas. Louise é alta, loura e cheia de corpo, com pernas longas, voz agradável e lindas mãos. É artista, sem temperamento digno de nota, e com uma preguiça indizível e incurável. Quando é acusada disso, diz que está procurando ver a vida com firmeza e integridade e isso não pode ser feito com pressa. Não se pode aborrecer nem surpreender Louise. Discutir com ela é uma impossibilidade absoluta. Quando surge qualquer problema, Louise simplesmente desaparece para só voltar serenamente quando tudo está acabado. É tão calmamente independente quanto um gato, sem a curiosidade deste. E, embora ela tenha a aparência de uma loura preguiçosa e desleixada, dessas que apagam os cigarros nos potes de creme e nunca escovam o casaco cheio de cabelos, anda sempre muito bem arrumada e tem movimentos delicados e precisos. Nisso parece também um gato, mas eu me dou bem com gatos. Como verão, tenho muito em comum com eles.

— De qualquer maneira, — disse Louise, — o que já conheci de ruínas me chega para o resto da vida. É entre elas que eu vivo.

Eu sabia o que ela queria dizer. Antes de meu casamento com Johnny Selborne, eu também havia ensinado na Escola de Moças Alice Drupe. Além do fato de que a mesma fica no oeste das Midlands, nada mais direi sobre a escola, desde que me é quase impossível dizer alguma coisa sem dar motivo a uma ação por injúria e calúnia. Louise era ainda professora de Arte ali e devia a continuação de sua saúde e higiene mental ao hábito que já descrevi de retirar-se da zona de perigo. Tanto quanto isso era possível na Alice Drupe, ela o conseguia. Mesmo ali, via a vida com firmeza.

— Não fale antes do tempo, — disse-lhe eu. — Pode ainda encontrar Lloyd-Lloyd e Merridew tomando o seu Pernod no restaurante lá embaixo.

— Juntos, não é possível. Não se falam mais. A Grande Ruptura paralisou toda a escola durante semanas... E não fale em Pernod, Charity.

Água de Vichy, — disse ela, acendendo outro cigarro.

— Que aconteceu?

— Ora, Merridew tomou uma providência sem falar com Lloyd ou Lloyd a tomou sem falar com Merridew. Ou foi isso ou alguma coisa desesperadamente temível assim, — murmurou ela com indiferença. — Eu não estava presente.

Naturalmente que não.

— Pobres coitados, — disse eu, com toda a sinceridade. Louise jogou a cinza sem errar no cinzeiro e virou no travesseiro a cabeça dourada.

— Bem, você pode falar assim, porque está fora de lá definitivamente.

Você tem sorte.

Não respondi. Deixei o retrato de Johnny no estojo tal como o havia encontrado e tirei um vestido da mala. Coloquei-o nas costas de uma cadeira, pronto para ser usado. Não acredito que minha expressão tenha absolutamente mudado. Mas Louise me conhece muito bem.

Apagou o cigarro e me disse com uma voz diferente: — Desculpe, Charity. Esqueci-me. Sou uma idiota. Perdão.

— Esqueça-se disso, Louise. Faça como eu.

— Você se esquece?

— É claro. Já faz tanto tempo. Não seria natural não esquecer. E eu tenho sorte, como você diz, — disse eu, sorrindo. — Afinal de contas, sou uma viúva rica... Veja isso!

— De fato, que coisa maravilhosa...

E a conversa se transferiu calmamente para as coisas que realmente interessam.

Quando Louise foi para o quarto dela, lavei-me, troquei de roupa, pus um vestido branco com um largo cinto azul e fiz o rosto e os cabelos muito lentamente. Estava ainda quente e os últimos raios do sol incidiam obliquamente através da varanda, penetrando pela janela entreaberta numa flecha de ouro acobreado. Imóveis, as sombras das folhas traçavam na parede um desenho delicado e exato como uma pintura chinesa sobre seda. A imagem da árvore assim projetada pelo sol tinha uma graça que a própria árvore não mostrava, sendo simplesmente um pobre tronco ressecado e empoeirado que lutava para subir ao céu de um dos vasos no pátio do hotel lá embaixo. Mas a sua sombra poderia ter sido desenhada por Ma Yuan.

O pátio estava deserto. As pessoas estavam descansando, trocando de .roupa ou, se fossem ingleses loucos, passeavam ao sol da tarde. Uma grade pintada de branco separava o pátio da rua e nesta pessoas, animais, carros e às vezes ônibus moviam-se para cima e para baixo na estreita calçada. Mas, do lado de dentro da grade em que se enrascavam trepadeiras, tudo era calmo e sossegado. O saibro entre as cadeiras estava cuidadosamente varrido e molhado. A sombra caía plàcidamente sobre as mesas, algumas das quais já estavam postas para o jantar e cintilavam de vidros e pratas. A única coisa viva no pátio era um gatinho

avermelhado e magro, deitado na base de minha árvore como — quem era mesmo? Nidhug? — junto à raiz de Yggdrasil.

Sentei-me junto à janela e comecei a pensar nos lugares onde iria no dia seguinte.

É claro que à Ponte de Avignon, onde, como diz a canção, a gente dança; a Avignon propriamente dita e à Ponte du Gard, embora eu também conhecesse o Viaduto de Holborn. Peguei o Guia Michelin relativo à Provença e olhei para a gravura que mostrava o grande aqueduto e é reproduzida na capa...

Resolvi que no dia seguinte não iria muito longe. Visitaria as fortificações e o Palácio dos Papas. Talvez no outro dia...

Foi então que o destino, sob a forma de Nidhug, resolveu intervir.

Minha deixa chegara e eu tinha de fazer minha entrada no palco.

A primeira idéia que eu tive de tudo isso foi a violenta agitação das sombras na varanda. O desenho chinês tremeu, dançou, desfez-se e dissolveu-se na imagem confusa de uma vassoura de bruxa, quando a árvore vibrou e se inclinou violentamente sob um peso que não tinha condições de suportar. Em seguida, o gato vermelho pulou como uma flecha para a minha varanda, deu uma volta completa num espaço menor do que uma moeda de *sixpence,* lançou para o seu assaltante um olhar definitivo e sentou-se calmamente para limpar o pêlo. Lá embaixo, uma carreira e um fogo de barragem de latidos explicaram tudo.

Houve então um baque e o barulho de pés na carreira.

O gato bocejou, ajeitou uma das felpas do bigode, subiu incrivelmente por um cano de goteira impossível e desapareceu no telhado. Levantei-me e fui olhar do peitoril da varanda.

O pátio, até então deserto e sossegado, parecia de súbito inteiramente cheio por um garoto e um cachorro enorme e comum. Este, com os olhos ansiosos ainda voltados para a varanda, dava pulos inúteis, extravasando raiva, ódio e exasperação, enquanto o garoto procurava segurá-lo e acalmá-lo com uma das mãos e levantar com a outra uma das mesas que fora derrubada. Felizmente, não era uma das que já estavam postas para o jantar.

A mesa era de ferro e muito pesada, parecendo que o garoto estava encontrando alguma dificuldade em levantá-la. Por fim, largou o cachorro e, empregando as duas mãos na tarefa, conseguiu levantar quase de todo a mesa. Mas o cachorro, que parecia um pouco lento de compreensão embora obstinado,

percebeu que o gato fugira da varanda e começou a pular adoidadamente para todos os cantos. Num desses pulos chocou-se com o garoto e a mesa tornou a cair.

— *Oh, Rommel*! — disse surpreendentemente o garoto.

Antes que eu pudesse descobrir que língua ele falava, o garoto olhou para cima e me viu. Levantou-se, tirou os cabelos da testa e sorriu.

Disse então com muito cuidado: — *J'espere que ce n'était pas votre chat, mademoiselle!* (Espero que o gato não seja seu, senhorita!) Isso sem dúvida resolvia o caso da nacionalidade, mas uma das minhas qualidades é ter um bocado de tato. Sacudi a cabeça.

— Meu francês não é muito bom. Fala inglês, *monsieur?* Ele pareceu imensamente satisfeito.

— Pois se eu sou inglês! Pare com isso, Rommel! Ele não chegou a machucar o gato, não foi? Só vi quando ele pulou para a varanda.

— Não me pareceu muito preocupado.

— Então, está bem. Não posso conseguir que este cachorro proceda decentemente como deve fazer quem está em terra alheia. Chegou ainda há pouco, não foi?

— Sim. Às quatro horas.

— Não viu ainda muita coisa de Avignon então. É uma cidadezinha interessante. Acha que vai gostar?

— Bem, gostei do que já vi. E você? Gosta?

Era a conversa mais trivial do mundo, mas o rosto dele mudou estranhamente de expressão em face da pergunta. A distância era grande e eu não pude interpretar bem essa expressão, mas sei com certeza que não era a que se poderia esperar de um garoto de cerca de treze anos que tinha a sorte de estar gozando férias no Sul da França. Na verdade, não havia muito nele naquele momento, salvo os sinais externos de camisa amarfanhada, calças curtas manchadas e o cachorro vira-latas, para que sugerisse um garoto comum. O rosto que tinha, mesmo nas pequenas cortesias da conversa trivial, mostrado humor e inteligência pareceu de repente mascarar-se e envelhecer.. Algum fardo impalpável lhe caiu quase visivelmente sobre os ombros. Parecia que, a despeito da sensibilidade juvenil da boca e dos pulsos e mãos infantilmente magros, havia nele alguma coisa capaz de enfrentar e desafiar um destino completamente

adulto por conta própria, e reagindo à força com a força. O fardo, fosse qual fosse, era evidentemente reconhecido e aceito. Tinha havido recentemente um processo de fortalecimento. E não devia ter sido agradável.

Mas ele abandonou os pensamentos sombrios com a mesma rapidez com que os aceitara e eu comecei a pensar que tudo tinha sido excesso de imaginação de minha parte.

— É claro que eu gosto. Quem não gosta é Rommel por causa do calor.

— Tínhamos voltado à conversa fiada. — Soube que iam chegar duas inglesas hoje. Deve ser uma delas. Falaram-me em Sra. Selborne e Srta. Crabbe.

— Crabbe não, Cray. Sou a Sra. Selborne.

— Sim, — disse ele, com um sorriso puramente infantil. — Não tenho boa memória para nomes e tenho de guardá-los por associação. Às vezes, não dá certo. Mas eu me lembrei do seu por causa de Gilbert White.

Ora, muita gente pode ver a relação entre *cray* (lagostim) e *crab* (caranguejo), mas não são muitos os garotos de treze anos tão displicentemente a par das cartas escritas por Gilbert White da sua pequena aldeia do Hampshire e enfeixadas em livro sob o título de *História Natural de Selborne*. Eu tivera razão sobre a inteligência. Eu mesma só conhecia o livro porque não há quem não se interesse pelas coisas em que seu nome aparece. E também porque Johnny...

— Meu nome é David, — disse o garoto. — David Shelley.

— Ora, David, seu nome também é muito fácil de lembrar. Basta pensar nos poetas românticos para não esquecer. Mas não se aborreça se eu um dia o chamar de David Byron ou...

Calei-me de repente. O rosto do menino, que ria polidamente para mim, se transformou de novo. Dessa vez, não podia haver dúvida. O corpo dele ficou subitamente rígido e uma onda de vermelhidão lhe cobriu o rosto do pescoço às têmporas. Dissipou-se com a mesma rapidez, deixando-o pálido e contrafeito. Abriu a boca como se fosse falar, brincando com a coleira do cachorro. Pareceu então fazer alguma espécie de esforço, sorriu fracamente para mim e se curvou para o cachorro, procurando nos bolsos alguma coisa com que amarrá-lo.

Tive a impressão de haver cometido um erro. Mas não estava errada em supor que havia alguma grande anormalidade fosse onde fosse. Não gosto de me meter nos assuntos alheios, mas de repente e de maneira inexplicável tive uma vontade violenta de me meter nos assuntos daquele garoto.

Mas não era preciso querer. Era mesmo o que ia acontecer.

Mas isso não foi logo. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, fomos interrompidos por uma mulher que chegou da rua, transpondo o portão na grade fechada por trepadeiras. Devia ter seus trinta e cinco anos. Era também loura, alta e, sem dúvida, a mais bela mulher que eu já havia visto. O vestido creme muito simples que trazia devia ter sido um dos sonhos prediletos de Dior e a conta paga por ele devia ter sido um pesadelo para o marido dela.

Sendo mulher também, não deixei de ver a enorme safira que tinha na mão esquerda, antes mesmo que lhe visse as feições.

Ela não olhou absolutamente para mim, o que também era perfeitamente natural. Parou por um momento ao ver David e o cachorro e, então, se aproximou com uma espécie de elegância sedutora que teria feito as cabeças dos homens voltarem-se para vê-la em Piccadilly numa manhã de chuva de segunda-feira. O que podia acontecer na Provença, onde um dos esporte's favoritos dos homens é olhar as mulheres, não quero nem pensar. Creio que me ocorreu a idéia de que os cafés da Rue de Ia Republique se esvaziavam à medida que ela passava.

Ela parou perto da mesa virada e falou. A voz era agradável e o inglês perfeito, mas com o sotaque de uma francesa.

— David.

Não houve resposta.

— *Mon fils...*

Filho dela? Ele não levantou os olhos e ela disse com voz calma: — Sabe que horas são? E que foi que houve com esta mesa?

— Foi Rommel que derrubou.

A cabeça virada e o resmungo de aborrecimento com que David respondeu foram, ao mesmo tempo, rudes e surpreendentes. Ela não tomou conhecimento da indelicadeza e tocou-lhe de leve o ombro.

— Bem, seja um bom menino e endireite a mesa. Depois, vá trocar de roupa depressa. Está quase na hora do jantar. Onde foi que esteve hoje?

— Na beira do rio.

— Como pôde... — Não concluiu a frase. Riu e deu de ombros, toda francesa de repente. Acrescentou enquanto tirava um cigarro da bolsa: — Bem, trate de

levantar a mesa.

David puxou para uma árvore o relutante Rommel e amarrou-o ali. Em seguida, disse: — Não posso levantar a mesa. É muito pesada. Uma voz nova e delicada fez-se ouvir: — Com licença, Madame.

O homem que havia saído do hotel sem ser pressentido era moreno e singularmente bem parecido. As roupas, o jeito e a voz eram inconfundivelmente franceses. Tinha um ar de intensa virilidade a que não faltava um certo refinamento — o que pode ter um encanto poderoso e displicente, capaz de ser inteiramente arrasador. Em vista disso, foi ainda mais surpreendente que a mulher, depois de olhá-lo para um agradecimento convencional, se desinteressasse dele por completo e acendesse o cigarro sem olhar de novo para ele. Eu seria capaz de jurar, entretanto, que, quando se tratava de homens, ela era do tipo que nunca deixava de dar atenção.

O recém-chegado sorriu para David, levantou a pesada mesa sem esforço aparente, colocou-a de pé e limpou as mãos com o lenço.

— Muito obrigado, senhor. — disse David, que começou a desamarrar -

Rommel da árvore.

— *De rien*, — disse o francês. — Madame.

Inclinou levemente a cabeça na direção dela. A mulher respondeu com um breve sorriso polido e, depois, se encaminhou para uma mesa no outro canto do pátio e sentou-se.

— Se você correr, — disse a mãe de David, — poderá ser o primeiro a pegar o banheiro.

Sem dizer mais nada, o garoto entrou no hotel, levando pela ponta de uma corda um cachorro mais ou menos conformado. A mãe olhou-o por um momento com uma expressão em que havia confusão e exasperação. Depois, encolheu os ombros e entrou também no hotel.

O francês também não me tinha visto. Inclinou um momento a formosa cabeça para acender o cigarro com um fósforo. Saí da janela e fiquei um momento dentro do quarto, pensando na breve cena que ocorrera e na qual havia ocultos muitos fatores de estranheza. Aquela belíssima mulher que parecia uma estrela de cinema e o cachorro vira-lata... Christian Dior e Gilbert White... ela era francesa e o acento do garoto era irrepreensivelmente inglês... ele era grosseiro com ela e encantadoramente polido com os estranhos.

Ora, eu não tinha nada com isso.

Peguei minha bolsa e desci para tomar um drinque.

2

"Foi ali que primeiro vi as sombrias imaginações da perfídia..."

(CHAUCER)

Quando desci para o pequeno pátio, começava ele a encher-se de gente.

Louise ainda não havia descido. Procurei uma mesa com sombra e pedi um cinzano.

Corri os olhos em torno, resignada ao fato de que quase todos os hóspedes do hotel deviam ser ingleses também. Mas a coleção até então parecia bastante variada. Comecei a praticar o jogo de adivinhar as profissões e, neste caso, as nacionalidades das pessoas. É claro que se erra quase sempre e que o jogo é quase sempre praticado por aquelas pessoas que são suficientemente vaidosas para dizerem que são estudiosos da natureza humana... Apesar disso, era uma diversão e eu não abri mão dela.

Os dois homens na mesa ao lado eram alemães. Um deles era magro e de ar inteligente; o outro era o alemão de pescoço gordo que os caricaturistas preferem. E quando eu o ouvi dizer "Ach, só?" ao seu companheiro, não precisei de maior estímulo para tratar de adivinhar o resto. Havia um jovem casal que devia estar em lua-de-mel e ser americano. Depois, havia o belo francês, que tomava o seu Pernod sozinho no canto, e outro homem, também sentado sozinho ao lado da grade, que lia um livro e tomava uma bebida verde com cautela e desconfiança. Este me confundiu durante muito tempo.

Podia ser quase qualquer coisa. Foi então que vi o título do livro que ele estava lendo e tudo ficou resolvido. Era os *Quatro Quartetos* de T. S. Eliot.

Havia mais dois que também poderiam ser qualquer coisa. Nesse ponto, Louise apareceu.

— Atrasei-me por causa da *patronne,* — disse ela. — Parece que está convencida de que tem o dever de saber da história, da profissão e das intenções de todos os hóspedes do hotel. Mas gosta também de transmitir os seus conhecimentos. E, enquanto procurava saber a respeito de mim e de você, me deu uma porção de pistas para os outros.

Levaram-lhe o vermute e ela o olhou contra a luz com um suspiro de contentamento.

— *L'heure de l'apéritif.* É uma instituição civilizada. Ah, aquele ali deve ser Paul Véry, — disse ela, olhando para o francês do canto. — Madame me disse que era tão belo a ponto de fazer as mulheres quererem suicidar-se e eu não vejo outro aqui que se aproxime dessa categoria. É de Paris e está de certo modo relacionado com antigüidades.

— Emocionante...

— O outro homem que está sozinho é inglês e professor. Chama-se John Marsden e é quase com certeza escoteiro e abstêmio.

— Por que diz isso?

— Porque atualmente o destino me reserva a brincadeira de só fazer aparecer em meu caminho homens solitários que são as duas coisas e renegam as mulheres ainda por cima. Renegar será o verbo apropriado?

— Creio que sim.

— De qualquer maneira, não creio que nenhuma mulher no mundo tivesse vontade de se suicidar por um tipo assim. Que cara solene a dele!

Deve estar lendo alguma obra sobre política ...

— Não, está lendo os *Quatro Quartetos,* de T. S. Eliot.

— Ah, sim... — murmurou Louise, que não considera a poesia necessária. O Sr. Marsden foi posto de lado.

— Aquele casal é americano, não é?

— É, sim. O nome deles é Cornell ou vêm de um lugar chamado Cornell.

Nesse ponto, meu francês teve um colapso e eu fiquei sem saber direito. E a família debaixo daquela palmeirinha acaba de chegar de Newcastle.

— Escócia?

— Assim me informou Madame. E eu gosto da filha deles. Você, não?

Olhei com alguma discrição. O casal à sombra da palmeira podia ter posado em qualquer parte para um retrato da Inglaterra Suburbana no Exterior. Vestidos como só os ingleses são capazes de fazê-lo num clima subtropical — isto é, do mesmo modo por que se vestiriam para passar quinze dias na costa' nordeste da Inglaterra — estavam tomando os seus drinques; com cauteloso prazer e

olhavam para a filha de dezessete anos com a mesma expressão que teriam galinhas que tivessem chocado uma garça real. A moça era encantadora para não dizer tudo. Ela teria sido linda ao simples jeito inglês, mas achara por bem disfarçar essa beleza penteando a massa dos cabelos numa torrente que lhe descia por um dos lados do rosto.

Por trás da cortina, aparecia um olho a que uma sombra azul dava uma aparência de dissipação. As unhas muito vermelhas, as sandálias de saltos finos, uma saia estampada e rodada e uma blusa de jérsei repleta, em proporções francamente incríveis, por um corpo francamente impossível...

Hollywood tinha chegado a Avignon via Escócia. E era aparente que aquele acúmulo nada insignificante de encantos estava plenamente ligado na direção de alguém.

— O homem do canto... — murmurou Louise.

Olhei para o homem chamado Paul Véry, que, entretanto, parecia completamente indiferente ao esforço que estava sendo feito em sua direção.

Tinha as sobrancelhas ligeiramente franzidas e procurava desenhar alguma coisa na mesa com o pé molhado do copo, como se isso fosse a única coisa que lhe interessava no mundo.

— Acho que ela está perdendo tempo, — disse eu e, como se ele me tivesse ouvido — o que era impossível — o francês levantou a vista e olhou para mim. Olhou-me deliberadamente durante muito tempo, com um olhar frio e avaliador e então, ainda sem tirar os olhos de mim, levantou o copo e bebeu. Desviei o olhar para a nuca do alemão gordo e esperei que não tivesse ficado vermelha.

— Ela está mesmo perdendo tempo, — disse Louise com um sorriso malicioso. — Aqui, perto de mim, há material muito mais interessante.

— Não seja tola. — disse eu com alguma aspereza. — E refreie a sua imaginação, pelo amor de Deus. Não se esqueça de que estamos na Provença e aqui, se uma mulher é bastante imprudente para ser surpreendida olhando para um homem, receberá o que merece. É o que aqui chamam de *oeillade.*

— Está bem, — disse Louise tranqüilamente. — Bem, foi só o que Madame me disse. Penso que aquele outro grupo é suíço — ninguém, a não ser um americano, poderia ter um carro espalhafatoso e vulgar como aquele — e está apenas de passagem. Há também uma residente chamada Sra.

Bristol, que é ou viúva ou divorciada. *Et voilà tout*\ Vamos tomar outro

vermute?

Nesse momento, a loura apareceu, passando por entre as mesas para ir sentar-se perto da grade, a duas mesas de distância do Sr. Marsden. Ela cruzou as belas pernas, pegou um cigarro e sorriu para o garçom. Houve uma espécie de confusão que se resolveu em três movimentos separados — o alemão gordo venceu por cabeça o garçom e o Sr. Marsden — para acender-lhe o cigarro. Mas o Sr. Marsden ganhou por pontos, porque o isqueiro do alemão negou fogo e Marsden tinha um fósforo. Ela atirou um sorriso ao homem de pescoço gordo, pediu um drinque ao garçom e olhou de tal maneira para Marsden por trás da chama do fósforo que esta esmaeceu um pouco. De qualquer maneira, depois disso, ele leu *Burnt Norton* durante algum tempo.

— Bem, não creio que *renegar* seja o verbo certo, — disse Louise. — Creio que aquela é que é a Sra. Bristol.

Eu já ia corrigi-la, dizendo que a loura era francesa quando o garçom, viajando por entre as mesas como numa corrida de obstáculos, levou-lhe o drinque.

— Pronto, Madame Bristol, — disse ele, colocando o copo na mesa como uma reverência e afastando-se logo depois.

Ela se recostou na cadeira e correu os olhos em torno. Era tão bela de perto quanto de longe, o que não é dizer pouco. Era uma beleza cuidadosamente cultivada e exótica, como a de uma flor exótica. Sei que se trata de uma metáfora surrada mas descreve-a melhor do que qualquer outra... A pele era muito lisa e o pesado perfume parecia fazer parte dela. Os olhos eram grandes e de um azul curiosamente luminoso. As mãos não descansavam e era fácil ver-lhe nos cantos da boca e dos olhos um leve toque de preocupação. Essas linhas se carregaram de repente enquanto eu a olhava e compreendi de repente que David estava saindo do hotel. O garoto seguiu o garçom, que estava levando outro drinque para Louise, e, quando passou pela nossa mesa, viu-me. Deu-me um breve sorriso, que, segundo creio, o garçom escondeu da mãe dele. Em seguida, o aspecto de enfado se lhe estampou de novo no rosto e ele se sentou diante dela. Ela olhou com satisfação para as calças e a camisa limpa do garoto e disse alguma coisa a que ele não deu resposta. Ela olhou para a cabeça baixa do menino durante um instante e voltou a examinar displicentemente as outras mesas.

Já havia muita gente no pátio e os garçons começavam a distribuir os *menus*.

— Já conhecia o garoto ou foi apenas outra *oeillade?* — perguntou Louise.

Disse que tinha falado com ele um momento no pátio. Por algum motivo que não pude analisar, ela não quis mais falar sobre o caso e eu fiquei satisfeita quando ela mudou de assunto sem perguntar mais nada.

— Vamos pedir os pratos, — disse ela.

Estudamos o *menu* com algum entusiasmo...

Mas, quando Louise me perguntou se eu queria *cote d'agneau* ou *escalope de veau,* respondi "Shelley" distraidamente e, entre as *petites pommes de terre sautées* e a *tarte maison,* estava ainda tentando efetuar um ajustamento entre a bela e muito francesa Sra. Bristol com Gilbert White, aquele terrível cachorro e a expressão do rosto do garoto de quem suporta um fardo por demais pesado.

Depois do jantar, Louise anunciou que ia buscar um livro e ficar sentada a tomar café e conhaque até à hora de dormir. Em vista disso, deixei-a e fui fazer uma exploração por Avignon sozinha.

Como disse, Avignon é uma cidade murada, uma pequena cidade compacta e bela, limitada a oeste e ao norte pelo rio Ródano e completamente cingida de baluartes medievais, que não são menos belos, aos meus olhos de leiga, por terem sido restaurados quase por completo no século XIX. A cidade é dominada do lado do norte pelo Rocher des Doms, uma escarpada massa de rocha branca coroada pela catedral de Notre Dame e enverdecida pelos pinheiros sussurrantes. Ao lado da catedral, está o dourado palácio dourado dos Papas. A cidade é dividida ao meio por uma extensa rua, a Rue de Ia Republique, que vai diretamente da porta principal à praça da cidade e, daí, à Place du Palais, no sopé do próprio Rocher des Doms.

Mas eu ainda iria descobrir essas coisas. Já estava escuro quando saí e a rua era profusamente iluminada. Todos os cafés estavam repletos e eu passei por entre as mesas espalhadas na calçada, enquanto se desenvolvia em mim aquele sentimento exultante que inevitavelmente se apodera de nós numa cidade do Sul depois do escurecer. As vitrinas das lojas ainda estavam acesas e mostravam todos os luxos concebíveis que o espírito do turista podia imaginar. As luzes de gás néon deslizavam sobre cetim, afogavam-se em veludo e dançavam sobre perfumes e jóias. Desde que eu havia aprendido em meus vinte e oito anos a proteger um pouco o coração de uma piedade exagerada, olhei tudo com interesse e tentei não pensar nos mendigos que se arrastavam lamurientos pelas sarjetas da cidade. Continuei, tendo ainda o cuidado de não pensar nos mendigos, até chegar ao fim da rua, onde a Rue de la Republique se alarga e se torna a praça principal da cidade. É o lugar onde toda a Avignon se reúne à noite,

em companhia, tem-se vontade de jurar, de todas as crianças e todos os cachorros da França.

A praça é cercada de cafés, que transbordam pelos passeios estreitos numa espuma de alegres mesinhas e cadeiras de vime, estendendo mais uma franja de mesinhas até ao centro da praça. Ali, como disse, Avignon se reúne à noite e pelo preço de uma xícara de café, que dá direito a uma cadeira, pode-se ficar sentado durante uma hora e ver a França desfilar.

Paguei meu café e me sentei dentro do ar, que tinha a tepidez do leite, admirando, como convém na Provença, as encantadoras maneiras das crianças e a variedade incrível de formas possíveis entre os cachorros, bem como a beleza dos jovens seminus e morenos que voltavam dos campos e a graça modesta das moças. Notei particularmente uma, bela criatura morena que passava lentamente com os olhos baixos. O vestido tinha um decote baixo sobre os seios descia muito justo para uma cintura bem fina, mas o rosto podia ser de uma freira. Caminhava timidamente entre os pais, respeitáveis, que faziam decerto a moça ser de acesso tão difícil quanto o foi Danae. E eu via que ela era seguida por olhares ternos e compridos que diziam exatamente o que tinha sido dito à Bele Yolanz e à loura Amelot, quinhentos anos antes, quando os trovadares cantavam na Provença.

— Perdão, — disse uma voz de mulher atrás de mim, — mas não a vi no hotel?

Virei-me. Era a senhora de Newcastle, Escócia, e me sorria com alguma hesitação de uma mesa próxima.

— Sou a Sra. Palmer, — disse ela. — Espero que não se incomode de eu lhe dirigir a palavra, mas eu a vi no jantar e...

— É um prazer. Meu nome é Charity Selborne. — Levantei-me e peguei a minha xícara de café. — Posso fazer-lhe companhia?

— Tenha a bondade, — disse ela, afastando a cadeira para fazer lugar para mim. — Meu marido e Carrie saíram passeando por aí para conhecer a cidade, mas talvez demorem muito...

— E o tempo parece mais comprido quando não se tem ninguém com quem se possa falar, não é?

Ela ficou radiante como se eu tivesse dito uma coisa extremamente brilhante.

— É isso mesmo que eu sinto! Imagine! É claro que isto aqui não é como

nossa terra, ainda mais com todo o mundo falando francês. É um bocado diferente, não acha?

Concordei com ela.

— É claro que quando vou tomar chá em minha terra, — disse a Sra. Palmer, — no Carrick's ou, talvez, no Fenwick's, encontra-se sempre alguém com quem se conversa antes de tomar o ônibus. É por isso que fico tão confusa de não conhecer ninguém aqui e de tomar isto, que não é chá de verdade, não acha?

Tornei a concordar com ela e disse que tinha sido muito corajosa em vir tão longe para gozar férias.

— Bem, — disse a Sra. Palmer, — quem sugeriu isso foi Carrie e não eu. Eu nunca havia pensado em férias assim. Mas, depois que ela falou, perguntei: por que não? Sempre lia coisas sobre o Sul da França e fiquei pensando que era que adiantava ir todos os anos para Scarborough e ficar lá pensando no Sul da França? E, se podíamos vir até aqui, por que não? O resultado é que aqui estamos.

Sorri para ela e disse que a idéia de Carrie tinha sido ótima.

— É claro que ela prefere ser chamada de Carole, — apressou-se ela em dizer. — Acho que é por causa dos filmes, sabe? Ela procura vestir-se como as estrelas, por mais que eu fale.

Eu disse que Carole era uma moça bem bonita, o que era verdade.

— Agora, a pobre Sra. Bristol, — disse a Sra. Palmer. — Ela parece uma estréia muito mais do que Carrie jamais parecerá. É verdade que ela já trabalhou no teatro ou coisa parecida antes daquilo que aconteceu.

Tive um sobressalto.

— Que foi que aconteceu, Sra. Palmer?

— Ah, não sabia? Reconheci-a imediatamente. Todos os jornais publicaram o retrato dela. Antes que ela se casasse com aquele homem terrível.

— Que homem terrível? Que foi que aconteceu?

— O assassino, — disse a Sra. Palmer, baixando a voz quase a um sussurro. — Ele foi julgado como assassino cruel de seu melhor amigo, segundo disseram os jornais. Ele pensou que o amigo estava tendo um caso com ela — a mulher dele — e assassinou-o. Todos os jornais deram.

Olhei-a, estupefacta. Murmurei: — O pai de David? O pai de David é um

assassino? Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Isso mesmo. Estrangulou o outro com uma corda, alucinado pelo ciúme, disseram os jornais.

— Pobre garoto... Há quanto tempo foi isso?

— O julgamento foi em abril. É claro que ela não é a mãe do garoto. É apenas a segunda esposa do homem, mas naturalmente tinha de levar o garoto; não podia deixá-lo entregue a ele, depois do que aconteceu.

— Que quer dizer com isso? Ele ainda está vivo? — Está.

— Na prisão?

— Não. E isso é o pior de tudo, Sra. Selborne. Está solto.

— Mas...

— Foi absolvido. A justiça achou que as provas eram insuficientes e absolveu-o.

— Neste caso, talvez não seja ele o culpado. Do contrário, os tribunais...

— Não, é culpado sim! — disse ela, batendo-me no braço. — Meu marido também pensa assim. E tenho certeza de que estava louco senão não teria atacado o garoto como atacou.

— Atacou... o garoto? — perguntei com voz trêmula.

— Sim. Terrível, não é? — Vi as lágrimas chegarem aos olhos bondosos da Sra. Palmer e tive pena dela. Não se alegrava com a desventura alheia e não estava gostando daquela história mais do que eu estava. — Encontraram David inconsciente no banheiro, perto do quarto onde foi achado o corpo do assassinado. Tinha levado uma pancada na cabeça.

— Disse ele depois que foi atacado pelo pai?

— Ele não viu quem o atacou. Mas deve ter sido o assassino. Quase foi apanhado em flagrante, pode-se dizer. Foi um caso horrível, realmente. Admira que não se lembre de nada. Durante muito tempo, os jornais não falaram em outra coisa.

— Não, não me lembro, — disse eu com uma voz sem inflexões, quase mecânica. Pobre David, pobre garoto... — Não me lembro sequer de ter ouvido o nome... E é tudo tão terrível...

A Sra. Palmer teve uma exclamação de surpresa, pegou a bolsa e levantou-

se.

— Olhe! Lá vão meu marido e Carrie do outro lado da praça. Com certeza, não me viram. Tenho de correr um pouco. Muito obrigada pela boa conversa, Sra. Selborne. E não fique triste com pena da Sra. Bristol e do garoto. Ela se divorciou do homem e ele nada pode fazer. E os garotos se esquecem com muita facilidade das coisas.

De algumas coisas é possível...

— Foi muito bom a senhora me ter contado, — disse eu. — Eu poderia ter dito alguma coisa. Não fazia a menor idéia.

— Bem, não podia mesmo fazer se não leu nada, nem viu as fotografias.

É claro que Bristol não é o verdadeiro nome deles. O homem se chama Byron, Richard Byron. Ih, tenho de ir correndo. Boa noite, Sra. Selborne.

Ela atravessou a praça e eu levei muito tempo sem dar pela ausência dela.

3

Sur le pont d'Avignon L'on y danse l'on y danse Sur le pont d'Avignon L'on y danse, tout en rond.

Pela ponte de Avignon Todos dançam, todos dançam Pela ponte de Avignon Todos dançam, dando a mão.

(CANÇÃO INFANTIL FRANCESA)

Às dez horas da manhã seguinte, fazia já tanto calor quanto no dia mais quente da Inglaterra, mas não se sentia qualquer opressão porque o ar estava claro e leve. Louise, cumprindo o que havia dito, retirou-se com um livro e com um caderno de desenho para o pequeno jardim público perto do hotel.

— Se quiser, vá fazer turismo, — disse-me ela. — Vou-me sentar debaixo de uma árvore e beber suco de uva. Bem gelado.

Era um programa sedutor, mas o dia seguinte talvez não fosse mais fresco do que aquele e, de qualquer maneira, o calor não me afeta exageradamente, de modo que eu parti para um pequeno giro de exploração.

Dessa vez, saí pela porta da cidade e contornei as compactas muralhas exteriores, .rumo ao bairro onde o Ródano corre sob o Rocher des Doms e, depois, em torno das fortificações ocidentais da cidade. As margens da estreita estrada estavam cheias de pó e pedras. A única vegetação, além das árvores à beira do rio, eram espinheiros secos como papel velho. Até a margem plana do próprio Ródano sob as árvores estava nua de grama. Não havia senão terra e pedras, onde os mendigos passavam a noite. Duas aves enormes voavam em círculos acima do rio.

Mas, de repente, depois de uma curva nas muralhas da cidade, a velha ponte da canção surgiu diante de meus olhos, com os seus quatro arcos restantes elevando-se da água verde para estacar, por assim dizer, no meio do salto, suspenso a meio caminho através do Ródano. No fundo de jade da água, cintilava o reflexo dourado da capela de S. Nicolau, que guarda o segundo arco. Ali, represada por uma ponta de areia, a água é calma, enriquecida das cores flamantes da pedra, da sombra e das ramagens, mas além da, ponta de areia a ponte transpõe uma torrente tumultuosa. Quem fica ali lembra-se de repente de

que aquele é um dos grandes rios da Europa. Sem fragor nem espumas, macio e incrivelmente rápido, vence o seu extenso caminho para o sul até ao Mediterrâneo, aqui verde como uma esmeralda, ali com um tom de água-marinha, mas em toda a parte de cor lisa como a de uma pedra.

Vi então David, que brincava com Rommel junto do poço, sob a capela.

O menino e o cachorro estavam molhados. David, que estava de calções de banho, tinha um aspecto mais gracioso do que Rommel, que parecia definitivamente melhor quando a sua forma mais ou menos excêntrica era disfarçada pelo pêlo. Eu estava no alto da ponte quando os vi lá embaixo.

Pareciam absorvidos. David tratava de construir um dique e Rommel se divertia em destruí-lo sistematicamente. Quase» no mesmo instante, o garoto olhou para cima e me viu numa janela da capela. Riu e me deu adeus.

— Não vai dançar aí na ponte? — perguntou ele.

— Acho que não, — respondi. — É muito estreita.

— Que é que há aí na capela?

— Pouca coisa. Nunca esteve aqui?

— Falta de dinheiro, — disse ele, sucintamente.

— Diga ao porteiro que eu pagarei quando eu descer. —' Não foi por isso que falei.

— Sei que não foi. Mas eu estou dizendo. Mas, pelo amor de Deus, segure bem Rommel. Não há parapeito e ele estaria em Marselha na hora da merenda se caísse dentro do rio.

O menino e o cachorro desapareceram na casinha do porteiro e acabaram saindo na ponte, um pouco ofegantes e empenhados em muda e violenta disputa sobre o direito que Rommel se atribuía de atirar-se esportivamente às águas do Ródano.

Mas, por fim, Rommel, amarrado pela inevitável corda, foi considerado sob controle e nós três fomos cautelosamente até à beira do arco quebrado — cautelosamente porque a ponte é bem estreita e há sempre um vento forte que sopra do norte — e sentamo-nos com Rommel entre nós. Cantamos *Sur le pont d'Avignon* no estilo de um cantor popular e David me contou a história de S. Bénézet, que enganou os clérigos de Avignon e construiu a ponte onde os anjos lhe haviam dito. Olhamos as duas aves, que eram gaviões segundo me disse

David, e que voavam descrevendo belos círculos no alto do céu azul.

Descemos então para a estrada e eu paguei ao porteiro. David tornou a me agradecer e nós tomamos o rumo do hotel, para ir almoçar.

Parecia impossível naquela bela manhã alegre que o pai de David fosse um assassino e que o próprio David tivesse sido' atacado sem motivo no escuro por alguém que não podia deixar de ser um louco.

— Onde é que você passa a maior parte do dia, David?

— Quase que só na beira do rio. Pode-se nadar muito bem na parte represada pela ponta de areia, onde não há correnteza.

— Ainda não viu os arredores? A Ponte du Gard, a arena de Nimes e outras coisas? Não teve tempo ainda ou essas coisas não lhe interessam?

— Claro que interessam. Gostaria muito de ver a arena... Sabe que fazem corridas de touros ali todos os domingos e que um dos toureiros é uma mulher?

— Bem, eu não gostaria de ver uma tourada, — disse eu. — Mas estou com vontade de ir ver a arena e, se você quiser ir, há espaço de sobra no carro. Acha que sua mãe vai deixar?

— Minha madrasta, — disse David explicitamente. Olhou-me com o rosto levemente ruborizado. — É por isso que nosso» nomes são diferentes, sabe?

— Sei. Mas ela deixaria você ir, isto é, caso você queira ir?

Ele hesitou estranhamente por um momento e, mais uma vez, vi a máscara cair-lhe sobre o rosto e, como dantes, por motivo algum que estivesse ao meu alcance. Era como se ele tomasse em consideração alguma grave objeção, acabasse rejeitando-a e deixando-a de lado por completo.

— Gostaria muito e lhe agradeço sinceramente, — disse ele, cerimoniosamente. — E não creio que minha madrasta se oponha. Ela não é disso e, afinal de contas, não se interessa muito por mim.

Quando chegamos ao hotel, os hóspedes já se estavam reunindo para os aperitivos no pátio fresco. Desci do meu quarto para encontrar a Sra. Bristol já instalada diante de uma mesa ao lado de uma laranjeira. Ela me sorriu e fez um gesto de convite. Aproximei-me e sentei-me ao lado dela.

— Soube que esteve passeando com David, — disse ela. — É muita bondade sua estar-se dando a esse trabalho.

— De modo algum. Encontramo-nos por acaso e gostei muito da companhia

dele hoje de manhã.

Murmurei outros lugares-comuns e ela me agradeceu gentilmente o que insistiu em chamar de bondade minha.

Pediu um drinque para mim e nós conversamos durante algum tempo sobre coisas indiferentes, o calor, a cidade e as lojas. Ela era encantadora e loquaz, mas eu notei que as linhas <le preocupação em torno de sua boca pareciam mais pronunciadas naquele momento e que, sempre que o nome de David surgia na conversa, parecia passar-lhe pelos olhos a mesma somara — seria de cautela? — que havia aparecido no rosto de David quando eu falei do passeio até à arena de Nimes.

— Estou pensando em ir de carro até à Ponte du Gard amanhã, — disse eu afinal. — Depois, talvez vá até Nimes, para ver um pouco mais as vistas.

Se não fizer objeção, posso levar David comigo? Não sei se minha amiga quer ir comigo e gostaria muito de ter a companhia de David.

Ela estava acendendo um cigarro quando eu falei e parou com a chama do isqueiro a alguns centímetros da ponta do cigarro na mais estranha e exata repetição da deliberação de David. Vi-a assimilar o pedido, examiná-lo cuidadosamente, hesitar e, por fim, decidir. Eu não podia absolutamente compreender por que uma proposta como a minha suscitava tantos problemas.

— É muito gentil de sua parte, — disse a Sra. Bristol acendendo finalmente o cigarro. — Tenho certeza de que David vai gostar muito. — Fez então uma careta encantadora. — Essas antigüidades não são para mim...

Gosto das cidades, de ver .gente, de ir a lugares onde a gente se diverte... compreende?

— Compreendo perfeitamente, embora goste das duas coisas- Aprecio muito ver coisas novas. Acho que tenho o turismo na massa do sangue, embora não goste de participar de excursões com muita gente. Mas... posso perguntar-lhe o que está fazendo em Avignon... se não gosta de antigüidades?

Ela voltou a hesitar e me lançou um rápido olhar.

— Não vamos ficar muito tempo aqui. Estamos em trânsito para Monte Cario e resolvemos descansar alguns dias em Avignon no meio do caminho.

— Bem, agradeço-lhe muito o drinque, Sra. Bristol, — disse eu, levantando-me. Tinha avistado Louise, que se sentara numa mesa do canto e estudava o *menu* do almoço. Trocamos mais algumas gentilezas e eu me virei para sair, mas

a alça de minha bolsa se prendeu nas costas da cadeira e eu me voltei para desembaraçá-la. Vi então a Sra. Bristol olhando para mim, com os belos olhos apertados pelo fumo do cigarro e com uma expressão de especulação entre agradada e apreensiva que me intrigou consideravelmente.

Naquela noite, desde que Louise não estava mais disposta a sair do que na noite anterior, deixei-a desenhando num café da praça e subi sozinha as pequenas ruas escuras que iam até ao Palácio dos Papas e os jardins entre os pinheiros, no alto do Rocher des Doms.

Ao contrário da praça principal, a Place du Palais estava quase deserta, com os prédios de três lados vazios e sombrios, enquanto à direita a grande fachada do Palácio se elevava da rocha viva, mergulhado em sombras mas luminoso à luz das estrelas. Fiquei durante algum tempo a olhá-lo e, depois, subi lentamente a longa estrada entre os pinheiros para os jardins que ficam na orla mesma da cidade e são cercados pelas próprias muralhas da cidade.

Poucas pessoas pareciam estar lá em cima naquela noite e' só de vez em quando eu ouvia vozes ou o rumor de passos no saibro do caminho. O ar estava parado e as cigarras se haviam afinal calado, mas os pinheiros mantinham no alto o seu constante murmúrio quase como se no sono eles ainda reproduzissem o som do vento que açoita o rio durante todo o inverno e, no verão, repousa nas ramagens.

Subindo lentamente os sinuosos caminhos do pinheiral, cheguei afinal à orla extrema dos jardins acima do Ródano e encostei à muralha para descansar. Abaixo de mim, a muralha descia verticalmente unindo-se ao sólido penhasco da margem do rio. Lá embaixo, o Ródano deslizava silenciosamente na escuridão.

Tudo estava em silêncio. Mas de repente, de algum ponto atrás de m^m, uma voz de homem disse baixo em francês: — É aqui então que você está!

Voltei a cabeça, surpresa, mas atrás de mim havia uma densa cortina de folhagem e eu nada pude ver. Eu estava sozinha naquele alto canto da muralha. O homem devia estar num caminho mais baixo, escondido pela vegetação. Uma voz de mulher respondeu-lhe: — Está atrasado. Estou aqui há muito tempo. Tem um cigarro?

Ouvi o riscar de um fósforo e, então, o homem disse numa voz que parecia aborrecida: — Você não estava aqui quando passei há dez minutos.

— Fiquei cansada de esperar e saí para dar um passeio. A voz da mulher era indiferente e eu ouvi um arrastar de pé no saibro, como se o homem tivesse feito

um movimento de irritação.

Eu não tinha a intenção de ficar escondida no meu canto enquanto se desenrolava ao alcance de meus ouvidos uma cena de amor e, a essa altura, cheguei à conclusão de que se tinha de passar por eles ao voltar para o caminho principal, seria melhor tratar disso imediatamente antes que se passasse alguma coisa que tornasse a minha presença embaraçosa. Mas, quando dei os primeiros passos, a mulher tornou a falar e eu compreendi de repente duas coisas: a primeira era que a voz era da Sra. Bristol e a segunda, que ela estava com muito medo. Creio que não havia reconhecido a voz imediatamente porque até então eu só a ouvira falar em inglês, mas quando a voz dela se levantou, pontilhada de medo, reconheci-a.

— Aconteceu. — disse ela. — Eu sabia que ia acontecer. Eu sabia...

A voz do homem atalhou-a, incisivamente, quase com rudeza: — Que foi que aconteceu?

— Ele está aqui. Ele veio. Eu tinha de ver você, eu... Ele a interrompeu de novo.

— Pelo amor de Deus, tenha calma. Como é que sabe que ele está aqui?

— Recebi um telefonema esta noite. O carro dele foi visto. Seguiram a pista até Montélimar. Deve estar vindo para cá. Com certeza, descobriu onde é que estamos...

— Loraine...

— Que é que vamos fazer?

Era um sussurro de desespero. Continuei no meu canto encostada à muralha. Não podia de modo algum sair dali. Podia apenas confiar em que eles não saíssem de onde estavam à procura de maior reclusão.

O homem falou então com calma e convicção.

— No momento, nada podemos fazer. Não temos certeza de onde ele esta. Pode estar em qualquer ponto da Provença. Quando é que foi visto em Montélimar?

— Ontem.

Ele explodiu de raiva.

— Mas que idiotas trapalhões! E só telefonaram esta noite?

— Não tinham certeza. Era um grande carro cinza com placa da Grã-

Bretanha. Foi a primeira vez que o viram desde 'Chartres.

— Deviam ter certeza. Para que é que estão ganhando dinheiro?

— Não podemos saber onde ele está? Não posso... não posso mais suportar essa agonia...

— Não, não devemos fazer nada. Em breve, saberemos, disso não tenho a menor dúvida. E, pelo amor de Deus, Loraine, controle-se. Não me devia ter trazido aqui esta noite, você não sabe o que pode estar acontecendo e isto é um lugar tão pequeno. Alguém do hotel...

A voz dela estava transtornada por novo alarma.

— Acha que ele tem alguém no hotel? Acha que...

— Não acho nada. Estou dizendo apenas que não devemos ser vistos juntos. Sabe disso tão bem quanto eu. Qualquer coisa poderia ver-nos, isso poderia chegar aos ouvidos de David e ele, ao que sei, tem muito pouca confiança em você.

— Faço tudo o que é possível...

— Sei que você faz e sei que David não é fácil. Mas não é em David que estou pensando, é nele. Se ele chegasse a saber que havia uma relação entre nós, que poderia eu fazer mais por você? Ele acharia um jeito de me tirar primeiro do caminho e depois...

— Não, por favor!

— Escute, minha cara, deixe de preocupar-se. Prometo que tudo correrá bem. Já a salvei de dificuldades uma vez, não foi? Não a tirei da Inglaterra e com o garoto?

Ela murmurou alguma coisa que eu não pude perceber e ele continuou: —- Juro que vai ser de novo a mesma coisa, ouviu? Bem sei que é horrível para você ficar esperando sem saber o que vai acontecer, mas eu estou em ação e você confia em mim. Não confia?

— Claro que sim.

— Tome. Fume outro cigarro.

Acendeu o cigarro para ela e houve uma pausa.

— Essa maldita polícia inglesa, — murmurou ela amargamente. — Se

tivesse agido como devia, nada disso estaria acontecendo. Ele já estaria morto e acabado. — Repetiu as palavras de uma maneira que me provocou um arrepio no corpo. — Morto e acabado.

— Mas não está, — disse o homem, como se estivesse fazendo um esforço para levar a conversa para um nível menos dramático e mais prático.

— Ele está aqui, na França. E não há motivo algum para que você tenha medo. Afinal de contas, ele nada lhe pode fazer. Tudo o que você tem de fazer é manter a calma e ficar ao lado de David. Acho que está na hora de você voltar. Desça primeiro... Venha até o canto comigo para vermos se há alguém por aqui.

Ele devia ter-se virado para sair, porque a voz dela se tornou de repente mais baixa.

Ela o fez parar por um momento. O tom de sua voz era mais calmo e a nota de medo havia desaparecido, mas, apesar disso, eu podia sentir a tensão em seus nervos.

— Queria perguntar-lhe uma coisa. Aquela nova hóspede do hotel — acho que se chama Selborne — me pediu que deixasse David dar um passeio de carro com ela amanhã. Acha que não há perigo?

Houve outra pausa. Creio que o homem lhe tomou o braço porque os ouvi começarem a caminhar juntos, mas ainda ouvi a resposta dele, antes que não pudesse mais distinguir as vozes.

— Nenhum perigo. Pode ser até uma boa idéia... Descobri que estava apertando com tanta força a pedra do parapeito que as mãos chegaram a me doer. Fiquei imóvel durante algum tempo depois que eles partiram, esfregando as mãos doloridas e pensando.

Não era propriamente agradável saber que em algum lugar nas imediações, talvez mesmo em Avignon naquele momento, estava um homem que era provavelmente um assassino. Se eu havia compreendido tudo bem, tratava-se de um homem tão vingativo a ponto de perseguir a mulher que se havia divorciado dele depois do julgamento e tão perigoso que a enchia de pavor e a Loraine Bristol também. E ela não me parecia uma mulher que se pudesse apavorar com facilidade.

Por que o homem a estava seguindo? Talvez ainda a quisesse e tivesse esperança de uma reconciliação... Não, não pote ser isso; ela não estaria apavorada se fosse apenas por isso.

Quem sabe se ele não estava furioso com o fato de que ela se tivesse divorciado dele e quisesse vingar-se? Não, era absurdo. As pessoas não procedem absolutamente dessa maneira, pelo menos as pessoas normais...

Então devia ser isso, pensei eu, e fiquei atônita... O homem não era normal.

A Sra. Palmei tinha dito que se tratava de um louco e, de fato, nenhum homem normal atacaria o próprio filho... David.

Não era absolutamente Loraine que ele estava perseguindo; era David.

Levei as mãos late jantes ao rosto e pensei em David e em Rommel, seu cachorro, brincando na areia debaixo da ponte e, enquanto pensava, tive um vislumbre da solidão em que vivia o garoto e me senti estarrecida. Eu sabia bem o que era solidão. E sabia que, a despeito de assassinos, de catástrofes, de calamidades, eu teria de fazer alguma coisa.

Desci lentamente o caminho em ziguezague até chegar ao nível da praça do palácio, de sobreaviso ante a possibilidade de me encontrar com a Sra. Bristol, que podia estar à espera em algum lugar para dar alguma dianteira ao seu companheiro.

Quem seria ele? Eu não havia reconhecido a voz baixa, o francês rápido.

Mas tinha certeza de que era alguém do hotel.

Então, na rua estreita e escura que contorna o sopé do rochedo sobre o qual o palácio é construído, vi um homem de pé. Ele não me viu. Estava olhando na direção da praça principal e, quando eu parei na escuridão abaixo dos degraus do palácio, vi-o sair das sombras e descer à rua, perfeitamente visível à luz.

Reconheci-o logo.

Era Marsden.

4

Velhas defesas...

(SPENCER)

Na manhã seguinte, desci com o Riley pela estreita rua principal de Avignon e saí da cidade pela estrada perimetral. Louise estava ao meu lado e no banco de trás iam David e Rommel, em disputa como de hábito sobre a necessidade de atacar todos os gatos pelos quais passávamos...

Contornamos Avignon, seguindo o meu itinerário do dia anterior mas, antes de chegarmos à velha ponte de S. Bénézet, passei com o carro pela estreita ponte pênsil sobre o Ródano. Atravessamos a superfície metálica ondulante e ressoante e seguimos para Villeneuve-lés-Avignon, tomando o rumo do sul para Nimes.

O coração da França Romana... Pensei nas legiões a marchar atrás das suas águias através do impiedoso calor e da poeira, no país desolado e inóspito. A estrada era uma fita branca e poeirenta que se estendia entre encostas de pedras e arbustos. Era uma vegetação que eu em parte reconhecia e cujas folhas verdes e ásperas extraíam uma vida precária entre as gretas da pedra. Aqui e ali, casas acachapadas sob o calor apegavam-se à beira da estrada como a uma tábua de salvação. De vez em quando, um bosque de oliveiras trepava pelas encostas como uma nuvem verde-prateada ou uma barreira de ciprestes se erguia no rastro do mistral. Mas, na sua maioria, as encostas se elevavam quentes e desertas, sem água e sem outra verdura que não fosse da urze e dos arbustos.

— Será que não sentiam muito calor dentro dos capacetes? — disse David, intervindo em seus pensamentos como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. — Mas acho que na Itália o calor é o mesmo.

— E lutavam durante todo o verão, — disse eu. — No inverno ...

— Iam para os acampamentos de inverno, lembro-me disso, — murmurou David. — Na minha gramática latina, quando não iam à cidade comprar pão, estavam sempre retirando-se para os acampamentos de inverno.

— Acho que iam para a costa. Há um lugar muito agradável a leste de Marselha onde César organizou uma espécie de colônia de recreio para os seus veteranos.

— Não são admiráveis os guias Michelin? — murmurou Louise. — Escute, Charity, não gosto de atrapalhar quem está dirigindo, mas já viu aquele ônibus, não viu?

— Como é possível deixar de ver que ele está no meio da estrada? — disse eu secamente.

— É que eu pensei... Como é que se diz "enguiço" em francês?

— *Dépannage.* Ou neste caso, *accident* pura e simplesmente. Ainda não se habituou à maneira francesa de dirigir? Já tinha tempo para isso.

Estávamos rapidamente alcançando um ônibus que estava de fato seguindo pelo centro mesmo da estreita estrada. Mas eu já estava treinada.

Depois de centenas de quilômetros, eu tinha descoberto que o "direito de passagem" significava coisa muito diferente na França e na Inglaterra. Virei para a esquerda, avancei para o ônibus dando a impressão de que ia bater nele e toquei firme a buzina. O ônibus respondeu com uma buzina ensurdecedora e imediatamente virou para a esquerda, bem à nossa frente.

Nem freei. Baixei a mão para a buzina e não tirei mais. O ônibus virou cerca de meio metro para a direita e nós passamos.

Louise deu um grande suspiro.

— Nunca me habituarei a isso!

— Se o chofer tivesse visto a placa da Inglaterra, nunca nos teria dado passagem. Os ingleses são desprezivelmente fáceis de intimidar na estrada.

— Viu quem estava no ônibus? — perguntou David.

— Não. Estava muito ocupada com a direção e não olhei. Quem foi?

— Aquele homem do hotel. Acho que se chama Marsden. É o que se senta na mesa perto da palmeira grande.

— Ah, sim. Já sei quem é.

Tirei o pé do acelerador e olhei o ônibus pelo espelho. Podia naturalmente virar na Ponte du Garde no rumo de Tarascon, mas eu tinha a impressão de que os ônibus Avignon-Tarascon tomavam outro caminho.

Neste caso, aquele ônibus devia estar a caminho de Nimes e Marsden ia nele.

E, depois do que eu ouvira na noite anterior no alto do Rocher des Doms, não me era possível deixar de reconhecer a possibilidade de que Marsden nos estivesse seguindo até Nimes.

Diminuí um pouco mais a marcha. Com um triunfante clangor da buzina, o ônibus alcançou o Riley e pediu passagem.

Olhei pelo espelho e vi na bandeira do ônibus, inconfundível apesar da imagem invertida, a palavra: NIMES.

Pisei de novo no acelerador e corremos pela estrada. Estava tentando pensar, mas a base de que dispunha era muito exígua. Era como se estivesse procurando uma janela por trás de cortinas de teias de aranha e descobrisse que, apesar de tudo, estava escuro do lado de fará e a janela continuava a ser invisível.

Deixei o problema de lado e passei por um pequeno Citroen com redobrado cuidado.

Na Ponte du Gard, paramos à sombra das árvores diante do hotel. Louise começou a arrumar, o que era dela.

— Quer-me fazer um favor, David? — perguntei.

— Pois não. O que é?

— Pergunte no hotel a que horas o ônibus chega aqui, quanto tempo fica e a que horas parte para Nimes. Acha que o seu francês dá para saber de tudo isso?

David saiu do carro em companhia de Rommel e me disse com um assomo de sinceridade: — Perguntar para mim é muito fácil. Compreender o que me dizem é que é difícil principalmente quando se trata de números. Mas vou fazer o possível.

Deu-me um sorriso encantador e saiu correndo para o hotel.

— Não quer mesmo ir até Nimes, Louise?

— Claro que não. Vou descer até à margem do rio e desenhar a ponte... está bem, o aqueduto. Mas, primeiro, vou almoçar aqui no hotel. A que horas pretende voltar?

— Não tenho certeza. A que horas você quer que eu a pegue?

Louise olhou por entre as árvores para o rio, onde podia ser visto um trecho faiscante de pedra dourada.

— Sinceramente que eu não sei. Vamos fazer uma coisa, sabe, Charity?

Não nos vamos prender uma à outra. Vá para Nimes e veja as suas ruínas à vontade. Se eu estiver sentada a uma daquelas mesas quando você voltar, está muito bem. Se não estiver é porque resolvi voltar no ônibus e não se preocupe. Você não vai querer voltar muito antes da hora do jantar e a essa hora eu terei acabado de pintar.

David veio correndo do hotel.

— *Midi-vingt* (meio-dia e vinte), — anunciou ele com ar vitorioso. — O ônibus chega aqui a *midi-vingt,* espera meia hora e chega a Nimes à uma e meia. Era isso o que você queria saber?

— Era, sim. Muito obrigada, — disse eu, olhando para o relógio. — Ainda não é meio-dia e o ônibus só vai chegar daqui a vinte minutos.

Teremos tempo, afinal de contas, de olhar a ponte, isto é, o aqueduto.

Tirei a chave do carro e joguei-a dentro da bolsa.

— Não estou entendendo, — disse Louise, olhando-me com curiosidade.

— Não era uma das coisas que você queria ver? Que é que lhe interessa a chegada do ônibus?

Senti o rubor chegar-me ao rosto. Tinha procedido sem muita cautela e sem compreender que aquilo podia parecer estranho aos outros.

— Nada, — disse eu sem muito jeito. — É que estou pensando no almoço. Vamos almoçar em Nimes e não nos demoraremos muito aqui.

Eu não devia ter medo de que Louise insistisse no assunto. Ela já estava arrumando o seu material de pintura e mal escutou minha resposta. Mas, quando saí do carro, vi que David me olhava atentamente. Era um longo olhar indevassável e eu senti que as estranhas defesas do menino se levantavam de novo.

Mas Rommel deu um puxão forte na sua corda e todos nós descemos para a margem do rio por entre altas árvores, no alto das quais cantavam estridentemente as cigarras.

5

Oh, ensangüentado Richard!

(SHAKESPEARE)

Sempre que penso agora nos acontecimentos estranhos e apavorantes daquelas férias no Sul da França, ocorrem-me logo duas coisas que parecem dominar tudo. Uma delas é o canto contínuo, seco e estridente das cigarras, invisíveis no alto das árvores crestadas; a outra é o aqueduto romano sobre o Gardon, tal como o vi naquele dia de sol ofuscante. Creio que os dez ou doze minutos que David, Rommel e eu passamos a olhar aqueles arcos dourados estendidos sob as águas verdes e profundas do Gardon foram como um breve período de calma antes da tempestade.

Estávamos perto da beira do estreito rio, sobre uma pedra branca amaciada pela água, e olhávamos Louise que se acomodava à sombra de alguns salgueiros no ponto onde o aqueduto se elevava acima de nós, cortando o céu num ângulo agudo. Embaixo dos arcos, as sombras lentas e iluminadas pelos reflexos da água deslizavam até que a pedra batida de sol resplandecia como ouro vivo. Nada se movia senão os preguiçosos reflexos sob os arcos da ponte. As folhas estavam imóveis e o céu se mostrava limpo de nuvens...

O barulho de um motor na estrada acima de nós me sacudiu abruptamente a inércia. Demos adeus a Louise, que quase não nos ouviu, e subimos o caminho poeirento de volta ao carro. Até seguirmos de novo pela estrada de Nimes, nenhum de nós disse uma só palavra.

Por fim, David deu um suspiro e disse: — Apesar de tudo, estou muito contente de ter vindo — Olhou para mim, ficou vermelho e balbuciou: — Quer dizer... eu...

— Não tem importância, David. Tenho prazer de que você esteja contente de ter vindo...

Ele tornou a me olhar e eu senti, mais que vi, que estava sendo submetida a um longo e curioso exame.

— Sra. Selborne...

— Pronto, David.

Ele hesitou. Pude sentir o corpo dele ao meu lado, tenso como o de um corredor que espera o tiro de partida. Então, deu outro suspiro e encostou o rosto ao pescoço de Rommel.

— Nada... Ainda falta muito para chegarmos a Nimes?

E, durante o resto da viagem, conversamos sobre os romanos. Afinal de contas, ele não pediu a minha ajuda. E eu sabia que não devia forçar as confidencias de um garoto da idade dele, principalmente de um garoto que parecia saber exatamente o que tinha de enfrentar e o que devia fazer. Mas, arriscando um olhar para a curva infantil do pescoço magro encostado ao pêlo do cachorro, eu não tinha absolutamente certeza de que ele fossa capaz de enfrentar qualquer situação que surgisse. Sabia também que ele precisava desesperadamente de ajuda. Era ilógico e até hoje não sei explicar exatamente o fato. Mas era o que eu sentia em relação a David. Censurei-me rudemente por ser uma tola. Murmurei mentalmente coisas desagradáveis sobre um complexo materno frustrado, mas conservei os olhos na estrada, falando numa voz calma a respeito dos romanos.

E assim chegamos a Nimes, estacionamos o carro numa rua transversal à Praça da Catedral e almoçamos num restaurante próximo, longe da praça e do lugar onde os ônibus paravam.

— Vamos primeiro à arena, — disse David. — Quero ver o lugar onde guardam os touros.

— Está com vontade de ver uma tourada, não é? Mas não vai haver tourada agora. Só nos domingos à noite.

— Olhe ali um cartaz! Vai haver uma corrida e hoje mesmo, neste domingo!

Olhou-me ansiosamente e eu sorri.

— Não, David. Não posso ir ver uma coisa dessas. E sei que você também não vai gostar. Você é inglês e ficaria certamente do lado do touro.

Pense também nos cavalos...

— É, acho que tem razão... Mas, veja, não é ali?

Subimos a rua em rampa até à enorme curva da arena e demos volta quase à metade da circunferência até darmos com a entrada para aqueles arcos terríveis e

compactos. Comprei entradas e nós seguimos por um corredor sombrio sob as arquibancadas. Havia mais alguns turistas, olhando, conversando, empunhando máquinas fotográficas. Seguimos um pequeno grupo de ingleses e fomos emergir ao sol da arena, nas arquibancadas, que dominavam a grande oval onde as feras e os cristãos se enfrentavam sangrentamente em outros tempos sob o sol implacável. Fui até à borda das arquibancadas e olhei para as paredes que circundavam a arena. Era muito alto para um homem saltar, ainda que estivesse em pânico. David veio para perto de mim. Ele, pelo menos, não era perseguido pela idéia do que acontecera ali. Mas estava muito interessado, com o rosto ver-velho e os olhos brilhantes.

— Que lugar, Sra. Selborne! Vi uma porta com o letreiro TORIL. Acha que é onde ficam os touros? Por que usam nomes espanhóis aqui? Por onde é que os touros saem para lutar?

Apontei para os grandes portões no fundo da oval sobre os quais se lia também em letras brancas a palavra TORIL.

David inclinou-se sobre o parapeito e olhou com atenção, para o chão.

— Ih! Acha que podemos ver as manchas de sangue? Fui para a sombra do início das escadas. O calor que reverberava dás pedras era quase insuportável. Ouvi, lá embaixo, a voz monótona do porteiro que vendia entradas a um novo grupo de turistas. Duas ou três pessoas subiram as escadas e passaram por mim, enquanto outro grupo passava por uma porta que devia levar diretamente à arena.

Encostei-me à pedra fria na sombra e observei David que corria pelas arquibancadas, parando de vez em quando para olhar por cima do parapeito, naturalmente na esperança de ver manchas de sangue. Bem, quando nada, isso afastava a idéia de que o garoto fosse um neurótico. Um sadio desejo de ver manchas de sangue fazia parte decerto do equipamento de qualquer garoto normal.

Fechei os olhos. A voz do porteiro soava de vez em quando. Havia um murmúrio de conversas em francês, em alemão, em americano. Perto de mim, alguém acionou a mola de uma máquina. Mais alguns turistas subiram a escada, falando vigorosamente em alemão. Tive por um momento a impressão de que eu era a única pessoa inglesa ali. Mas essa idéia vaga logo desapareceu porque ouvi lá embaixo na arena gente que falava inglês.

Alguém que passava pela escada deu-me um encontrão e a bolsa me caiu dos dedos frouxos. Abri os olhos sobressaltada e tratei de pegar a bolsa. Mas a

pessoa, uma simpática mulher de cerca de quarenta anos, apanhou a bolsa antes de mim e entregou-ma com um pedido de desculpas num encantador sotaque americano.

— Não, não se desculpe, — disse-lhe eu prontamente. — A culpa foi minha. Estava quase dormindo.

— É por causa deste terrível calor, — disse ela. — Faz bem em ficar na sombra. Vamos, Júnior!

Quando ela se afastou com o filho, percebi que David estava a meu lado.

Falou quase sem fôlego: — Sra. Selborne!

— Que é que há, David?

Ele me agarrava pela manga do vestido. Estava muito pálido e com os olhos arregalados.

— Não se está sentindo bem, David?

— Não, não... é que... — A mão dele em meu braço tremia. Começou a me puxar para descermos a escada. — Podermos sair agora? Não quero ficar mais aqui... Incomoda-se com isso?

— Claro que não. Vamo-nos embora. Eu estava apenas esperando por você.

Ele nem esperou que eu acabasse. Desceu os degraus como se tivesse asas nos pés e saiu pelo portão para a rua quente, acompanhado de Rommel.

Segui-o e, quando o alcancei, perguntei: — Por que não quer ver as outras coisas, David? Por aqui, estamos voltando para o carro. Já quer ir-se embora?

Ele parou por um instante enquanto dobrávamos uma esquina.

— Não... não me estou sentindo muito bem, Sra. Selborne. Acho que é o calor. Vai ficar zangada se eu não for ver as outras coisas com a senhora?

Posso esperar em algum lugar.

— É claro que não vou ficar zangada, David. Mas não gosto de que você não se esteja sentindo bem. Vamos voltar para o carro?

Quando chegamos à praça, ele parou e tornou a olhar para mim. Parecia melhor. Estava ainda muito pálido, mas tinha deixado de tremer e até sorriu para mim.

— Estou bem agora, Sra. Selborne. Vou-me sentar na catedral até que a

senhora volte. Lá dentro, é agradável e sossegado. Não se preocupe comigo.

— Não quer tomar nada? Alguma coisa gelada? Há um café bem aí em frente.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, muito obrigado. Prefiro ir sentar-me dentro da catedral.

— E o cachorro?

— Oh, — disse ele. olhando para Rommel. — Acho que não tem importância. Vou ficar perto da porta e não está havendo nenhuma cerimônia lá. Rommel pode ficar na entrada...

No fim, ele fez o que queria. Vi-o entrar pela porta oeste e afastei-me para ir ver o templo e os jardins. Ninguém parecia ter impedido a entrada de Rommel e a igreja era o melhor lugar que David podia ter escolhido naquele calor. Se ele pensava que a sua indisposição ia estragar o meu passeio, estava muito enganado, pois eu pretendia completar a minha excursão através de Nimes, mas com a maior rapidez possível.

Depois de ver a bela Maison Carrée, segui pela rua pouco limpa ao lado do canal até chegar aos belos jardins que são o orgulho de Nimes. O calor estava tão forte que quando cheguei aos jardins — tão bem dispostos ao lado das lagoas estagnadas e pestilentas — até o meu entusiasmo pelas relíquias romanas tinha começado a fraquejar.

Fiquei por um momento olhando as filas de pinheiros na escarpada encosta que levava à Torre Romana. A ladeira era muito íngreme. As cigarras cantavam nos galhos como loucas. O calor subia do chão em ondas sucessivas.

— Não, — disse eu, firmemente.

Dei as costas à torre e segui diretamente para o pequeno e arruinado Templo de Diana, que fica ao lado de um café onde era possível tomar alguma coisa gelada à sombra das tílias.

Depois de dois copos de refrigerante, senti-me muito melhor. Ainda não podia enfrentar a torre, mas, sendo turista, eu devia, pelo meu próprio respeito, usar o *ticket* dedicado ao Templo de Diana. Levantei-me e passei pelos arcos dilapidados para chegar à pracinha do templo.

Foi como ficar a muitos quilômetros de tudo mais. Atrás de mim, do outro lado dos arcos, ficava o quente mundo branco cheio de gente e de vozes. Ali

dentro, havia um cantinho de. frescura tranqüila e verde. As árvores inclinavam os galhos sobre as altas paredes arruinadas, as sombras se estendiam como tapeçarias sobre os cantos de colunatas e folhagens de fetos, amaciavam todas as fendas e todos os recantos. E silêncio. Um enorme silêncio. Um silêncio com uma qualidade positiva, o que é mais do que a simples ausência de som. Um silêncio que era música.

Sentei-me num fragmento caído de pedra lavrada, encostei-me a uma coluna e fechei os olhos. Procurei não pensar em Johnny... não me adiantava coisa alguma pensar em John-ny... Só devia pensar era no sossego e na solidão e em quanto' me agradava estar ali sozinha...

— Não está passando bem? Abri os olhos, sobressaltada.

Um homem havia entrado no templo, tão silenciosamente que eu não o ouvira aproximar-se. Estava diante de mim, com a testa franzida.

— Que é? O calor? — perguntou ele, com uma espécie de relutante atenção, como se se sentisse na obrigação de oferecer ajuda, mas esperasse com toda a sinceridade que eu não fosse precisar dela.

Eu sabia que havia lágrimas em meus cílios e me senti coma uma leviana.

— Estou bem, muito obrigada, — disse eu com alguma secura. — Estava apenas descansando e gozando o prazer de estar sozinha.

Ele arqueou as sobrancelhas ao ouvir isso e contraiu num sorriso triste os cantos da boca.

— Desculpe.

Levantei-me, sentindo-me ainda mais errada.

— Peço-lhe desculpas também. Não quis... não tive a intenção de ser grosseira. Mas disse a verdade. Não devia ter dito,, mas o senhor me colheu um pouco de surpresa.

Ele não respondeu, mas continuou a olhar para mim. Fiquei vermelha como uma colegial e, sem eu saber por quê, as lágrimas me vieram de novo aos olhos.

— Não costumo ser grosseira com desconhecidos, — disse eu. — Especialmente quando têm a bondade de indagar da minha saúde. Por favor, perdoe-me.

Ele não sorriu, mas disse gentilmente: — A culpa foi minha... que a colhi de surpresa. Não acha melhor fumar um cigarro para se recuperar antes de sair

daqui?

Abriu a cigarreira e, vendo-me hesitar, acrescentou: — Se também não aceita cigarros de desconhecidos, vamos resolver essa situação. Meu nome é Coleridge, Richard Coleridge.

Peguei um cigarro.

— E o meu é Charity Selborne. Embora eu ache que devia .ser Wordsworth.

Ele riscou um fósforo para me acender o cigarro e disse: — Não me diga que já sente que alguma coisa nos liga?

— Não... mas a verdade é que eu pensei por um momento que já nos tínhamos visto em algum lugar. Há alguma coisa conhecida...

Ele me interrompeu, com alguma aspereza na voz.

— Não, nunca nos vimos. E eu não conheço nenhum Selborne além da aldeia de Gilbert White.

Levantei a cabeça, estupefacta.

— Gilbert White?

— Sim. Conhece o livro?

— É claro que conheço. Mas acontece que recentemente alguém ligou meu nome também ao livro e este não é muito lido mais hoje em dia. Isso me surpreendeu ainda mais com David, porque se trata de um garoto.

Acho que devia ter sido mais cuidadosa. Acho que devia ter notado a súbita alteração na voz dele. Mas eu estava ainda confusa, querendo sair dali e falando a esmo.

— David? — perguntou ele.

— Sim, David Shelley. Era nele que eu estava pensando quando disse que meu nome devia ser Wordsworth. Todos os poetas românticos estariam assim .reunidos.

— Onde foi que conheceu esse David Shelley?

Foi então que dei acordo de mim. Parei com o cigarro no meio do caminho sem levá-lo à boca e olhei para ele. A mão com que bateu a cinza do cigarro estava firme e o rosto não mostrava qualquer expressão. Mas os olhos dele tinham um brilho dissimulado que me deu um choque no coração.

Ele repetiu com voz calma, quase com indiferença: — *Onde foi que conheceu esse David Shelley?*

E o homem olhava para mim com os olhos de David.

Shelley... Coleridge... Byron... Eu já sabia. Estava naquele pequeno templo isolado em companhia de Richard Byron, que tinha sido absolvido da acusação de homicídio em vista da insuficiência de provas e que tinha naquele momento a aparência de quem gostaria de estrangular-me.

Ele jogou fora o cigarro e deu um passo em minha direção

6

Fugir-me?

(BROWNING)

— Perdão, *monsieur.*

Richard Byron parou e voltou-se. O porteiro estava à porta do templo, olhando-o com uma espécie de triste censura.

— O seu *ticket.* Não o apresentou, *monsieur.*

Os bigodes compridos do porteiro caíam pelos cantos da boca. Os olhos estavam injetados, mas eu pensei que nunca tinha' visto ninguém com mais prazer. Joguei fora o cigarro com os dedos trêmulos e me encaminhei com a maior displicência deste mundo para a porta. Mas o porteiro deve ter pensado que eu e Richard Byron estávamos juntos porque não me deu passagem.

Enquanto eu procurava às pressas o meu *ticket* na bolsa, Byron entregou o seu com um gesto abrupto de impaciência. O porteiro recebeu-o, olhou-o com o mesmo ar de censura e sacudiu a cabeça.

— Está dilacerado, *monsieur.* E sujo. Não pode ser identificado. Talvez não seja o *ticket* certo...

Richard Byron replicou irritadamente: — Que é que eu tenho com isso? Já estava assim quando' o comprei.

— Onde foi que o comprou?

— Na Maison Carrée.

Alguma coisa se me agitou na memória. Ouvira na arena, entre as pessoas que falavam inglês, alguém protestar contra o mesmo *ticket* quase nas mesmas palavras. David, que estava debruçado no parapeito, olhando para a arena, fora então correndo para junto de mim e me fizera sair de lá.

Estava naquele momento, pálido e trêmulo, escondido na catedral.

David tinha visto o pai e estava escondido como um coelho em sua toca.

Pensando em David, deixei de ter medo de Richard Byron. Apresentei meu *ticket* ao porteiro que o tomou e picotou. Saí então, passei pelas mesas do café e tomei o rumo do canal. Estava pensando desesperadamente num meio de voltar ao carro e a David sem que Byron me visse. Mas os belos jardins se estendiam à minha frente, aberto como um tabuleiro de xadrez, e, depois, havia as ruas longas e retas... Comecei a andar depressa, com a esperança de que o porteiro o detivesse o tempo suficiente... Mas ele devia ter-se entendido com o homem, pois eu mal havia andado cinqüenta metros em direção ao canal quando lhe ouvi os passos atrás de mim e ele disse: — Um minuto, por favor. Voltei-me para enfrentá-lo.

— Escute aqui, — disse eu, procurando falar com voz amável, — foi muito agradável conhecê-lo e muito obrigada pelo cigarro. Mas estou com pressa. Adeus.

Mas ele não me deixou ir. Aproximou-se de mim e disse: — Só lhe quero perguntar...

Tentei dar-lhe o gelo — tratá-lo como se ele me estivesse importunando e sair antes que ele pudesse fazer mais perguntas...

— Por favor, — disse-lhe friamente. — Tenho de ir e prefiro andar sozinha, como já lhe disse.

— Quero falar-lhe.

— Acho que...

— Disse que conhecia um garoto chamado David Shelley. — O rosto dele estava carrancudo e a voz tinha um tom que absolutamente não me agradava. Contra esse ataque direto, senti-me indefesa e fui de novo tomada pelo pânico. Precisava de tempo para pensar e saber o que devia dizer e fazer. — Onde foi que o viu?

— Por que quer saber? — disse eu, sabendo que minha Pergunta era fraca, mas em todo caso me fazia ganhar tempo.

— Eu o conheço. Se ele está aqui por perto, gostaria muito de vê-lo.

Ele... ele é filho de um velho amigo meu e sei que gostaria também de verme.

Pois sim que ele gostaria, pensei eu. O pobre garoto está agora mesmo escondido na catedral como um coelho amedrontado.

— Desculpe, — disse eu. — Mas eu na verdade não conheço o garoto.

Via gente que vinha em nossa direção e isso me animou um pouco. Ele não poderia reter-me, nem fazer uma cena na presença de alguém. Quando os outros chegassem onde nós estávamos, eu me separaria dele e os acompanharia, perdendo-me entre os turistas...

Olhei inocentemente para os zangados olhos cinzentos de Richard Byron.

— Só me encontrei casualmente com ele por ocasião de uma excursão turística... como me encontrei com o senhor. Não sei nem dizer onde é que ele está hospedado.

— Quando foi isso?

— Há dois dias.

— Onde?

A pergunta foi calma, mas eu sentia atrás dela uma intolerável tensão, Era exatamente como David.

— Em Tarascon, — disse eu ao acaso, tendo sem dúvida no espírito alguma lembrança do encontro com o ônibus naquela manhã. Os turistas se aproximavam, mas pararam um instante junto a uma balaustrada para ver a vista.

— Onde em Tarascon? Ele disse se estava hospedado lá?

— Não. Já lhe disse que não sei. Só estive com ele um breve instante enquanto olhávamos... — Senti-me em pânico por um momento. Que era Tarascon? Que era que se podia ver em Tarascon? Ocorreu-me então uma idéia que, nas circunstâncias, tinha um tom irônico de verdade. — ...a catedral.

Vi que os olhos dele se estreitavam de uma maneira que não dava qualquer margem a dúvida. Não era imaginação dessa vez que me fazia ver nele intenções violentas. Se um homem já olhou para alguém com vontade de matar, assim me olhou Richard Byron naquela tarde luminosa entre os belos canteiros de flores dos jardins de Nimes.

Nesse momento, os turistas nos alcançaram e eu me voltei para acompanhá-los. De qualquer modo, eu estava protegida pelo grupo, livre do perigo de trair David àquele homem de olhar duro e assassino.

— Alô! — disse uma voz americana. — Já não a vi hoje na arena das touradas? Onde está seu garotinho?

Era a mulher que me dera um encontrão e me fizera cair a bolsa. Ela sorriu

simpàticamente para mim, mas eu senti a boca seca. Olhei para ela sem responder.

— Mamãe! Quer ajeitar este filme para mim?

Ela tornou a sorrir para mim e correu para onde estava Júnior que lidava com a sua codaque numa mesa de café. Procurei segui-la, mas o homem me agarrou pelo pulso.

— Um minuto, — disse Richard Byron.

Ele me fez voltar para olhá-lo. Obedeci como se fosse uma boneca de cera. Não tinha mais resistência. A pressão dos dedos me fazia doer o pulso e ele me puxou para junto dele. O grupo de turistas passou, conversando distraidamente, sem nos dar atenção. Ele me puxou para trás de um grupo de estatuária.

— Largue-me!

— Esteve então na arena hoje com um garoto?

— Largue meu pulso senão eu chamo a polícia. Ele riu, um riso seco e feio.

— Pode chamar.

Mordi os lábios e fiquei calada. A polícia, as perguntas, meus papéis, meu carro — e eu tinha de sair de Nímes sem tropeços levando David.

Richard Byron riu de novo e olhou para mim.

— É capaz mesmo de chamar a polícia, não é? O que eu quero saber é onde está o garoto que estava com você?

Eu não podia pensar bem e disse tolamente: — A mulher está enganada. O garoto não estava comigo. Eu estava apenas falando com ele. Não era David.

— Ainda mentindo? Estava apenas falando com ele, não foi? Do mesmo modo que falou com David Shelley na catedral de Tarascon?

Fiz um sinal afirmativo.

— Talvez se surpreenda muito se eu lhe disser que Tarascon é uma aldeiazinha insignificante cujo único título à fama é um castelo sobre o Ródano. E, embora deva haver alguma igreja lá, eu nunca a vi.

Fiquei calada. Aquilo era de esperar. Johnny sempre dissera que eu era um fracasso como mentirosa.

— E agora, deixe de conversa e leve-me para onde está David! — disse

Richard Byron.

Segurou-me o braço e me levou pelas escadas. Não falou enquanto descíamos o primeiro lance para os jardins inferiores e eu aproveitei a oportunidade para pensar. Não podia imaginar Por que estava ele agindo comigo dessa maneira e não pretendia perder tempo investigando o fato. Só devia pensar era em desvencilhar-me dele, sair de Nimes e voltar para Avignon sem que ele me seguisse ou visse David.

Uma coisa era certa: se David fugira da arena apavorado ao ver o pai, era porque não queria absolutamente encontrar-se com ele. Desse modo, só importava no momento era sair dali com David. Se ele me tivesse dito isso na ocasião, teríamos partido imediatamente de Nimes. E, depois de ter conhecido Richard Byron, eu sabia que preferia assassiná-lo eu mesma a deixar que pusesse as mãos em David.

Olhei furtivamente para o perfil dele com a sua expressão de profunda amargura e o desagradável franzido da boca. Lembrei-me, então, com um frio no estômago, que a Sra. Palmei-me havia dito que o homem era inteiramente louco e constituía um perigo estando à solta.

Experimentei então uma estranha sensação de irrealidade, como acredito que é comum em pessoas que se vêem em situações fantásticas ou terríveis.

Aquilo não podia estar acontecendo a mim, Charity Selborne. Eu não estava na verdade caminhando pela rua do canal em Nimes, na Provença, com o braço seguro por um homem que podia ser um assassino. Com um homem que me machucara e me ofendera e que parecia ter vontade de me matar.

Essas coisas não podiam acontecer... Tivera Johnny o mesmo pensamento quando o avião dele se despencara em chamas sobre a França?

— Então? — perguntou Richard Byron.

Tinha parado na esquina da rua da Arena e olhava para mim. Eu nada disse e ele franziu iradamente a testa.

— Então? Onde está ele, bela cadelinha?

De repente, zanguei-me gloriosamente. Alguém já descreveu o fato como uma "reação quimicamente útil". Talvez seja. A verdade é que meu espírito se desanuviou de súbito e eu me esqueci de ter medo dele, fosse louco ou não fosse. E soube logo o que tinha de fazer.

Olhei para o fim da rua da Arena e vi lá parado um grande carro cinzento, tal

como o mencionara Loraine. Perto da praça, do outro lado, um ônibus estava parado e eu podia ver na bandeira o seu destino: MONTPELLIER.

Levei então a mão aos olhos, ao mesmo tempo que os meus lábios tremiam.

— Está bem, — disse eu. — Eu estava mentindo porque estava com medo e queria fugir. Mas, de fato, estive com David Shelley na arena.

Ele me apertou mais o braço.

— Muito bem. E onde está ele agora?

— Não sei.

— Agora, escute, moça... Sacudi a cabeça impacientemente.

— Não pode ver que lhe estou dizendo a verdade agora? Ele não quis ir ver a Torre Magne comigo. Preferiu correr a cidade por conta própria.

— Onde ficaram de se encontrar depois?

Hesitei e pude ver que ele estava perdendo a calma.

— Na praça, — disse eu com relutância. Perdão, David, se isso não der resultado!

— Quando?

— A tempo de pegarmos o ônibus. Já estou atrasada por sua causa.

Ele se voltou e correu os olhos pela praça. Não havia nem sinal de David.

— O ônibus de Montpellier, — disse eu, aborrecida. Os olhos dele refletiram satisfação.

— O ônibus está ali parado, — disse ele. — A que horas vai partir?

Olhei para o ônibus, apertando Os olhos.

— É mesmo! — Vi o pessoal do ônibus andando por perto como se dispusesse de todo o tempo do mundo e tomei mais uma chance. — Daqui a cerca de dez minutos. — Olhei para ele e meus olhos se encheram realmente de lágrimas. — E agora, posso ir? Desculpe se o aborreci, mas o senhor me amedrontou.

Ele hesitou e eu procurei não prender o fôlego e demonstrar a minha ansiedade. Afinal, ele me largou abruptamente o braço e disse: — Muito bem. Sinto muito tê-la amedrontado, mas... não me devia ter dito aquelas mentiras. Sinto um pouco de ansiedade por David e pensei que estava procurando afastar-

me dele. Falarei com ele no ônibus.

Seguiu rapidamente pela rua .rumo ao carro cinza estacionado. Fui então calmamente quanto me era possível até à esquina e, então, quando vi que estava longe das vistas dele, corri desabaladamente para a catedral como se fosse uma lebre e tivesse toda uma matilha de cachorros no meu encalço.

Felizmente, não havia ninguém à porta da igreja para verme entrar impetuosamente como quem estivesse com a intenção de cometer um sacrilégio. Encontrei David encolhido num banco lateral com Rommel dormindo aos pés dele. David levantou-se de um salto ao ver-me.

— Não me faça perguntas, David! — disse eu, ofegante. Ele está à sua procura! Vamos para o carro depressa!

Ele me lançou um olhar de medo e de estranheza, mas me seguiu.

Quando chegamos à porta da igreja, parei um instante e olhei para todos os cantos da praça, mas não pude ver em canto algum o grande carro cinza.

Viramos para a direita e corremos com toda a velocidade pelo espaço aberto da praça. Enquanto corríamos, vi pelo canto dos olhos o ônibus de Montpellier manobrar para sair da praça e tomar a estrada. Chegamos então ao nosso carro e tratamos logo de afastar-nos da praça por um labirinto de ruas estreitas.

— Estamos com sorte... — murmurei. — O ônibus de Montpellier saiu cedo... ele vai segui-lo até descobrir, mas a essa hora...

Dois minutos depois, o Riley saía de Nimes e tomava a estrada de Avignon.

7

Nunca...

(BROWNING)

Já estávamos bem longe de Nimes e nenhum de nós tinha falado ainda.

Disse então cuidadosamente: — Viu seu pai na arena, não viu, David?

— Vi, — murmurou ele em voz baixa, sem olhar para mim. Eu também não olhava para ele. Não tirava os olhos do espelho, à espera de ver aparecer na estrada um grande carro cinza com chapas da Inglaterra. — Ouvi a voz dele, olhei e vi-o. Mas não creio que ele me tenha visto.

— E não viu mesmo. Fui eu que denunciei a sua presença por engano.

Encontrei-me com ele no Templo de Diana, lá era cima nos jardins.

— Que foi que aconteceu?

— Bem, ele procurou obrigar-me a dizer-lhe onde era que você estava.

Contei-lhe algumas mentiras e ele me pegou em algumas delas... Nunca tive muito jeito para mentir. Depois, consegui convencê-lo de que íamos tomar o ônibus de Montpellier.

— E ele vai seguir o ônibus?

— É o que estou esperando que ele faça, — disse eu com satisfação. — Montpellier fica exatamente em direção oposta à de Avignon.

— Sei disso.

Alguma coisa no tom dele fez-me olhá-lo com interesse. Ele estava sentado, com Rommel no colo, com os olhos voltados para a frente com uma expressão que eu tive dificuldade em interpretar. Estava ainda muito pálido e havia um ar de tensão em torno das maçãs do rosto, como se a pele estivesse por demais esticada. Os olhos dele pareciam enormes e, quando se voltou para mim, divisei neles sofrimento e uma espécie de exaltação, através das lágrimas que lhe corriam pelas faces. O coração me bateu descompassadamente e eu abandonei todas as reservas. Estendi a mão e pousei-a no joelho dele.

— Calma, David. É tão ruim assim?

Ele não respondeu logo e, quando falou, foi com a voz de novo controlada.

— Como soube de meu pai?

— Soube no hotel. Alguém que havia seguido... o caso reconheceu sua madrasta. Sabia que seu pai podia estar em Nimes?

— Não. Pensei que ele nos podia seguir até aqui, mas não sabia... Achei que nada podia acontecer durante nosso passeio. Não disse que estávamos em Avignon, disse? — Havia verdadeiro terror em sua voz quando me disse isso.

— É claro que não. É muito importante que ele não o encontre, não é mesmo?

Ele fez um sinal afirmativo sobre a cabeça de Rommel.

— Muito importante. É mesmo uma questão de vida e morte.

De algum modo, as palavras dramáticas, proferidas na sua voz infantil, nem par isso eram menos convincentes.

— David.

— Hem?

— Gostaria de falar comigo sobre essas coisas?

— Não sei. Que foi que lhe disseram no hotel?

— Pouca coisa. Apenas o que os jornais disseram na ocasião. Se você tivesse falado comigo logo que viu seu pai em Nimes, nada disso teria acontecido. Do que me disseram no hotel, cheguei à conclusão de que seria indesejável seu pai tornar a vê-lo. Quando me encontrei com ele em Nimes e compreendi que ele é que o fizera sair espavorido da arena, percebi que você não queria que ele o visse. Foi só isso.

O espelho do carro ainda não mostrava coisa alguma senão a estreita fita branca da estrada que se afastava.

— E não há mais nada, — disse David. — Mas há uma coisa que é terrivelmente importante também, Sra. Selborne.

— Que é, David?

— Não conte a ninguém, a ninguém, o que aconteceu hoje!

— Mas como é que posso fazer isso, David? É claro que sua madrasta...

As mãos dele apertaram convulsivamente o cachorro e Rommel ganiu um protesto.

— Não! Por favor, Sra. Selborne, faça o que lhe estou pedindo. Ela ficaria apenas terrivelmente preocupada sem necessidade alguma. Isso não vai acontecer mais porque agora vou ficar sempre no hotel e, de qualquer maneira, daqui a alguns dias partiremos para a costa. Por favor, guarde segredo sobre isso. Se não fosse importante, eu não lhe pediria!

Fiquei em silêncio por um momento e o Riley cantou ao subir uma ladeira. Um pouco à frente, viam-se as árvores e os arcos dourados da Ponte du Gard.

— Está bem, David. Não compreendo bem, mas lhe farei a vontade.

Ainda acho que devia dizer à sua madrasta, mas não direi.

— Palavra de honra?

A pergunta era infantil, mas era inconfundível a ansiedade com que era feita. Sorri para David.

— Palavra de honra.

Houve um breve suspiro ao meu lado e David disse ingenuamente: — Você é muito boa.

— Obrigada.

— Como... como estava ele?

Diminuí a marcha e acompanhei um grande caminhão com placa de Vaucluse. Nada ainda no espelho. Mas vi diante de meus olhos o rosto de Richard Byron, sombrio e zangado, com as sobrancelhas franzidas e a boca apertada, ao mesmo tempo que sentia no pulso as contusões produzidas por ele.

— Pareceu-me muito bem, — disse cautelosamente, — mas naturalmente estava muito zangado e não foi nada simpático. Compreendo que você tenha ficado com medo. Eu também fiquei. Cheguei a pensar...

— Chegou a pensar que ele era louco? — murmurou David. — Pois eu acho que é... ou deve ser. Inteiramente louco.

Chegamos à Ponte du Gard e paramos diante do hotel.

Olhamos para as mesas do terraço e vimos que Louise já havia partido e nós partimos mais uma vez para Avignon. Quase não falamos nessa parte da viagem. Eu olhava para o espelho e dirigia o mais depressa que me atrevia, enquanto

David se sentava ao meu lado com o cachorro no colo. Passamos por Villeneuve-lès-Avignon pouco antes das seis horas e atravessamos a ponte pênsil. Era muito estranho que, depois de estar havia apenas dois dias ali, sentisse a volta para Avignon como se fosse a volta para casa. Creio que, depois dos acontecimentos daquele dia, o hotel era um refúgio, onde podia esconder-me e trancar a porta.

Entrei com o carro diretamente dessa vez pela Porta d'Oulle, sentindo que mais dez minutos de marcha exposta pela estrada perimetral estavam acima da minha capacidade de resistência. Atravessamos rapidamente as ruas estreitas e o Riley entrou na garagem e parou com um suspiro audível no momento em que o relógio da Place de l'Horloge batia a hora.

L'heure de l'apéritif. Louise já devia estar sentada no pátio tomando o seu vermute. Sorri para David e saí do carro.

— Creio que merecemos um banho antes do jantar, não acha? Tivemos um dia muito agradável e sem novidades em Nimes. E você ficou muito impressionado com a arena, se bem me lembro.

Ele sorriu e disse: — Muito obrigado.

Olhei-o atravessar o pátio para o hotel e saí de novo para o carro.

Cheguei quase à porta que dava para a ponte pênsil e, ali, num pequeno café repleto, sentada bem no fundo, junto à parede, tomei um conhaque. Fiquei ali sentada cerca de meia hora, observando a estreita ponte que ligava a cidade a Villeneuve-lès-Avignon.

Mas nenhum carro cinza com placa inglesa passou pela ponte. Ao fim de algum tempo, levantei-me e voltei para o hotel.

Encontrei Louise não no pátio, mas no quarto dela, folheando o seu caderno de desenho. O inevitável vermute estava em cima da penteadeira.

— Só vim mesmo saber se você tinha voltado. Calculei que sim quando não a vimos na Ponte du Gard.

— Voltei logo que a luz começou a mudar. Divertiu-se muito ou foi assada viva?

Tirei os cabelos da testa e me sentei na cama.

— De fato, o calor foi terrível, — disse eu. — Nem me deixou ver tudo.

Não tive coragem de subir até à torre romana. Desenhou bem?

— Mais ou menos. As formas são magníficas, mas não pude captar a luz.

Quando se suprimem os reflexos, os arcos parecem feitos de queijo; com os reflexos, parecem pernas gordas em meias de malha. E não pude encontrar as cores exatas dos reflexos. — Tomou um gole de vermute, olhou para mim e disse: —Não acha que está exagerando um pouco, Charity? Você está abatidíssima. Não se esqueça de que você não é tão resistente quanto pensa.

— Estou muito bem.

— Tenha cuidados, é só o que lhe digo. Não é um clima com o qual se possa facilitar...

— Estou muito bem, — tornei a dizer. — Ou, pelo menos, estarei depois do jantar com o qual estou sonhando.

Fui para meu quarto para trocar de roupa. Não havia tempo para um banho, mas passei uma esponja fria rápida pelo corpo e escolhi meu vestido verde-claro. Olhei para o espelho enquanto escovava os cabelos e vi com surpresa que por baixo do leve tom amorenado minhas faces estavam descoradas. Aproximei-me mais do espelho. Alguma coisa em torno dos olhos e dos cantos da boca que me lembrou vivamente o rosto de David quando se voltou para mim no carro. Parecia haver traços de tensão... e de medo. Não gostei do que vi e tirei o ruge de uma gaveta, aborrecida de que o meu encontro com o pai de David, que eu havia tentado afastar do espírito até que pudesse pensar em tudo sem perturbação, tivesse efeito tão marcado sobre mim. Afinal de contas, a que se reduzira tudo? Um pulso machucado e algumas palavras rudes? O medo natural de uma pessoa de juízo diante de um anormal? Certamente nenhum homem normal teria procedido daquela maneira com uma mulher estranha, ainda que ela lhe estivesse obstruindo o desejo normal de ver o filho.

Passei o ruge de leve nas maçãs do rosto até perto dos cabelos e então passei o pó. Assim estava melhor. Depois, o meu batom coral e o rosto que me apareceu no espelho era bem mais corajoso. Louvado seja Deus pela maquilagem, pensei eu, guardando tudo na bolsa. A gente não só parece melhor, mas se sente melhor e pode até levantar de novo a sua bandeira no alto do mastro. Não pensaria mais em Richard Byron naquela noite. Tinha certeza de que ele não tinha ido para Avignon. David tinha apenas de ficar sossegado mais alguns dias e, então, partir para a costa e certamente a França era bem grande para que um garoto se perdesse dentro dela. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, ainda que eu tivesse ficado com material suficiente para um pesadelo. Mas não me saíra tão mal assim. Peguei minha bolsa e, nesse momento, vi as marcas azuis m meu pulso. Examinei as manchas escuras que os dedos de Richard

Byron haviam deixado em minha carne. Lembrei-me então da minha larga pulseira de prata e fechei-a no pulso, escondendo as contusões.

Com grande aborrecimento, descobri que estava tremendo de novo.

— Que vá tudo para o inferno! — exclamei com uma aspereza alheia ao meu temperamento e fui buscar Louise.

O jantar com que eu havia sonhado foi em todos os pontos tão bom quanto meu sonho. Começamos por melão gelado, seguido da deliciosa *brandade truffée*, um delicioso prato de peixe com trufas. Podíamos com muito prazer ter ficado aí, mas o prato seguinte — uma ave pequena que parecia uma codorna, cozida em vinho e servida com uma guarnição de uvas verdes — teria tentado um anacoreta a quebrar as suas penitências. Depois, *crêpes susette* e, por fim, café e *armagnac.*

Ficamos muito tempo à mesa depois do jantar e, por fim, fomos até à Place de 1'Horloge para tomar mais café e sentar de novo. Louise falou um pouco sobre luz, sobre reflexos e sobre um quadro da Ponte du Gard por Brangwyn que ela vira numa exposição em Londres, mas não prestei muita atenção ao que ela dizia. Não estava nem pensando, de qualquer modo, com alguma utilidade. Limitava-me a ficar ali sentada, tomando café e sentindo-me cansada, muito cansada.

Voltamos para o hotel às dez e meia da noite e encontramos o pátio vazio, à exceção do gato magro ao pé da árvore. Dei boa noite a Louise e fui para meu quarto. A sensação de cansaço persistia e foi com pequenos movimentos mecânicos que tirei o vestido verde, passei creme no rosto, escovei os cabelos e cumpri com todos os ritos da preparação para a cama.

Estava mesmo cansada demais para pensar, e com uma nesga do espírito lembro-me de que fiquei satisfeita com isso.

Por fim, vesti o robe e fui pelo corredor até ao banheiro, que ficava longe de meu quarto no fundo do corredor.

Estava no banheiro e ia fechar a porta quando ouvi um passo rápido de homem pelo corredor. Uma porta se abriu e eu ouvi um sussurro ansioso: — *Loraine!*

Fiquei paralisada. Era a voz do homem que eu tinha ouvido com Loraine Bristol no Rocher des Doms.

— *Loraine!*

— Você! Que é! Que aconteceu?

— Ele está aqui, Loraine! Eu o vi hoje em Nimes!

Houve um som como uma exclamação de terror. Em seguida, a porta se fechou depois que ele entrou e eu ouvi o barulho do trinco.

Fechei a porta do banheiro e encostei-me a ela, com a cabeça girando como um motor cansado.

Marsden. No ônibus para Nimes. Tinha-me esquecido por completo de Marsden.

Tinha de perguntar a David onde era que Marsden entrava no quadro geral das coisas. Saí do banheiro sem fazer barulho e fui até à porta do quarto de Loraine. Havia lá dentro um murmúrio indistinto de vozes.

Continuei na ponta dos pés e dei a volta no corredor e cheguei à porta de David, pensando que talvez Rommel dormisse no quarto com ele e pudesse latir.

Mas não cheguei a bater. Dentro do quarto, havia o som dos soluços desolados de um garoto.

Passei algum tempo ali parada e então voltei para meu quarto.

8

Enquanto eu for eu e tu fores tu / Enquanto nós dois existirmos no mundo... / Enquanto um se esquivar, o outro terá de perseguir (BROWNING)

Levando tudo em conta, até que não dormi muito mal. Fui acordada às nove horas da manhã seguinte por Louise, que bateu na minha porta quando descia para o café.

Levantei-me lentamente e vesti-me. Ainda tinha olheiras no .rosto e as marcas nos pulsos, mas coloquei meu vestido creme de linho e minha pulseira de prata e me senti em condições de enfrentar tudo o que viesse.

Desci para o café no pátio.

David estava lá. Dava a impressão de que não tinha dormido muito bem, mas me cumprimentou com um sorriso alegre, enquanto Rommel, debaixo da mesa, batia o rabo sedoso. Loraine Bristol acendia um cigarro com a ponta de outro. Parecia também não ter dormido bem e as linhas das narinas à boca estavam profundamente marcadas no belo rosto, dando-lhe de repente um aspecto mais velho e mais áspero. Tive pena dela, — Bom dia, Sra. Selborne, — disse ela. — Foi muita bondade sua sair com David ontem. Ele estava-me dizendo agora mesmo como gostou do passeio.

— Para mim, foi um prazer, — respondi. — Nimes é uma bela cidade, embora às vezes não cheire muito bem. Espero que David possa ir dar outro passeio comigo qualquer destes dias.

Vi então David olhar vivamente para a madrasta, que disse: — Muito gentil. Vamos ver. Mas estamos com vontade de sair em breve de Avignon e iremos, então, para Nice.

— Espero que goste de lá, — disse eu. Sorrimos uma para a outra como duas bonecas mecânicas e, depois, fui para nossa mesa e sentei-me.

Enquanto tomava o café com *croissants,* corri os olhos em torno. O casal de Newcastle estava presente e a Sra. Palmer, logo que me viu, fez-me um aceno alegre. Carole ainda não tinha acordado ou, talvez, levava muito tempo para preparar-se. O jovem casal americano, cada qual embevecido no outro, estava

sentado no seu canto. Paul Véry, o francês, não estava no pátio.

Mas Marsden estava sentado à sua mesa perto da grade e comia imperturbavelmente os seus *croissants*-, ao mesmo tempo que lia um livro de versos.

— Na hora do café! — exclamou Louise com assombro. — Um homem que pode ler poesia na hora do café é capaz de tudo!

Pensei que ela devia ter razão, lembrando-me da voz firme que ouvira na escuridão...

— Mais passeios hoje? — perguntou Louise.

— Vou fazer o mesmo que você, — disse eu, servindo-me de mais uma xícara de café.

— Sentar-se à sombra e beber suco de uva gelado?

— Exatamente.

— Cansada?

— Um pouco. Você tinha razão. O calor tirou toda a graça de tudo. Vou ficar em casa hoje e pensar num bom programa para amanhã.

As pessoas começaram então a mover-se enquanto os turistas discutiam o que iam fazer. Os alemães saíram, falando muito, e, logo depois, o casal americano saiu de braço dado. David levantou-se e entrou no hotel com Rommel. Daí a alguns momentos, Marsden entrou também. Loraine Bristol acendeu outro cigarro e continuou sentada. Dei uma desculpa qualquer e levantei-me da cadeira. Talvez pudesse ir naquele momento ao quarto de David e indagar o que ele sabia de Marsden... Queria saber por que Loraine Bristol, se conhecia Marsden e se ele a havia ajudado e a David, nada dissera a David sobre isso. Talvez David se sentisse mais seguro se soubesse que havia um homem em guarda entre ele e Richard Byron.

Enquanto subia as escadas, pensei que era possível que David soubesse, embora não tivesse revelado esse conhecimento no dia anterior quando vira Marsden no ônibus e não tivesse havido qualquer sinal de entendimento entre ele e Marsden, além do reconhecimento distraído de hóspedes do mesmo hotel.

Marsden estava no corredor do andar de cima e, por isso, sem me aproximar da porta de David, entrei no meu quarto e peguei as coisas de que precisava naquela manhã, os óculos escuros, um livro e meu guia Michelin.

Depois de alguns minutos, saí novamente para o corredor, mas descobri que o meu plano de falar em particular com David teria de ser adiado, porque ele, com Rommel e Marsden, estavam juntos a caminho da escada.

— Pensei então em subir até lá hoje, em vez de ir para o rio, — dizia David.

— Vou também para aqueles lados, — disse Marsden. — Posso fazer-lhe companhia?

— Pode, sim...

As vozes se desvaneceram e eu voltei para o quarto, pensando que não parecia que David tivesse conhecimento de alguma relação entre Marsden e os seus assuntos. Ouvi-os então chegarem ao pátio abaixo da varanda e corri para a janela.

— A torre do canto norte, — disse Marsden. — Não sei é como ele conseguiu levar um burro até lá em cima. Já esteve lá?

— Não, — disse David. Vi-o parar ao lado da mesa da madrasta. — Vou subir ao Rocher des Doms, — disse ele. — O Sr. Marsden também vai. Vê-se de lá uma vista maravilhosa da barca. Tem de fazer a travessia amarrada por uma corda para não ser arrastada pela correnteza.

Vendo-os seguir juntos pela Rue de Ia Republique, pensei que dali se tinha também uma vista maravilhosa da ponte pênsil na estrada que vem de Nimes e de Montpellier. E eu não sabia quanto tempo David iria passar naquele dia nas muralhas, procurando divisar um grande carro cinza com placa da Inglaterra.

O dia foi-se arrastando. Louise e eu passamos a manhã nos jardins como havíamos planejado, tomando suco de uva gelado e olhando preguiçosamente os esguichos que giravam regando a grama. Louise pegou então o caderno de desenho e começou a fazer pequenos esboços rápidos e excelentes — das crianças magras e morenas, das velhas sentadas nos bancos estreitos que faziam tricô e tomavam conta delas, dos homens seminus e de calças esfarrapadas que passavam o ancinho no cascalho das alamedas, dos padres que se mostravam, entrando ou saindo, numa igreja defronte.

Peguei o livro que havia levado e tentei ler, mas entre a página e meus olhos flutuavam incessantemente dois olhos zangados e uma boca franzida com súbita fúria assassina. Procurei afastá-los da lembrança e comecei a ler com firme concentração, mas descobri, ao fim de alguns minutos, que estava lendo e relendo a mesma página sem reter uma só palavra e que minha cabeça repetia como um disco estragado o nome que ele me chamara: *cadelinha... cadelinha...*

Tirei os cabelos da testa como se com esse gesto pudesse livrar-me daquelas tristes recordações, mas afinal desisti da leitura e comecei a girar os óculos nos dedos, desejando saber desenhar ou poder fazer qualquer coisa que me afastasse os pensamentos do círculo vicioso em que estavam girando.

— Louise.

— Hem?

— Vamos almoçar?

— Já?

— Está na hora e, de qualquer maneira, já podemos voltar para o hotel, não acha?

Mas, embora ficássemos sentadas muito tempo no pátio depois de um almoço descansado e de alguns cigarros, nem David nem Marsden apareceram. Paul Véry estava no seu canto e sorria para mim ao tomar o seu aperitivo, mas, além dele e de nós duas, de todos os outros hóspedes, inclusive Loraine Bristol, não chegou mais ninguém. Afinal, levantei-me.

— Acho que vou descansar um pouco, — disse eu e subi para meu quarto.

Com surpresa para mim, dormi profundamente por muito tempo e acordei para o fim da tarde, sentindo-me repousada e lúcida. Enquanto me preparava, sentia-me singularmente contente, como se alguma nuvem pesada se tivesse levantado da paisagem. Eu passara por um momento desagradável, que me havia perturbado consideravelmente. Mas aquilo tinha passado, e a lembrança do procedimento furioso e anormal de Richard Byron podia ser relegada para o canto onde se jogam as coisas imprestáveis. Cantei quando fechei a pulseira sobre as marcas roxas e sorri para mim mesma no espelho enquanto escovava os cabelos.

Quanto a David... Bem, um retalho de nuvem persistia lesse ponto, lançando alguma sombra. Mas o vento forte do bom senso logo a dispersou.

O problema de David era sem dúvida trágico, mas relativamente simples.

Havia dois adultos para cuidar dele e, se a conversa no Rocher des Doms tinha algum sentido, Loraine Bristol mais cedo ou mais tarde se casaria com o homem que a ajudava. O único problema era conservar David afastado do caminho do pai e isso não devia ser tão difícil assim. De qualquer maneira, sentisse eu o que sentisse por David, nada podia fazer por ele. O problema era da Sra. Bristol e eu era uma estranha. Ao fim de alguns dias, separar-me-ia de toda

essa gente para nunca mais vê-la. Só havia uma coisa sensata a fazer e era esquecer-me de tudo.

De ânimo tranqüilo ao fim dessas reflexões, fui ao quarto de Louise e encontrei-a ajeitando o cabelo.

— Estou com uma idéia, Louise. Estou-me sentindo inquieta aqui e cansada de não fazer coisa alguma. Vou pegar o carro para ir até Les Baux para passar a noite lá ou talvez mais de uma noite. Quer vir também?

— Les Baux? Que é isso e onde é que fica?

— É uma aldeia arruinada nas montanhas ao sul de Avignon. Creio que deve ser um lugar muito interessante — apenas ruínas, uma aldeia abandonada e uma hospedaria com uma vista admirável. É para onde estou com vontade de ir, longe de tudo e de todos.

Louise largou a escova e o pente e começou a cuidar do rosto.

— Você quer mesmo que eu vá? Ou, melhor, não quer ir sozinha?

— Não me incomodo de ir sozinha ou não. Não é por isso que a estou chamando. Se quer dar o passeio, muito bem. Se não, irei sozinha e muito feliz.

Ela olhou para mim pelo espelho.

— Tem certeza?

— Tenho. Isso quer dizer que não está com vontade de ir?

— Com muita vontade, não. Prefiro arrastar a minha preguiça por aqui mesmo e desenhar. Mas se você...

— Então não pense mais nisso. Foi uma idéia que me deu de repente e está de acordo com o que estou sentindo, mas não tem obrigação nenhuma de me fazer companhia. Vou telefonar para ver se há um quarto vago na hospedaria e, então, irei de carro para jantar lá.

Louise sentou-se para calçar as sandálias.

— Sabe, — disse ela, olhando firmemente para mim, — estive pensando ontem à noite... Será que está havendo alguma coisa de anormal?

— Nada, — disse eu, mentindo sem o menor escrúpulo. —-Eu estava cansada, mas depois do sono desta tarde sinto-me muito bem. Mas o ambiente de Avignon não está dando certo comigo e me deu vontade de ir passar a noite em Les Baux. Não quer mesmo vir?

Louise sacudiu a cabeça.

— Não, muito obrigada. Vá você e se farte de natureza e de fantasmas nas casas arruinadas. Bem, até à volta.

Assim, desci e telefonei para a hospedaria em Les Baux e tive a sorte de encontrar um quarto para passar a noite, com a probabilidade de prolongar a minha permanência até à noite seguinte, se eu quisesse. Sentindo-me mais ou menos como uma pessoa prisioneira que recebe ordem de soltura, corri para o meu quarto, arrumei uma camisola e alguns artigos de toalete na minha bolsa grande, tornei a descer, falei com Madame, despedi-me de Louise e saí para tirar o carro.

Tudo foi tão rápido que eu já estava longe de Avignon e encaminhando-me para Orgon sem ter pensado ainda muito bem no que estava fazendo.

Mas quando pensei, enquanto tocava o carro em boa marcha sob a luz vespertina, ainda me pareceu uma boa coisa a minha decisão. Queria, principalmente, estar fora de Avignon ainda que fosse por pouco tempo.

Queria também ficar sozinha. Estava contente de que Louise não tivesse querido ir comigo embora, conhecendo Louise como conhecia, nem por um momento houvesse suspeitado de que ela demonstrasse vontade de acompanhar-me. A imagem que eu havia formado de Les Baux, a aldeia abandonada da montanha, onde as noites eram silenciosas e as manhãs tão bonitas, era exatamente aquilo de que eu precisava.

Resistia firmemente a pensar em David Byron e quanto a Richard, pai dele, nem me surgiu ao pensamento, salvo quando olhei para o mapa e vi que dentro em pouco estaria entrando na estrada de Tarascon.

A tarde estava caindo e a luz ia-se amortecendo. Em dado momento, tive um último relance das torres de Avignon por trás de mim, acima das árvores.

Em torno de mim, a paisagem se tornava mais selvagem e mais bela, mudando da claridade nua do dia para os tons róseos e purpúreos do crepúsculo. O sol desapareceu, não num concentrado esplendor de fogo, mas numa profunda difusão de luz ambarina, até que as agudas colunas dos ciprestes pareceram estar tremendo contra a claridade e flutuando para o alto como chamas formadas de sombras.

Por fim, o Riley subiu a última ladeira e eu o deixei à frente da hospedaria pouco antes das sete horas.

9

Oi deus, oi deus, de 1'alba! tan tost ve.

(Ah Deus, ah Deus, mas a manhã chega cedo) (POEMA MEDIEVAL FRANCÊS)

A aldeia abandonada de Les Baux, que foi nos tempos medievais sólida e terrível fortaleza, fica bem alta acima das planícies do sul. As ruas de casas arruinadas — pouco mais do que cascas quebradas —, as linhas desmoronadas dos baluartes outrora poderosos, a jóia fortuita de uma janela lavrada do Renascimento envolta em fetos têm uma fantástica beleza toda sua, ao mesmo tempo que algum resquício da tumultuosa e terrível história dos "lobos de Les Baux", os senhores de Orange e reis de Aries, parece ainda impregnar essas fortificações destroçadas. O lugar é bastante selvagem e estranho para satisfazer qualquer pessoa que, como eu, naquela noite, precisava tão urgentemente de sossego e solidão. Com uma surpresa divertida, senti-me lentamente invadida pela melancolia em que os quase-românticos do século XVIII na Inglaterra achavam tão delicado prazer.

Sentei-me perto da janela na sala de jantar da pequena hospedaria, olhando a luz que morria nas encostas distantes e apreciando o meu jantar solitário. Comi bem devagar e já estava quase escuro quando levei meu café e o cálice de *chartreuse* para o terraço e me entreguei ao passado.

Peguei meu livro e reli as *chansons de toile,* que falavam da bela Isabel, da linda Yolande, da loura Aiglentine, que tinham cantado enquanto bordavam nos tempos idos naquela mesma ter.ra. Fechei então o livro e comecei a sonhar, com os olhos nos perfis quebrados e nos terraços cheios de fantasmas da aldeia, tentando calçar as ruas, arrancar os matos e encher tudo de cavalos e homens, de armaduras cintilantes e bandeiras escarlates.

Fiquei sentada ali no escuro até que foi noite fechada. Desci então para o carro e tirei-o da porta da hospedaria, levando-o para perto da estrada.

Deixei-o ali e subi para meu quarto.

Onde tinha eu lido que ver a manhã nascer sobre a aldeia arruinada era um dos grandes espetáculos do mundo? Olhando de minha janela para a escuridão, procurando divisar as formas perceptivelmente mais escuras dos rochedos e das montanhas, cheguei à conclusão de que o livro que eu lera devia estar certo. Queria levantar-me cedo e esperar que o sol nascesse e ver se os espíritos dos reis de Aries saíam de fato em cavalgada ao canto do galo. Par isso, não me despi. Limitei-me a tirar o vestido e os sapatos e me deitei numa das camas. Adormeci quase imediatamente.

Devo ter dormido três ou quatro horas porque, quando acordei e olhei pela janela, não vi a luz da manhã, mas apenas uma leve diminuição da escuridão. Acendi a luz para ver a hora em meu relógio, mas descobri que me havia esquecido de dar-lhe corda. Apaguei de novo a luz, levantei-me e fui para a janela a fim de olhar para fora. O quarto dava para o sueste e bem à minha esquerda eu podia ver o que parecia uma brecha na noite, um suave debrum de luz numa nuvem. O ar estava frio, límpido e silencioso.

Fechei as persianas, tornei a acender a luz e pus o vestido e calcei os sapatos. Lavei o rosto e as mãos na água fria para acabar de acordar. Vesti então o casaco, saí do quarto e desci as escadas.

Apesar de meu cuidado, devo ter feito algum barulho, mas parece que ninguém ouviu ou se incomodou com isso. Afinal de contas, a gente do hotel devia estar habituada aos observadores do amanhecer em Les Baux. A porta da hospedaria não estava trancada, de modo que não parecia haver nada de tangível a temer dos príncipes fantasmas de Orange. Desejando ter uma , lanterna, encaminhei-me com cuidado para as ruínas. Meus pés ^o faziam ruído algum sobre a relva.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada num coto de pedra lavrada. Deve ter sido muito tempo pois, afinal, a minha vigília fez nascer a aurora. Vi as primeiras luzes que anunciavam o sol juntarem-se numa taça de nuvens no oriente, crescerem e transbordarem até que se derramaram como leite da borda dourada para encher a face escura do céu de ponta a ponta. De leste a norte, de novo para o sul, as nuvens se retardaram, as estrelas, tremendo à beira da extinção, luziram no vento da madrugada e os portões do dia estavam a ponto de abrir-se ao som dos clarins...

Senti frio de repente. A agradável melancolia tinha desaparecido e em seu lugar começou a crescer, espontaneamente, o pequeno germe de solidão que, naqueles ermos selvagens, poderia dentro em pouco desabrochar na flor da

desolação. Comecei a desejar violentamente um cigarro.

Levantei-me, espreguicei-me e fiquei por um momento olhando a luz nascente. Esperava talvez inconscientemente que os clarins soassem a sua música estridente através das estrelas.

Alguma coisa se moveu atrás de mim.

Moveu-se e falou.

Virei-me, com o coração batendo aceleradamente...

— Voltei então a encontrá-la, — disse Richard Byron.

Estava a coisa de um metro de distância de mim. À luz ainda incerta, só o podia ver como um vulto na encosta acima de mim, mas eu teria conhecido aquela voz fosse onde fosse, dura e incisiva, com um toque de aspereza e um desagradável subtom de zombaria. Ficou onde estava, acima de mim, e eu sabia que estava tão presa no meu canto de pedra como se estivesse dentro de um quarto fechado. À minha esquerda e às minhas costas, o paredão de rocha e os restos de um sobranceiro baluarte. À minha direita, a descida a prumo para a planície meridional. E, diante de mim, Richard Byron.

Fiquei calada e à espera.

Ele acendeu um cigarro e à luz do fósforo tornei a ver o rosto de meu pesadelo, os cabelos negros caindo sobre a testa franzida, os olhos duros apertados.

O fósforo descreveu um breve arco sobre o penhasco. O cigarro brilhou vermelho quando ele o aspirou.

— Como veio parar aqui? — perguntei, aborrecida porque estava falando com uma voz profundamente alterada.

— Parou para botar gasolina no tanque em St-Rémy. Atravessou a rua e foi tomar alguma coisa num café do bulevar enquanto o pessoal do posto verificava o óleo.

— Foi isso mesmo. Estava em St-Rémy.

— Claro que estava. Tomava também alguma coisa enquanto viam meu carro. Fui para o posto e esperei por você, mas quando a ouvi perguntar o caminho para Les Baux, eu sabia que não havia muita urgência e preferi esperar. Vim até aqui. Não é um lugar tão público quanto St-Rémy e nós dois temos um assunto para discutir, não temos?

— Acha?

— Sabe muito bem disso, cadelinha. Onde está David? Estávamos de novo na situação anterior, com a diferença de que, para mim, a questão estava ligeiramente mais clara. Eu sabia que não ia dizer-lhe onde David estava, mas sabia também uma coisa que dantes havia apenas suspeitado. Ele era louco e não hesitaria diante de coisa alguma para conseguir o que queria.

— Onde está David?

— A estas horas, deve estar na cama dormindo.

Ele teve um gesto de impaciência e eu senti um aperto na garganta.

— Você sabe o que eu quero dizer. Onde está ele?

— Não lhe vou dizer, — declarei categoricamente.

Se ele se enfurecesse com isso, pior para mim. Mas eu julgava melhor dizer a verdade diretamente do que prevaricar.

Ele ficou em silêncio por um momento e eu vi o cigarro brilhar de novo duas vezes em rápida sucessão.

A pergunta seguinte dele me colheu inteiramente de surpresa.

— É dinheiro que você quer? Se é, quanto?

— Não preciso de dinheiro, — respondi quando pude falar. — Que é que me vai oferecer? Trinta moedas de prata?

Pude ver que me olhava fixamente dentro da escuridão. Aspirou de novo o cigarro.

— Mas não recusaria um cigarro, — acrescentei.

Ele tirou um cigarro do bolso, acendeu-o e entregou-o com o braço estendido, dando apenas um passo à frente.

— Por que isso? — perguntei. — Está com medo de que eu o empurre pelo precipício se chegar mais perto?

— Escute, minha cara, — disse Richard Byron com voz calma. — Não nos adianta nada continuar assim. Quero saber onde está David. Você sabe e não me quer dizer. Muito bem, terei de obrigá-la a dizer-me.

O cigarro não me havia servido de muito, afinal de contas, e eu o joguei pela borda do penhasco. O breve instante em que eu tivera a iniciativa havia

terminado e ele estava atacando novamente.

Eu disse então com mais coragem do que estava sentindo: — E como é que pretende obrigar-me, Sr. Byron? Com torturas? Não tem mais idade para isso, sabe?

— Palavra que gostaria de tentar! — exclamou ele, transtornado. — Não sei o que farei se puser de novo as mãos em você. Como eu gostaria de torcer esse lindo pescoço!

— Onde foi que aprendeu? Na Gestapo? — murmurei, mas sentindo a voz trêmula.

— Talvez. Já vi fazerem isso e também com mulheres. Quase sempre, dá resultado.

— Não seja bobo, — disse eu. O terror de pesadelo já me estava dominando com a sua onda gelada. Já via o homem um pouco melhor, silhuetado contra o céu do nascente. — Se mover nem que seja um dedo em minha direção, acordarei todo mundo com os meus gritos.

— Não se preocupe que não lhe vou fazer nada, por enquanto, pelo menos. Mas acho que as coisas devem ficar bem claras entre você e mim.

Jogou fora o cigarro com um movimento brusco que me repercutiu no íntimo, provocando uma breve convulsão de medo. Encostei a mão na pedra e senti-a escorregar. Estava molhada de suor.

Richard Byron falou sem pressa, mas a voz dele me deu a impressão de um martelar sobre aço.

— Creio que deve saber quem sou eu. Disse-lhe que era amigo de David.

Isso não é verdade como decerto já adivinhou. Sou o pai de David e isso parece dar-me o direito de saber onde ele está.

Eu nada disse. Continuei encostada à pedra, procurando vencer a mesma sensação de irrealidade que havia experimentado nas ruas de Nimes. E

procurava vencer também as ondas de náusea e vertigem que me pareciam vir em rápida sucessão da escuridão circundante.

— Com toda a certeza, disseram-lhe, — continuou Richard Byron, — que eu já matei uma pessoa — e me saí muito bem. Dizem que da segunda vez ainda é mais fácil. E eu, sem dúvida alguma, mataria hoje com a mesma facilidade com que beberia um copo de água para reaver meu filho.

Os portões do oriente abriam-se às costas dele. Os clarins da alvorada tinham soado e eu nem os ouvira... Puros e penetrantes os primeiros laivos de claridade se espalhavam pelo céu. Mas encontraram a resistência de uma vaga de negrura que se elevava do chão aos meus pés... Eu estava caindo...

Agarrei-me às pedras e elas me fugiram das mãos... O mundo todo estava fugindo de mim, fugindo do sol...

De muito longe, uma voz falou no meio da escuridão.

— Nada seria mais fácil do que matar...

Estendi as mãos num gesto inútil e a sombra dele se estendeu sobre mim e desceu como um falcão. Desmaiei.

Eu estava enterrada e tinham posto uma pesada pedra em cima de mim.

Mas eu não estava morta e forcejava por levantar a pedra, mas tinham-me amarrado também as mãos e eu não me podia mover... não podia nem abrir os olhos. De repente, a pedra se afastou por si mesma e eu pude mover um pouco a cabeça e as mãos no silêncio e na escuridão. Eu devia ter chorado ou tinha morrido afogada? O rosto estava molhado e frio...

Lutei para recuperar a consciência e abri os olhos para descobrir que a escuridão era real, como o eram as lágrimas em meu rosto. Lágrimas?

Estendi a mão tateante e vi que não apenas as faces, mas também a testa e os cabelos estavam molhados... Tinham jogado água em mim. Tinha sido isso.

Eu havia desmaiado e alguém me jogara água no rosto para fazer-me voltar a mim.

Girei vagamente a cabeça. Estava deitada numa cama ao lado de uma janela cujas persianas barravam a luz ainda fraca da manhã. Olhei para o quarto. Vi o vulto da cômoda... de outra cama... Alguém estava deitado nela, fumando. Vi a brasa «o cigarro avivar-se e esmaecer, avivar-se e esmaecer.

Murmurei: — Johnny?

A voz que me respondeu afugentou o sonho e fez a realize voltar impetuosamente.

— Já voltou a si, hem? Quem é Johnny? Está metido nisso também?

Levei algum tempo calada e, por fim, disse: — Não pode fazer o que está fazendo.

— Que é que estou fazendo?

— Não pode ficar dentro deste quarto. Por que não me deixa em paz?

— Bem, é uma maneira mais confortável de vigiar você. E vou-lhe dizer por que não a deixarei em paz. Você é o meu único laço com David e eu não a deixarei enquanto não conseguir o que quero.

— Mas este quarto é meu. Não acha que a gente da hospedaria vai querer saber quem é o senhor? Nem na França se pode invadir o quarto de uma mulher contra a vontade dela. E se eu começar a gritar?

— Pode gritar, — disse ele, sorrindo e levando o cigarro aos lábios.

É claro que eu não ia gritar. Podia calcular perfeitamente as conseqüências — confusões, explicações, recriminações, talvez a polícia, depois nomes e endereços... Não, eu não podia gritar.

— De qualquer maneira, sou seu marido, — disse ele rindo. — Cheguei aqui bem tarde e não quis perturbar seu sono. Não imagino que tenha pedido um quarto de solteiro. Todos os quartos aqui têm duas camas.

— Que é que pretende fazer?

— Vou agarrar-me a você como uma sanguessuga, como um amante.

Ele se acomodou melhor na cama e eu me senti tão exausta que nem tive medo. Lembrei-me com satisfação de que, ao registrar-me, não tinha dado o meu endereço anterior e tinha dito simplesmente "em trânsito". Ele na hospedaria não conseguiria informação alguma.

— Não parecerá um pouco estranho que cada um de nós tenha chegado em seu próprio carro?

— Não vim com o meu até cá em cima, — disse ele. — Deixei-o perto de quinhentos metros abaixo, escondido atrás de uma curva. Quanto a isso, não se preocupe.

Não me dei ao trabalho de dizer-lhe como isso pouco me preocupava.

Voltei-me para a janela e virei o travesseiro, com o lado molhado para baixo.

Eu nada podia fazer e o bom senso me dizia que, se queria obter informações de mim, Richard Byron não me iria matar enquanto eu dormisse. Não se arriscaria a qualquer coisa que se aproximasse da violência, naquela hora em que havia gente por perto a quem eu pedisse socorro e em que, se eu estivesse suficientemente amedrontada, poderia provocar até a intervenção da polícia.

Tirei os sapatos, embrulhei-me no casaco e me encolhi para dormir com as costas para a outra cama.

— Quem é Johnny? — perguntou Richard Byron.

— Não quero falar com o senhor. Vou dormir.

Ouvi as molas da outra cama rangerem. Fiquei inquieta à espera do que ia acontecer, mas ele devia ter apenas seguido a minha sugestão e procurava dormir também.

Com uma vaga surpresa, adormeci.

10

E a Caridade foi tangida pela mão do Rancor.

(SHAKESPEARE)

Acordei num quarto vazio e inundado pela luz do sol através das persianas, enquanto do terraço abaixo da janela havia um brilho reconfortante de pratos e talheres. Durante um longo instante sonolento, não compreendi por que estava tão mal deitada em cima da colcha e embrulhada apenas no casaco. Lembrei-me então e o sono fugiu imediatamente e eu me voltei para olhar para a outra cama. Não tinha sido um pesadelo o estranho encontro entre as ruínas, meu desmaio, a implacabilidade do homem que ia agarrar-se a mim como um amante — eu via a marca deixada pelo corpo dele na outra cama e o cinzeiro cheio de pontas de cigarro na mesinha entre as duas camas.

Levantei o corpo e sentei-me na cama com as pernas para fora. Sentia o corpo um pouco dolorido da posição forçada em que dormira e cansada como se não tivesse dormido o suficiente, mas, a não ser isso, as aventuras da noite não pareciam ter-me afetado muito fisicamente. Mas sentia a cabeça em inteira confusão. Onde estaria Richard Byron naquele momento? Que iria fazer ele? E como poderia eu livrar-me dele?

Fui até à porta, tranquei-a. Tirei o casaco e o vestido e me lavei, batendo depois água fria no rosto até que a pele doeu e eu me senti revigorada.

Escovei com força os cabelos e, depois, sacudi o vestido verde, dando graças aos céus e aos cientistas que haviam criado as fazendas que não encolhem, pondo-o em seguida no corpo. A rotina habitual de ajeitar o rosto e os cabelos contribuiu consideravelmente para restabelecer-me a confiança.

Conseguiria de qualquer maneira livrar-me dele, voltaria a Avignon, convenceria Louise com algum pretexto e iríamos passar o resto das férias em outro lugar, pelo menos até que Loraine e o garoto tivessem partido para a costa. Na pior das hipóteses, se eu não pudesse livrar-me dele, poderia despistar meu inimigo, afastando-o de Avignon... embora não pudesse conter um pequeno arrepio de medo ante a idéia do que ele poderia fazer se eu voltasse a enganá-lo.

Fosse como fosse, devia estar preparada para tudo o que pudesse acontecer, à

espera de alguma oportunidade. Guardei o livro, os óculos escuros, a escova de dentes e todos os meus pequenos objetos na grande bolsa, corri os olhos pelo quarto para ter certeza de que não me esquecera de nada, passei o casaco pelos ombros, abri a porta e saí para o corredor.

Richard Byron estava à minha espera ao pé da escada com 0 inevitável cigarro. Quando eu hesitei em olhar para baixo, ele olhou para cima e me deu um bom dia irônico.

— Dormiu bem? — perguntou ele, quando me aproximei — Se somos marido e mulher, você devia saber. Quer-me dar um cigarro?

Ele me acendeu um cigarro e nós saímos para o terraço. Uma ou duas pessoas estavam tomando café ainda, mas eu tinha acordado tarde e muitas pessoas haviam saído já para visitar as ruínas ou haviam partido em seus carros.

Ele me seguiu a uma mesa na borda do terraço e puxou uma cadeira para mim.

Sentei-me à sombra, sem olhar para ele, nem falar, e fiquei olhando a fumaça do cigarro que subia para as folhas das trepadeiras que tomavam as paredes do terraço. Passamos alguns minutos em silêncio, mas não era o silêncio reconfortante da camaradagem. Eu sentia os olhos dele no meu rosto e tinha intensa consciência de sua presença do outro lado da pequena mesa.

Entre nós, o ar fervia positivamente de perguntas que não eram feitas e respostas que não eram dadas.

Continuei a olhar a fumaça de meu cigarro até que o garçom chegou com café e *croissants.*

O café estava bem quente e gostoso, com um cheiro deli-, cioso.

Coloquei açúcar na xícara amarela e mexi lentamente, gozando o aroma e o aspecto do café com creme.

— Quer pão? — perguntou Richard Byron, oferecendo-me a cesta em que os *croissants* quentes repousavam sobre um guardanapo de papel.

Havia nesse gesto atencioso e familiar algo que de repente me fez ainda mais consciente da situação estranha e desagradável em que eu estava profundamente mergulhada... Peguei um pão sem olhar para ele, mas a memória se alvoroçou... Johnny me passando as torradas, a geléia... Mordi os lábios. Johnny nunca me parecera mais distante, mais desaparecido, numa palavra, mais morto.

Eu estava sozinha. Qualquer ajuda que pudesse ter só viria de mim mesma e eu sabia muito bem que não era da massa de que se fazem as heroínas. Estava apenas amedrontada, confusa e profundamente irritada com a situação em que me encontrava e da qual não tinha a menor culpa.

Por isso, comia o pão e olhava para a distância dourada da planície ao sul, sem fazer realmente quaisquer planos. A cada gole do café quente e cheiroso, sentia-me melhor, mas meu cérebro estava entorpecido e eu procurava não olhar para Richard Byron para que ele não visse como eu estava com medo. Mas pensei ao mesmo tempo que, se ele ainda não sabia que eu entrava em pânico sempre que ele se aproximava de mim, devia ser um débil mental.

Débil mental ou louco? O café de repente perdeu todo o gosto e eu coloquei a xícara tremulamente no pires. Aquilo era o centro sem dúvida...

Até uma heroína tem direito a ficar com medo de um louco, que ainda pouco antes ameaçara matá-la. Tinha de fugir, não sabia como, mas tinha de fugir.

Olhei então para meu carro, que ainda estava no lugar onde eu o havia deixado, voltado para a ladeira, a cerca de cinqüenta metros da escada do terraço. Lembrei-me então do que Richard Byron tinha dito em meu quarto...

Deixara o carro dele mais abaixo na estrada, afastado da pista. Se eu pudesse de algum modo chegar ao meu carro sem ele e ganhar uma dianteira, poderia fugir. O Riley era rápido e digno de toda a confiança. Eu não tinha percebido em Nimes qual era a marca do carro dele, mas sabia que o Riley podia superar qualquer carro na mesma categoria. Eu havia enchido o tanque na noite anterior e trocara o óleo. Tinha tudo comigo ali na bolsa... Só precisava era de um pouco de coragem.

E se Richard Byron se tinha apresentado como meu marido, era a ele que cabia dar as explicações e pagar a conta.

Meu coração começou de novo a bater com força e eu não me atrevia a olhar para ele. Abri a bolsa, ostensivamente à procura de um lenço, mas na realidade para ver se estava mesmo com as chaves do carro. Tirei o livro de poesia provençal e deixei-o em cima da mesa enquanto procurava na bolsa por baixo da camisola. Peguei afinal as chaves e transferi-as para um compartimento mais em cima, de onde poderia tirá-las com mais facilidade.

Depois, tirei o lenço e um cigarro, guardei o livro e fechei a bolsa.

Richard Byron acendeu um fósforo para mim e estendeu-o por cima da mesa. Procurei não olhar para ele, mas alguma coisa me fez levantar o rosto e eu lhe

notei uma expressão curiosa no rosto.

— Que foi que veio fazer aqui? — perguntou ele. Procurei responder displicentemente: — Que é que se pode vir fazer aqui? Vim ver o covil dos lobos de Orange.

— Não pude compreender ainda a sua participação em tudo isso. E quem é Johnny.

— Não lhe interessa. E não estou com vontade alguma de falar-lhe. Não me sinto bem nesta manhã.

Vi a mão dele fazer um gesto abrupto de impaciência e ele se conteve e calou alguma coisa que ia dizer. Estávamos a sós no terraço e até o garçom havia desaparecido. Um casal de turistas desceu da montanha, parou por um instante à sombra do terraço e continuou o seu caminho sob o sol. A mulher estava vestida de branco e tinha uma bolsa vermelha na mão. O homem, de calções caqui e camisa de linho branco, levava uma enorme máquina fotográfica. Estavam rindo. Passaram por nós abaixo do terraço e seguiram para as ruínas, desaparecendo por trás de um alto paredão de rocha. Com eles, o mundo normal se desvaneceu e eu fiquei de novo sozinha com Richard Byron, colhida no círculo sombrio do seu inferno pessoal.

Continuamos ali dentro do silêncio quente, enquanto a luz do sol se movia numa fração de espaço e se concentrava sobre a ponta de minha sandália. De repente, uma cigarra começou o seu canto seco e ritmado.

Joguei fora o cigarro fumado pela metade e apoiei a testa na mão.

— Ainda há café? — perguntei, como se estivesse sentindo alguma coisa.

— Não. Já acabou. Alguma coisa? Sacudi a cabeça.

— Nada. É que...

Deixei a voz, morrer e não disse mais nada.

Houve outro breve silêncio, durante o qual eu podia sentir que ele olhava para mim. Senti a confusão e a desconfiança que devia haver no olhar dele, mas eu tinha dessa vez uma vantagem que não tivera em Nimes. Não havia dúvida possível sobre a autenticidade de meu desmaio naquela madrugada e o meu aspecto não indicava que eu estivesse passando nada melhor. Levantei a cabeça e olhei para ele, sabendo que os meus olhos estavam vermelhos e com olheiras e que, sob o batom coral, os lábios estavam secos.

— Estou bem, — disse eu, — mas quer fazer o favor de pedir ao garçom um copo de água ou, melhor, um conhaque?

Não sabia muito bem o que pretendia fazer. Tinha a idéia vaga de convencê-lo do fato de que eu estava passando tão mal que me seria impossível fazer uma tentativa de fuga. Creio também que, com a lembrança de romances de aventuras que tinha lido, brinquei com a idéia de jogar o conhaque nos olhos dele e correr antes que ele pudesse recuperar-se.

Mas, subitamente, a oportunidade se apresentou e eu, pelo menos daquela vez, tratei de aproveitá-la como se fosse realmente uma heroína.

Richard Byron chamou o garçom, tornou a chamar. Eu continuava jogada em minha cadeira, numa completa indiferença. Mas o garçom, ou porque não tivesse ouvido ou porque estivesse muito ocupado para atender-nos a nós que tínhamos descido tão tarde, não apareceu. Depois de chamar várias vezes e de olhar para a portaria deserta para procurá-lo, Richard Byron, com um último olhar demorado para mim, entrou no hotel.

Era toda a dianteira de que eu precisava.

Enquanto atravessava correndo os cinqüenta metros entre o terraço e meu carro, peguei as chaves. Levei três segundos para abrir a porta e sentar-me atrás do volante. O bendito motor começou a funcionar imediatamente e o Riley arrancou pela ladeira no momento em que eu soltei os freios.

Quando o carro ganhou velocidade, vi pelo canto do olho Richard Byron, que saía da porta da hospedaria com a *patronne.* Quando o carro venceu a primeira curva, vi a *patronne*, gesticulando muito, agarrar a manga de Byron, que teve de voltar-se e falar com ela...

Ele que se explicasse, pensei, começando a rir. Teria de explicar por que a mulher fugia assim sem uma palavra. Teria de consertar a confusão que ele mesmo criara e, ainda por cima, pagar a conta.

O Riley desceu a ladeira, dobrou outra curva e vi então ali, um pouco afastado da pista, um grande carro cinza. Era um Bentley.

Tinha de ser um Bentley, pensei alarmada. Com aquele carro, ele me podia perseguir implacavelmente. Pensando que devia tomar alguma providência drástica, freei o carro. Saí de meu carro, com a idéia de furar pneus, tirar velas ou praticar qualquer outro ato de sabotagem. Mas havia uma garagem no hotel e algum mecânico que poderia dar jeito em tudo isso em pouco tempo. Pensei no que devia fazer enquanto corria para o carro cinza. Levantei o capo, sem deixar

de prestar atenção à estrada atrás de mim.

Ocorreu-me automaticamente o que eu devia fazer. Johnny me havia ensinado um meio de imobilizar um carro durante a guerra, quando tínhamos de deixar nosso carro parado durante horas enquanto se realizava uma festa num posto da RAF e qualquer dos jovens oficiais não hesitaria um instante em pegar o carro de um companheiro para dar uma volta com uma pequena dentro do *blackout.* Era um método interessante, que dava um defeito difícil de perceber e que podia dar um bocado de trabalho... E muito simples.

Desatarraxei a tampa do distribuidor, rodei um dos parafusos cerca de uma volta e meia com a minha lima de unhas para interromper o contato elétrico, tornei a atarraxar a tampa, baixei a tampa do capo e corri de novo para o Riley, fazendo tudo isso em menos tempo do que gastei para contar.

Sentia as mãos trêmulas e úmidas no volante, mas quando o carro se lançou pela estrada, comecei a sentir-me melhor. Desci uma rampa com uma rapidez de elevador, segui por uma reta, dobrei uma curva e já estava bem longe... Enquanto isso. ele ma perder muito tempo para saber por que o Bentley não dava partida se tudo estava aparentemente intacto.

Cheguei afinal à boa pista da estrada de Tarascon. Virei Para a direita em St-Rémy, passando por algumas ruas secundarias para despistar e, então, tomei o rumo de leste, cantarolando pela estrada, com o coração cheio de alegria.

11

Sai, perseguido por um Urso.

(SHAKESPEARE)

Qualquer lugar menos Avignon. Eu poderia tê-lo despistado e esperava que ao menos o tivesse retardado consideravelmente, mas não me podia arriscar a conduzi-lo diretamente a Avignon e a David. Por isso mesmo, não poderia voltar a Avignon, de onde a minha pista, fosse eu para onde fosse, seria um livro aberto. Segui com o carro à velocidade que me pareceu prudente nas estradas estreitas e acidentadas, entre as suas altas sebes de espinheiros e ciprestes, pensando no que devia fazer.

Iria para tão longe quanto possível e, então, telefonaria para Louise, a fim de dizer-lhe o que sabia e pedir-lhe que arrumasse as malas e fosse para perto de mim. Ela poderia alugar um carro, que eu pagaria. Isso lhe pouparia o transtorno de viajar em trens superlotados com a bagagem de duas pessoas.

Mas onde iria ela encontrar-se comigo? Pensei nisso enquanto atravessava com o Riley uma ponte estreita e que não me pareceu muito segura. Cheguei então à conclusão de que a solução mais simples seria a melhor: Marselha. Sempre tinha ouvido dizer — e isso me parecia suficientemente lógico — que uma grande cidade era o lugar mais fácil para uma pessoa se esconder e Marselha, perto da qual eu estava, era uma das maiores cidades da França. Além disso, Louise e eu tínhamos mesmo a intenção de passar dois ou três dias em Marselha e nada seria mais natural do que eu lhe pedir que deixasse Avignon e fosse encontrar-se comigo em Marselha.

Logo que tomei a decisão, o Riley chegou a uma pequena vila do interior, que se chamava, segundo me mostrou um sinal na estrada, Cavaillon. Entrei por uma pequena rua e parei o carro. Depois que baixei a capota e prendi-a, sentei-me de novo no carro e peguei o mapa.

Vi que, para ir para Marselha, eu não deveria ter atravessado o rio, mas virado para o sul em Orgon, entrando na estrada principal para Marselha. De qualquer maneira, teria de voltar por grande parte do caminho que já havia feito.

Fiquei ali, olhando para a rua estreita que ia dar na rua principal da vila e pensando no que devia fazer. Se eu voltasse pelo mesmo caminho e Richard Byron tivesse dado com a minha pista, eu iria cair diretamente nas garras dele. Se, por outro lado, ele não tivesse seguido propriamente o meu rastro, viria decerto pela estrada principal e, se eu tomasse esse caminho, iria do mesmo modo cair-lhe nas mãos. Eu sabia que ele tinha apenas essas duas alternativas e eu também.

Continuei sentada ao volante numa agonia de indecisão. Duas alternativas... e eu estava perdendo tempo. Olhei de novo para o mapa, procurando desesperadamente outros itinerários para Marselha. Ao fim de tudo, só três coisas me pareceram possíveis. Poderia arriscar-me e voltar por um dos dois caminhos através do rio Durance, ir para leste, através de Apt, na estrada 100, por um caminho complicado e cheio de rodeios ou voltar para Avignon.

Essa última hipótese era impossível e eu a excluí de saída. E estava cansada de arriscar-me. Não queria mais confiar na sorte. Não iria atravessar o Durance e encontrar-me de novo com Richard Byron. Iria para leste e seguiria o caminho mais comprido para a costa. Com o coração pesado, dobrei o mapa e dei partida no Riley. Continuei pela rua que mal dava passagem para o carro. Era mal calçada e mostrava poças lamacentas onde gatos magros passeavam e outros encolhiam-se nas sarjetas. A pintura das paredes das casas estava descascada e as janelas empenadas pendiam de dobradiças enferrujadas. Fui em marcha lenta até à estrada principal.

Pisei então os freios e tremi dos pés à cabeça.

No trecho banhado de sol da estrada principal ao fim da ruazinha estreita, um grande carro cinza passou velozmente, dirigindo-se para a estrada 100.

Era o Bentley.

Minha primeira reação foi absurdamente de admiração pela rapidez com que ele tinha chegado ali, apesar de minha sabotagem. Depois, senti exultação. De qualquer maneira, a estrada Je Orgon não apresentava mais perigo e eu podia voltar por onde viera. Levei o carro até ao fim da ruazinha, freei de novo e, saltando, fui olhar a .rua principal de Cavaillon.

O sol estava ofuscante. A rua era estreita e estava cheia da habitual multidão das feiras nas cidades do interior da França. Havia muitas mulheres com cestas e bolsas de compras circulando por entre barracas abarrotadas de melões, vagens, laranjas e berinjelas roxas. Havia carroças puxadas por animais, caminhões e carros luzidios. Havia cachorros, crianças e homens seminus de boina e calças

azuis desbotadas.

Mas o Bentley havia desaparecido. Tive a impressão de ainda ver-lhe a poeira no ar quente e agitado do fim da rua.

Voltei para o Riley e, dai a pouco, saí da cidade pelo lado de oeste rumo à ponte sobre o rio e a Orgon, de onde se vira para sueste na estrada de Marselha.

Com a capota descida, era com prazer que sentia o vento, com a velocidade em que ia, acariaciar-me as faces e agitar-me os cabelos. Salvo pelo ar que o carro deslocava, estava tudo parado. Sob o implacável sol do fim da manhã, as folhas dos plátanos que orlavam a estrada pendiam pesadamente em cachos verde-amarelos inertes. Os troncos das árvores com a sua casca mosqueada de prata e vermelho pareciam longas colunatas artisticamente trabalhadas. As suas sombras caíam horizontalmente pela estrada.

Regulares como as pulsações de um metrônomo, as faixas de sombra corriam pelo capo do carro e pelos meus ombros. Saí de Cavaillon quase a chegar ao limite da velocidade e assim continuei até que as árvores desapareceram da estrada e eu vi à minha frente, rebrilhando ao sol, o Durance e a longa ponte.

Havia uma fila de veículos à espera de passagem. Entrei na fila com o coração pequeno. A ponte era provisória, trezentos metros de tabuado estreito e pouco firme, entre os arcos de ferro pouco antes estendidos. Em cada extremidade, havia uma guarita com um homem que controlava o trânsito. No momento, era a fila do outro lado que estava tendo passagem.

Carros, caminhões, carretas passavam lentamente pela ponte, enquanto o bastão branco do *agent de police* nos fazia implacavelmente estacar.

O calor estava tremendo. Eu o sentia elevar-se em ondas do estofamento do carro e fazer-me transpirar. Eu não tinha descanso. Girava olhos como de uma boneca do bastão branco para o espelho do carro e voltava.

Parecia que nunca mais aquele bastão branco iria abaixar-se, enquanto a torrente de carros rodava do outro lado. A meu lado, à minha frente, atrás de mim, franceses impacientes grilavam, buzinavam, aceleravam os motores, preparando-se para uma corrida louca no momento em que o guarda desse passagem ...

Atrás de mim, pelo espelho, um caminhão gigantesco trepidava, quase encostado ao meu pára-choque'. Atrás dele, eu via uma carreta puxada a burro com toldo de lona. À minha esquerda, um Cadillac amarelo tinha avançado por entre os outros carros e procurava passar entre o Riley e um caminhão de entrega

à minha frente.

Aquilo tudo começou a me enervar. Os canos de descarga abertos, o calor, as buzinas, o trânsito indisciplinado das estradas francesas... aquele bastão branco não ia mais descer? A impaciente aceleração dos motores em torno de mim se tornou febril e o imperceptível movimento para a frente recomeçou. Vi então que o outro lado da ponte estava fechado e que apenas três ou quatro veículos estavam fazendo ainda a travessia. Era de presumir que logo que o caminho estivesse desimpedido nos dessem permissão para passar.

Segurei o volante com mais força, com um olho no bastão branco e outro no Cadillac amarelo.

O último caminhão deixou pesadamente o tabuado reverberante. O

bastão desceu e o agente nos convidou com a mão a passar. O caminhão de mudança saltou à frente e o Cadillac amarelo com uma buzinada vitoriosa fechou o Riley e passou atrás do caminhão.

Eu estava em terceiro lugar na fila da ponte quando olhei mais uma vez pelo espelho.

Vi então o Bentley cinza que saía de trás da carreta com o toldo.

Do outro lado da ponte, já se tinha formado outra fila de carros cujos pára-brisas cintilavam ao sol como se transmitissem sinais em alfabeto Morse. íamos em marcha lenta para a ponte. Atrás de mim, o grande caminhão entrou no tabuado, fazendo tudo estremecer com o seu peso. E o Bentley...

Richard Byron não tinha contado com a falta completa, no trances, de tudo o que se pudesse chamar de consciência ou cortesia na estrada. Quando o Bentley acelerou para passar a carreta, o cocheiro viu-o e, imediatamente, murmurando o que parecia uma imprecação, chicoteou o burro e tocou-o, fazendo o seu veículo cruzar doidamente o caminho do Bentley. O

automóvel foi freado bruscamente e o carreteiro chicoteou de novo o animal colocando-se logo depois do caminhão.

Calculei depois que isso me dava pelo menos oito quilômetros de dianteira. Quando saí da ponte na outra margem', a carreta se arrastava ainda a dois terços da margem, com o carro cinza a um passo atrás dela.

Pisei com vontade no acelerador. O Riley se precipitava pela estrada bem pavimentada e reta como um pé de vento. Passei pelo caminhão de mudanças como se ele estivesse parado. Toquei a buzina e deixei o Cadillac amarelo

envolto em minha poeira a quase cem quilômetros por hora.

Havia uma curva fechada à esquerda. Tirei o pé do acelerador.

Felizmente, não vinha nada na estrada. Fiz a curva em contramão e a traseira do carro derrapou na poeira. Os pneus rangeram e o carro tomou de novo a sua posição pelo meio da estrada. Já não sentia medo. Não podia pensar em mais nada senão em guiar... O mundo se havia reduzido à estreita fita da *route nationale* e as sombras das árvores que se estendiam sobre ela tinham passado a fundir-se, numa longa faixa claro-escura como um velho filme.

Nem me lembro de haver passado por Orgon. Creio que devo ter diminuído a marcha e que atravessei a cidade com alguma cautela, mas nem tive consciência disso e continuei estrada a fora com o meu bendito motor correndo como se tivesse asas.

Passei por uma pequena granja entre os seus bronzeados campos de centeio, dei um golpe de direção para evitar um carro e passei por uma carreta como se ela não existisse. Uma comprida ladeira surgiu à minha frente. Subi rapidamente e desci do outro lado como se não tivesse havido morro algum.

Uma casinha pintada de cor-de-rosa entre ciprestes negros surgiu à minha frente, avançou e desapareceu. Dois carros passaram em contramão, com um barulho como o rufo de um tambor.

E a longa estrada torcia-se, dobrava-se e caía sob os pneus para passar e estender-se pelo espelho como uma serpente voadora. E no mundo inteiro nada mais havia senão o motor que trabalhava, o vento que me batia no rosto e a estrada que se estendia interminàvelmente à minha frente.

12

E fugimos para o sul.

(COLERIDGE)

De repente, não me vi mais sozinha. Pelo canto do olho. vi à direita o penacho de fumaça branca que indicava uma locomotiva. Os trilhos da estrada de ferro corriam paralelamente à rodovia a cerca de cinqüenta passos e um expresso vinha saindo de um corte cheio de árvores, correndo plàcidamente para o sul.

Tentei inutilmente lembrar-me do mapa. Havia uma ponte ferroviária ou uma dessas passagens de nível tão comuns no sul da França? E eu bem sabia como eram lentas as barreiras que fechavam essas passagens. Eu já havia esperado uma vez durante vinte minutos que o guarda levantasse as barreiras de uma linha indiscutivelmente livre. Talvez levasse uma boa dianteira, mas já tinha tido provas da velocidade com que Richard Byron dirigia. Minha única chance era chegar a Marselha com uma boa dianteira para que ele não me pudesse encontrar ali. Cinco minutos bastariam nas ruas movimentadas da cidade. Olhei para o trem e pisei no acelerador.

Até hoje não sei se o maquinista daquele trem quis mesmo ou não apostar corrida com o meu carro. Parece impossível que ele tenha querido vencer-me, mas tive em dado momento a impressão de que o trem aumentava de velocidade e aceitava esportivamente o desafio. Durante meio quilômetro, mais ou menos, corremos lado a lado, enquanto o maquinista acenava para mim, enquanto eu prosseguia agarrada ao volante sem olhar nem para a esquerda, nem para a direita. Comecei então a levar vantagem. A locomotiva ficou para trás resfolegante e eu deixei de ouvir--lhe o barulho ao dobrar de uma curva. Durante mais alguns minutos que pareceram horas, conservei o carro na mesma velocidade, subi um ladeira entre olivais e vi, então, dois quilômetros abaixo, parecendo à distância uma miniatura de brinquedo, a guarita do guarda e as barreiras de listras vermelhas e brancas da passagem de nível.

Ainda estava aberta.

Mas um vulto, diminuto e trêmulo na trepidação do calor, estava-se

encaminhando para descer as barreiras.

Dei o que me pareceu um grito de desespero e desci com o Riley por aquela estrada como um foguete.

A guarita veio ao meu encontro com a velocidade alarmante de um hangar para um avião pousado. O homem levantou o braço para o mecanismo que liberaria as barreiras. Toquei firmemente a buzina e continuei com a mesma velocidade.

Vi a cabeça do homem voltar-se em sobressalto para mim, ao mesmo tempo que dava instintivamente um salto para sair da frente.

Passei então vertiginosamente e ouvi a barreira cair atrás de mim. Tinha feito aquele trecho de estrada de três quilômetros em um minuto e meio.

Cheguei a Salon em marcha prudente e segui pela rua principal com inocente cuidado. Em minha imaginação, via o Bentley cinza esperar atrás daquelas barreiras listradas de vermelho e branco muito tempo depois da passagem do trem.

Sabia que, apesar de tudo, não podia contar muito com isso. Richard Byron era muito capaz de subornar o guarda para levantar as barreiras logo depois da passagem do expresso e o guarda era sem dúvida muito capaz de fazer-lhe a vontade.

Por isso, não parei em Salon. Continuei a viagem, mas estava começando a sentir-me cansada.



Até ali, pensei enquanto seguia numa velocidade menos alucinante de oitenta quilômetros pelas avenidas faiscantes marginadas de plátanos, as chances tinham sido mais ou menos equilibradas. E a última boa chance tinha sido minha. Comecei a acreditar que podia desvencilhar-me dele, chegar a um lugar onde Richard Byron não poderia absolutamente encontrar-me, afastar-me imediatamente com Louise até que a tempestade passasse e continuássemos sem receios nem contratempos as nossas férias interrompidas.

Mais tarde talvez, quando tivesse tempo de pensar nisso, eu me sentiria indignada com a maneira pela qual aquelas pessoas estranhas estavam abusando de meu tempo, de minha liberdade e de minha pessoa. Tinha sido envolvida naquele caso sem culpa alguma, mas levada por um impulso que não podia ainda compreender de todo, o impulso que me levara a procurar a companhia de David e, depois, a tentar protegê-lo. Mas certamente não merecia o que havia desabado sobre mim. Eu devia estar furiosa, mas naquele momento estava por demais preocupada com o meu problema imediato para entregar-me a uma justa indignação. O fato de que Richard Byron era um assassino e provavelmente um demente tornava nula e vazia qualquer possibilidade de entrar num entendimento sensato com ele. Tinha de fugir. Depois, então, talvez pudesse pensar.

A estrada estava subindo para as serras que ficam entre o Etang de Berre e Marselha. O calor era intolerável e eu estava com fome, mas nem pensei nessas coisas e segui através da região deserta, numa subida lenta e firme para a crista da serra.

Na serra, o ar ficou mais fresco e os pinheiros começaram a aparecer ao lado da estrada. Vi, então, à minha frente um pequeno *bistro,* uma casinha amarela com três pinheiros ao fundo, uma bomba de gasolina pintada de vermelho e algumas mesas do lado de fora debaixo de um toldo listrado.

Senti então uma sede irresistível. Tentei convencer-me de que a dianteira que levava sobre Richard Byron era tamanha que eu podia gastar dez minutos — não, cinco — tomando alguma coisa gelada sob aquele toldo. De qualquer maneira, tinha tempo para comprar alguns pães e uma garrafa de vinho tinto. Mas não adiantava. Não queria mais arriscar-me. Só iria parar em Marselha. E, assim, galguei os últimos cem metros da ladeira sem olhar mais para o *bistro.*

A decisão foi-me então tomada rudemente das mãos. Quando eu estava a apenas uns vinte metros do *bistro,* senti o Riley dançar na estrada. Pensei que estava mais cansada do que julgava, firmei a direção e continuei a subir o fim da ladeira. Mas o carro dançou de novo para o lado e mais uma vez firmei a direção. Foi só quando cheguei ao alto da ladeira que a triste verdade me chegou à consciência.

As chances estavam de novo equilibradas. Eu estava com um pneu furado.

Mas o mal não era tão grande, afinal de contas. O Riley, fiel como sempre, escolhera para furar o pneu no momento em que estava a cem metros de um posto avançado da civilização. Grata a esse golpe de sorte, entrei lentamente com o carro para um espaço plano de cascalho em frente ao *bistro.*

Um homem grande e .robusto em mangas de camisa e com um avental branco estava lavando copos atrás do balcão dentro da casa. Inclinei-me da porta do carro.

— *Monsieur. ..*

Ele largou os copos e saiu com um sorriso.

— Por favor, *monsieur.* Um dos meus pneus está furado, como o senhor vê. Há por aqui uma garagem? Vejo que vende gasolina. Será que há alguém aqui que possa trocar minha roda enquanto eu como alguma coisa?

Ele pareceu um pouco hesitante.

Mas era francês, e eu joguei nisso. Pousei a mão no braço dele, olhei-o com desespero e disse com um tremor na voz que não era inteiramente fingido: — Estou com muita pressa, *Monsieur.* Estou... fugindo de alguém, que não está muito longe de mim. Não quero que ele me veja de modo algum e se me encontrar aqui com um pneu furado...

A mais completa compreensão se estampou no rosto do homem.

— Seu marido?

— Sim, meu marido. Vem-me seguindo e... Oh, *Monsieur,* ajude-me!

Ele foi admirável. Em dois minutos, levamos o Riley para os fundos da casa. Mais dois e arrancou da sesta vespertina (segundo creio) um jovem magro e entendido, que tratou imediatamente de colocar um macaco sob meu carro. Dentro de sete minutos, no máximo, eu estava dentro da casa, numa sala bem fresca dos fundos, e ele me perguntava o que era que eu queria comer.

— Não tenha .receio, Madame, — disse ele com gestos largos e um sorriso ainda maior. — Fique descansada que esta noite poderá dormir calmamente com seu amante.

Não discuti. Pedi um copo bem grande de alguma coisa gelada e a comida que ele me pudesse preparar enquanto o rapaz mudava o pneu.

— Uma omelete? Uma omelete de ervas? Só levará cinco minutos.

Acharemos alguma coisa para Madame. Está cansada, não está? Quer alguma coisa com a omelete?

Em pouco mais de cinco minutos, estava pronta a omelete fofa e cheirosa, juntamente com pão fresco, manteiga, mel e café. Eu já havia tomado o copo de bebida gelada e ataquei a omelete. Não me lembro de ter provado coisa mais

deliciosa do que aquela refeição ligeira e perfeita que fiz às pressas na salinha dos fundos daquele *bistro,* enquanto Jean-Jacques, o mecânico, mudava meu pneu.

Eu estava-me preparando para levantar-me, acabando de tomar o café, quando ouvi o barulho de outro carro que subia a ladeira. Saiu depois da estrada, passou por cima do cascalho e parou diante do *bistro.*

Fiquei petrificada, com a xícara de café a meio caminho dos lábios.

A voz dele me chegou com muita clareza através da porta quase fechada.

Houve os cumprimentos convencionais...

— Não, não quero beber nada, muito obrigado, — disse ele, mas eu ouvi um farfalhar de notas. — Não tenho tempo. Só parei para perguntar se viu passar por aqui um carro inglês há meia hora, se tanto. Um carro verde com a capota arriada. Chegou a vê-lo?

Mais farfalhar de notas.

— Um carro verde... -— repetiu lentamente o *patron.* Ouvi o barulho de um copo e pude imaginá-lo pegando o copo e enxugando-o lentamente, enquanto pensava.

— Um carro verde, inglês... — murmurou ele fazendo uma pausa e eu não sabia quem devia esperar em maior tensão, se ele ou Richard Byron. — Dirigido por uma jovem *demoiselle?*

— Isso mesmo. — Eu podia quase ver o brilho de ansiedade nos olhos de Richard Byron.

O *patron* disse indiferentemente: — Uma jovem mulher que guiava um carro verde aberto Passou por aqui há algum tempo. Ia com grande velocidade. Será 0 que *Monsieur* está procurando?

— É esse mesmo. Há quanto tempo passou por aqui?

— Talvez há vinte minutos, há vinte e cinco ou meia hora quem sabe, *Monsieur?* Não prestei atenção, mas me lembro do carro de que fala pela velocidade e pela bela mulher que o dirigia.

Houve de novo um farfalhar, ouvi os agradecimentos do *patron* e então, quase imediatamente, o baralho do motor Bentley, que foi diminuindo com a distância até que morreu e não houve senão o sussurro dos pinheiros no alto da colina.

O *patron* veio sorrindo.

— Não estava muito atrasado, — disse ele. — Mas, se lhe der um pouco de tempo, ele se perderá à sua frente. Madame não pode voltar pelo caminho que veio?

Pensei por um momento e sacudi a cabeça. Não poderia fazer a perseguição encaminhar-se para a área de Avignon, acontecesse o que acontecesse.

Esperaria ali, fumaria dois ou três cigarros e seguiria para Marselha por uma estrada lateral. Esconder-me-ia então num hotel e telefonaria para Louise. Quando ela chegasse, eu lhe diria tudo. Estava cansada de lutar naquilo sozinha. David não poderia esperar que eu cumprisse a minha promessa de manter silêncio depois do que havia acontecido.

— Há algum caminho para Marselha além da estrada principal? — perguntei.

— Há muitos. Depois de passar por Les Assassins...

— *Les Assassins?* — perguntei, espantada.

— É um lugar no alto destas serras quando começa a descida para Marselha. A estrada passa por entre altos paredões de pedra, numa estreita garganta.

— Por que o lugar é chamado de Assassinos?

— A velha estrada passava por entre as pedras e era nesse ponto que os salteadores se emboscavam para atacar as diligências e os viajantes.

— E depois?

— Depois, há a longa descida para Marselha e antes dos subúrbios da cidade há estradas que se ramificam e que, quando se tem um mapa, podem levar a Marselha por caminhos diferentes. É lá que tem de encontrar-se com ele, hem?

— Ele? Ah, sim. É claro, — disse eu, que me esquecera par um momento de que tinha um encontro com um amante em Marselha naquela noite. — Muito obrigada por tudo.

— De nada, de nada. Se um homem não pode ajudar uma *bele demoiselle* em dificuldade, não merece viver.

Saiu, radiante de satisfação, e eu fiquei sentada, fumando tranqüilamente e deixando o tempo passar. Pouco a pouco, uma sensação de paz desceu sobre mim e eu compreendi que me seria difícil deixar a segurança daquele *bistro.* Fiquei ali em repouso e creio até que dormi um pouco. Quando vi pelo meu

relógio que já eram quase três horas, levantei-me com relutância e preparei-me para partir.

Paguei ao *patron* a despesa que havia feito e renovei os meus agradecimentos. Juntei uma nota de mil francos acima do que eu devia, juntamente com uma boa gorjeta para Jean-Jacques.

Este havia aproveitado o tempo não só para trocar a roda, mas também para consertar o pneu furado, que estava de novo pronto para o serviço.

Agradeci-lhe e despedi-me dele e do *patron*, seguida pelos votos de felicidades de ambos. Saí de novo com o Riley para a estrada.

Em breve, perdi de vista o pequeno *bistro* ao dobrar uma curva na estrada e prossegui viagem, com o sol por companhia e os altos pinheiros sussurrando acima do motor. Não me apressei. Em primeiro lugar, isso não era necessário; depois, não me queria arriscar a furar de novo um pneu que, neste caso, eu teria de mudar. Além disso, a tensão da noite anterior e o nervosismo daquela manhã estavam começando a ter o seu efeito sobre mim.

A cabeça me doía um pouco e uma espécie de cansaço, quase de apatia, procedente do cansaço e da falta de sono, me invadia. Eu sabia que. ainda que houvesse necessidade, eu não poderia fazer absolutamente o que já fizera naquela manhã. Se eu tivesse de imprimir grande velocidade ao carro não poderia de modo algum ultrapassar de sessenta ou setenta quilômetros.

Desci calmamente as longas ladeiras e levei o carro sem esforço pela superfície áspera da estrada, dando apenas meia atenção à direção, enquanto tentava recordar a planta de Marselha e o caminho que tencionava seguir.

Os rochedos brancos cederam o lugar a rochedos vermelhos. A região, até então deserta, era ali desolada, despojada até de oliveiras e vinhas. Os rochedos vermelhos, laivados de largas sombras azuis, elevavam-se a pique dos dois lados da estrada e a única verdura era a das frondes dos pinheiros que se agitavam contra o azul deslumbrante do céu. Quando me aproximava do que parecia ser a crista da serra, vi como Os penhascos se haviam quebrado e desmoronado até que dos dois lados da escada havia pedras esparsas e colunas de rocha. Entre os fragmentos espalhados à esquerda, vi onde a velha estrada havia passado tortuosamente através da crista da serra entre os pinheiros e as pedras caídas. Mas a nova estrada atravessava diretamente o penhasco vermelho como uma cutilada branca. Os Assassinos.

E ao longe, na distância azul, o Mediterrâneo.

Quando o Riley galgou o alto, mudei de marcha e iniciei com um suspiro a longa descida. Diante de mim, a estrada era uma ladeira interminável para a enorme extensão de Marselha à beira da mais bela costa do mundo.

Desci lentamente a última ladeira. À esquerda da estrada, vários metros à frente, vi onde a estrada velha emergia por trás de um bosque de pinheiros.

Creio que devia ter esperado por isso, mas confesso que isso nem me passou pela cabeça. Não havia razão para que. Richard Byron não tivesse acreditado no *patron* e não seguisse para Marselha na esperança de alcançar-me. Mas era evidente que não havia acreditado.

O Bentley cinza saiu do bosque de pinheiros e me seguiu de perto.

13

Torna a entrar o Assassino.

(INDICAÇÃO DE CONTRA-REGRA)

É claro que eu nada podia fazer.

Ainda que eu não estivesse cansada como estava, não poderia fugir dele sem dianteira e sem vantagem. Eu estava derrotada e não tinha a menor dúvida disso. Não resistiria mais.

Sem pensar mais em coisa alguma, salvo em que a cabeça me doía e que eu gostaria de deixar o volante e sair do sol, segui pela estrada de Marselha como se não tivesse atrás de mim um carro cinza, no qual ia um homem indignado que tinha decerto, já então, contas bem grandes a ajustar comigo.

Dentro de muito pouco tempo, chegamos aos subúrbios de Marselha. A estrada principal corre três quilômetros ou mais através de ruas de casas mal cuidadas e lojas pobres, onde crianças esfarrapadas e horríveis vira-latas brincam juntos na sujeira das sarjetas. Depois, começam as linhas dos bondes e o trânsito vai-se adensando. Caminhões, burros, carretas de todas as formas e todos os tamanhos, carros de vários anos e nacionalidades — enchem as ruas estreitas de Marselha, buzinando, gritando, avançando, disputando a passagem numa rica e estranha confusão.

Eu dirigia mecanicamente através de tudo isso, fazendo as mudanças, parando, desviando, fazendo todos os atos necessários para atravessar com um veículo mais ou menos intacto por aquela incrível trapalhada. Atrás de mim, como uma sombra, vinha o grande Bentley, nunca a mais de dez metros de distância, nunca a menos de quatro.

Eu nem me dava ao trabalho de olhá-lo. Estava liquidada. Não tentava mais nada. As têmporas me latejavam e eu sentia como que um peso enorme às costas. Ainda que eu me esforçasse, meu espírito se negaria a pensar no que ia acontecer.

Foi por isso que, quando o milagre aconteceu, eu nem o percebi.

Só soube disso quando pouco a pouco se infiltrou no meu espírito

entorpecido a noção de que não havia qualquer carro cinza refletido em meu espelho. Havia apenas uma carreta e nada mais que eu pudesse ver.

Fiquei atordoada durante três segundos e, então, olhei para trás. Eu já estava a uns cem metros do lugar onde havia ocorrido a batida. Um caminhão, que saiu de uma rua transversal, tinha tomado a frente do Bentley e batera de raspão num bonde que passava. O Bentley, colhido entre os dois, tivera de parar, mas eu não podia saber se fora atingido ou não. Mas era evidente que não poderia sair com facilidade dali. Já havia uma pequena multidão no local e a agitação era grande... E havia a polícia...

Ele poderia levar muitos minutos, talvez horas, para desvencilhar-se.

Como quem sente que vai desmaiar e faz um último esforço desesperado para não perder a consciência, entrei com o Riley por uma rua transversal e pisei no acelerador... para a direita, para a esquerda, para a direita, de novo para a esquerda... como uma lebre espavorida... até que vi diante de mim uma garagem atrás de um posto de gasolina, quase cheia de caminhões, carros e ônibus em várias fases de reparos. Entrei com o carro pela garagem até onde me foi possível, atrás de uma fila compacta de carros.

Desliguei o motor, apanhei a bolsa, os mapas, os óculos e o casaco e saí do carro.

Não me lembro mais das instruções que dei ao proprietário, que havia corrido ao meu encontro, mas paguei alguma coisa adiantadamente e tive cabeça bastante para pedir-lhe um cartão com o endereço da garagem.

Guardei o cartão na bolsa e saí. Virei para a direita, afastando-me do centro da cidade, rumo ao ponto onde eu achava que devia estar o mar, e passei por algumas ruas que me pareceram moderadamente respeitáveis. Divisei dentro em pouco o nome de um pequeno hotel, que eu já havia visto no guia Michelin. Devia, de qualquer maneira, ser limpo e confortável. Entrei na portaria fresca e ladrilhada, assinei o registro e subi por uma escada em espiral de mármore para um patamar de pedra no terceiro andar, onde Madame me mostrou um quarto pequeno e muito limpo.

A porta foi fechada depois que eu entrei. Sentei-me lentamente na cama e creio que durante cinco minutos nem bati as pestanas. As persianas estavam fechadas por causa do sol assim como as janelas, de modo que o rumor do trânsito da cidade mais barulhenta da Europa chegava amortecido ao interior do quarto. Havia uma pia, uma cama estreita e confortável com uma colcha muito branca, uma garrafa com água na mesinha de cabeceira...

Bebi avidamente um copo de água. Levantei-me, tranquei a porta e despi-me cuidadosamente, colocando as roupas em cima de uma cadeira. Fui até à pia e lavei-me demoradamente dos pés à cabeça, enxugando-me depois, enquanto o sol que entrava pelas persianas me zebrava o corpo. Vesti então a camisola de *nylon* e escovei os cabelos.

Estendi-me então na cama. A luz do dia começou a declinar, a ficar turva, enquanto o rumor do trânsito era um murmúrio indistinto... Richard Byron podia estar a quilômetros de distância, podia estar na cadeia, podia estar diante da porta do quarto... Isso não tinha a menor importância para mim...

Dormi.

Eram quase seis horas quando acordei e, a princípio, emergindo das profundezas do sono, não soube onde estava, deitada naquela cama estranha com os raios do sol que desaparecia entrando obliquamente pelas persianas.

O som do trânsito se havia também amaciado e lembrava o murmúrio rítmico do mar.

Fiquei algum tempo deitada, gozando o calor repousado do corpo e a macieza da cama. Levantei-me então e pus o vestido verde. Pareceu-me bastante fresco apesar de tudo o que acontecera na noite anterior e naquele dia. Depois de afivelar o largo cinto, calcei os sapatos.

Estava com muita fome e o primeiro problema que tinha a minha frente era comer. Tive um momento a idéia de sair para comprar comida e vinho, trancando-me depois no quarto, mas desde que eu tinha mesmo de sair para comprar comida, os riscos eram iguais. Por outro lado, Marselha era uma cidade grande e cheia de gente, muito diferente de Nimes ou de Avignon.

Sairia, evitando as ruas principais, e jantaria em algum pequeno restaurante onde seria muito pouco provável que eu fosse vista. Mas, em primeiro lugar, tinha de telefonar para Louise.

Enquanto descia, recordei o que havia lido sobre Marselha. A cidade era dividida pela linha reta da Canebiere, a rua mais movimentada da Europa, por onde, mais cedo ou mais tarde, todo mundo passava. Dizia-se que se alguém ficasse postado na Canebiere o tempo suficiente acabaria vendo passar todas as pessoas a quem conhecia. Se eu fosse Richard Byron, era para onde eu iria. Escolheria uma mesa na calçada num café da Canebiere e ficaria calmamente esperando a passagem da moça de vestido verde.

Por isso mesmo, a moça de vestido verde tomaria outros rumos.

Havia uma cabina telefônica na portaria do hotel, um diminuto armário no canto mais escuro debaixo da escada. Fechei-me lá dentro e tratei de enfrentar as alarmantes complexidades das centrais telefônicas francesas.

A ligação foi, porém, completada com surpreendente rapidez. Encostei-me à parede da cabina e fiquei ouvindo a campainha do telefone do Tistet-Védène e ainda sem saber o que iria dizer a Louise.

Mas Louise não estava no hotel. A voz de quem me atendeu assegurou-me isso, rebatendo as minhas perguntas desnecessariamente repetidas com uma paciência visivelmente em declínio. Não, a Srta. Cray não estava. Saíra logo depois do almoço e ainda não voltara. Certeza absoluta. Não... O telefone foi abruptamente desligado, deixando-me com uma frase por completar e também com a impressão inconfundível de que a mulher que atendera ao telefone procedera com tanta grosseria não só em virtude de minha insistência mas também por algum problema pessoal e aflitivo.

Felizmente, pensei, recolocando o telefone no gancho, que a preocupação de minha informante a impedira de perguntar quem estava falando. De qualquer maneira, eu tinha sabido de tudo o que precisava saber. Louise não estava no hotel e eu teria de lutar sozinha durante mais algum tempo...

Voltei para a portaria, entreguei minha chave a Madame, passei cuidadosamente por cima do gato que dormia estendido na porta e desci os três degraus de pedra para a rua.

A sensação de exaustão tinha passado, deixando apenas, talvez em conseqüência daquele profundo sono, uma sensação penetrante de irrealidade, como se eu me estivesse movendo, sem esforço e sem corpo, dentro de um sonho. As pessoas passavam por mim, o trânsito corria pela rua, mas nada disso parecia ter qualquer relação com o mundo onde eu me encontrava. As pessoas pareciam "árvores que caminhavam", sem personalidade, sem feições e sem barulho, como criações insignificantes no fundo de meu pesadelo. A única pessoa viva era eu mesma, Charity Selborne, a quem nenhuma daquelas coisas poderia estar acontecendo ...

Fui rapidamente até ao fim da rua e olhei para um lado e para outro. À direita, só divisei uma paisagem de ruas e casas ainda mais velhas e virei-me para a esquerda, tomando uma rua estreita para o mar. Ao fim de algum tempo, compreendi que me estava aproximando do porto — vi mastros e uma gaivota que voava, enquanto ao fundo da rua já havia luzes de gás néon acesas.

Hesitei. Tinha ouvido contar muitas coisas de Marselha, cidade de muitos

pecados... e não era em torno do porto que os pecados se concentravam? Uma rua virava para a esquerda e eu parei a fim de olhá-la.

Dirigi-me então para o porto sem um segundo de hesitação. É que tinha visto meu inimigo que estava, hesitante também, na outra esquina da .rua que, segundo soube depois, ia dar diretamente na Canebière. Achei que ele não me tinha visto, mas era claro que me procurava e eu me dirigi para o Velho Porto de Marselha sem pensar mais nos perigos que ali pudesse haver.

Creio que naquele momento seria capaz até de aceitar a proposta de uma viagem gratuita para Buenos Aires.

No fim da rua, tornei a hesitar. O Velho Porto era um espaço aberto cruzado pelos trilhos dos bondes e da estrada de ferro, cercado de três lados por cafés e restaurantes já todos iluminados e aberto do quarto lado para o mar. As águas do porto estavam coalhadas de barcos de todas as formas e cores, numa floresta de mastros que se balançava na teia de aranha das cordas.

Hesitei apenas um instante e atravessei a praça, encaminhando-me para o ponto onde era mais denso o ajuntamento, na esperança de perder-me entre as pessoas, podendo chegar sem ser vista ao outro lado da praça. Havia cerca de vinte ou tanta homens que conversavam e davam risadas entre os trilhos da estrada de ferro e à beira "do cais. Alcancei-os e meti-me por entre eles, sem tomar conhecimento de um pressuroso convite de dois marinheiros que evidentemente iam passar a noite em terra e me refugiei atrás do que parecia um grupo de família, o pai, a mãe e dois garotos vestidos à marinheira com pompons vermelhos nos gorros. Olhei cautelosamente para a esquina da rua por onde viera. Ele não estava lá. Descobri então por que havia aquele ajuntamento ali no cais.

Um velho marítimo, de rosto vermelho e uma barba enorme, apareceu de repente no alto de uma prancha que descia do cais para uma lancha a motor ali ancorada.

— Por aqui! — exclamou ele. — Quem quer ir ao Château d'If?

Ao mesmo tempo, outro velho, com barbas um pouco menos brancas, gritou em concorrência de uma lancha ao lado: — Se querem ir ao Château d'If é por aqui!

A multidão, sem mostrar medo, nem favor, voltou-se e começou a descer pelas duas pranchas. Parecia que eu ia ficar sozinha e altamente vulnerável ao meu perseguidor ali no caís do Velho Porto.

Lancei mais um olhar para a esquina e vi então Richard Byron aparecer, correr os olhos pela praça, mas sem olhar para o cais. O seu olhar se fixou na entrada movimentada da Canebière.

Desci pela prancha mais próxima e sentei-me sob o toldo da lancha, no lugar mais próximo da proa que encontrei vago. A lancha estava bem abaixo do nível do cais e eu sabia que ele não me podia ver do lugar onde estava.

Mas parecia que, em vez de Buenos Aires, eu teria de viajar para o Château d'If.

O velho, ao fim de muito barulho desnecessário, largou do cais e, em breve, singrávamos as águas esbranquiçadas da baía rumo à barra.

Não posso dizer que tivesse apreciado qualquer momento da viagem ao Château d'If. Estava de novo colhida nas malhas do meu velho medo, dessa vez para pior, pois me sentia completamente indefesa. Parecia impossível livrar-me dele. Era como se algum laço ligasse indissoluvelmente aquele homem sinistro e perigoso a mim mesma, pois, para onde quer que eu fosse, nunca deixava de deparar com ele. Numa cidade grande como Marselha, encontrava-o no primeiro momento em que me aventurava a sair. Em toda a Provença, fora encontrá-lo nas ruínas de Les Baux. Por mais truques e recursos que eu usasse, ele nunca deixava de me encontrar. Fossem quais fossem as mentiras que eu imaginasse, ele sempre descobria a verdade no fundo de minhas palavras... Era nisso que eu pensava, não sei se em conseqüência da fome que sentia ou do estado em que me encontrava, sujeita a um destino a que me era impossível fugir...

Sentei-me no parapeito baixo da torre do Château d'If, vendo a pedra branca tingir-se de um rosa delicado. Vi as ondas mansas fluírem e refluírem sobre os seixos brancos, água-marinha laivada de ouro.

Vi tudo isso dentro de uma espécie de sonho e o murmúrio do mar agravava a impressão de que tudo se passava numa franja subliminal da consciência.

A lancha voltou e eu continuei sentada no mesmo lugar. Outra chegou e desembarcou a sua carga ruidosa de turistas, que se espalharam entre conversas e risadas pelo castelo, chegando às prisões e à larga plataforma do terraço onde eu estava sentada. Levantei-me de repente e embarquei na lancha que estava esperando. O relógio mostrava que eu já estava na ilha havia mais de uma hora. Ele já devia ter-se ido embora, pensei cheia de convicção. Com um pouco mais de convicção e uma dose maior de bom senso, pensei que aquele estado de entorpecido fatalismo resultava da fome e da fadiga e que, quanto mais depressa eu fizesse uma boa refeição, melhor seria.

A viagem de volta me pareceu mais breve do que a de ida. Já estava bem escuro e em terra as luzes estavam acesas e estendidas como um colar.

O motor da lancha parou e derivamos para o cais com o impulso das ondas. Eu estava sentada na lancha que se movia em silêncio, mais descansada, no estado de relaxamento que se sucede à tensão. Nem me dei ao trabalho de olhar para o cais para ver se aquele último esforço de fuga tinha dado resultado. Eu sabia que não. Alguma coisa mais forte do que tudo o que eu já havia conhecido até então faria Richard Byron esperar-me no alto da prancha.

A lancha atracou ao cais. O homem da lancha gritou para um rapaz que estava em terra e os dois estenderam a prancha. Os outros passageiros levantaram-se conversando e rindo e subiram pela prancha. Segui-os.

Mal olhei para Richard Byron quando ele me tomou o braço e me ajudou a descer no cais.

14

Chego, Destino, tão sombrio e tão triste / quanto a tua malícia poderia desejar / trazendo comigo todo o jogo / que o Amor tinha nas suas tochas.

(MARVEL)

Atravessei a praça ao lado dele, sentindo-lhe a mão no cotovelo. Passava muita gente por nós, muitas pessoas caminhavam ao nosso lado e até esbarravam em nós, mas era como se estivéssemos sozinhos. Via os outros vagamente como que através de uma vidraça e os sons me chegavam como do fundo de uma distância de anestésico. O único som que eu ouvia nitidamente era o de nossos passos nas pedras da calçada e, de vez em quando, a respiração de Richard Byron ao meu lado.

Ele disse sem qualquer inflexão menos delicada: — Precisamos ter ainda a nossa pequena conversa, sabe '. Alguma coisa dentro de mim pareceu estalar. A raiva que eu estava muito amedrontada, muito cansada, para sentir estourou de repente. Parei abruptamente e encarei-o. As pessoas passavam por nós, mas não estavam absolutamente presentes. Estávamos ali apenas eu e meu inimigo num pequeno círculo de cólera.

Olhei-o diretamente nos olhos e disse furiosamente: — Podemos ter tantas conversas quantas quiser, desde que parece disposto a perseguir-me indefinidamente para consegui-las. Mas uma coisa vou-lhe dizer desde já e é o mais importante de tudo. *Não lhe vou dizer nada sobre David.* Sei muito bem onde é que ele está, mas pode intimidar-me e ameaçar-me à vontade, pois não vai saber de nada. Nada mesmo!

— Mas eu...

Continuei como se ele não tivesse falado.

— Confessou que é um assassino. Acha que vou ser cúmplice em entregar em suas mãos uma criança que, tanto quanto sei, quis matar com uma pancada na cabeça, no escuro, na noite em que matou seu amigo? Pense melhor, Sr. Richard Byron. David é um amor, mesmo sendo seu filho, e eu seria capaz de matá-lo se tocasse com um dedo nele!

Lágrimas quentes me corriam dos olhos, lágrimas de raiva, ansiedade e tensão. Sentia que me rolavam pelas faces. Impediam-me de ver-lhe o rosto e ele levou muito tempo em falar.

— Meu Deus! — exclamou afinal numa voz curiosa, mas eu mal o ouvi.

— E há mais uma coisa, sabe? Você estragou minhas férias, as férias com que venho sonhando há muito tempo!

Depois de dizer essa coisa infinitamente tola, desabei por completo.

Comecei a chorar desenganadamente com o rosto entre as mãos, enquanto as lágrimas me corriam por entre os dedos. Dei as costas cegamente a Richard Byron e tropecei num trilho. Teria caído se ele não me pegasse pelo braço e me sustentasse.

Disse então na mesma voz curiosa: — Vai-se sentir melhor depois que comer alguma coisa. Vamos.

Guiou-me através dos passeios e procurei dominar-me, procurando um lenço na bolsa. De repente, vi que não estávamos mais na rua e me encontrei num restaurante pequeno e elegante, onde as mesas eram colocadas em compartimentos, iluminados por luzes em apliques nas paredes. Tive um relance confuso de toalhas, pratos, copos e talheres, com uma grande jar.ra de flores amarelas. Sentei-me então confortàvelmente numa banqueta forrada de veludo encostada à parede e Richard Byron me colocou um copo na mão trêmula. Ele colocou a mão sobre a minha até que eu recuperasse controle suficiente para levar o copo aos lábios.

Percebi, como se a ouvisse de muito longe, que a voz dele era muito delicada.

— Beba que vai-se sentir melhor.

Tomei um gole. Era alguma espécie de álcool e pareceu explodir e evaporar-se dentro de minha boca e garganta num imediato calor aromático, de modo que tossi um pouco, mas respirei melhor depois e pude dominar os soluços nervosos que me sacudiam.

— Beba tudo, — recomendou Richard Byron.

Obedeci e repousei na banqueta macia com os olhos fechados, deixando o corpo relaxar-se completamente sob o calor envolvente da bebida e o cheiro da comida e das flores. Meus ossos pareciam ter-se derretido e eu me senti estranhamente contente em ficar ali reclinada na banqueta, sem fazer nada, sem

pensar em nada. Estava calada e inteiramente passiva e o terrível início da histeria estava contido.

Ainda da mesma distância não-dimensional, ouvi-o falar em francês.

Julguei que estivesse pedindo os pratos do jantar. Por fim, ouvi um barulho ao meu lado para ver um grande carrinho com *hors d'oeuvres* com um garçom solícito a empurrá-lo.

Richard Byron disse-lhe alguma coisa e, sem esperar que eu falasse, o garçom me serviu. Lembro-me ainda dos pratos de prata, cada qual com a sua carga colorida... havia enchovas e peixinhos prateados em molho vermelho e manteiga em folhas encurvadas de alface; havia caviar, tomates, azeitonas verdes e pretas, pequenos cogumelos róseos, agrião e vagens. O

garçom me encheu o prato e me serviu vinho branco em outro copo. Bebi metade do copo sem dizer uma palavra e comecei a comer. Tinha consciência dos olhos de Richard Byron cravados em mim, mas não disse uma palavra.

Os garçons pairavam por entre nós, os pratos chegavam deliciosos e os pratos vazios desapareciam como por encanto. Lembro-me de um peixe vermelho cercado de rodelas de limão e de um suculento frango dourado recheado de trufas e cercado de ervilhas e de uma taça enorme de sorvete e creme com um toque de *kirsch,* tudo isso acompanhado pela carícia macia do vinho. Depois, damascos, grandes uvas pretas e café. O garçom levou as xícaras e ficamos sozinhos no compartimento.

O conhaque se banhava de fragrância nos cálices bojudos. Olhei-o por um momento, apreciando-lhe a cor e, depois, me reclinei na banqueta e vi tudo em torno com os olhos de um doente que acaba de despertar de seu primeiro sono natural depois de uma anestesia. Dantes, as cores tinham sido confusas, os contornos indefinidos, as proporções instáveis e os sons vacilantes. Mas o foco de tudo estava plenamente retificado e tudo se mostrava em absoluta nitidez no pequeno restaurante iluminado. Olhei para Richard Byron.

Estava sentado, com a cabeça baixa, vendo o conhaque girar no fundo do cálice, enquanto a luz da parede lhe caía sobre as costas e do lado esquerdo.

Olhei-o pela primeira vez sem qualquer subtom de medo ou suspeita para destorcer-lhe a imagem. A luz lhe iluminava fortemente os ângulos das maçãs e dos maxilares, bem como as linhas delicadas das têmporas. A primeira coisa que me impressionou foi a profunda infelicidade daquele rosto. Era a infelicidade e não a aspereza que lhe cavava assim as faces e lhe tornava tão sombrios os

olhos.

De repente, levantou a cabeça e olhou para mim. Senti um baque imediato no coração, mas enfrentei-lhe o olhar.

— Como se sente agora? — perguntou ele.

— Muito melhor, obrigada. Foi muito gentil em tentar salvar a ruína...

Devo estar um espetáculo...

Ele riu e pareceu de repente uma pessoa completamente diferente, como se uma pessoa conhecida se tornasse de súbito um estranho.

— Deve estar melhor se já está começando a preocupar-se com a sua aparência, — disse ele. — Mas não tenha esse cuidado e saiba que está muito bem.

Acendeu um cigarro para mim e, de repente, os olhos dele ficaram muito graves.

— Há apenas duas coisas que eu lhe queria perguntar neste momento...

Meu rosto deve ter-se alterado, porque ele se apressou em dizer: — Por favor, não fique com essa cara. Tenho feito muita coisa errada e peço desculpas, mas, pelo amor de Deus, não me olhe mais assim. As perguntas que vou fazer são inofensivas e, se quiser responder, eu a deixarei em paz até que me queira contar o .resto.

Fez uma pausa e de repente foi como se a sala estivesse num silêncio tumular.

Ele olhou para o copo para que eu não lhe pudesse ver os olhos, mas, apesar da voz aparentemente tranqüila, eu podia sentir a urgência que me apavorava.

— Como está David? — perguntou ele. — Está bem... e é feliz?

Olhei-o, surpresa. Tinha esperado uma pergunta bem diferente. Disse então: — Tanto quanto pude ver, está muito bem. Mas não creio que seja feliz.

Em primeiro lugar, sente-se sozinho e, depois, vive muito assustado.

— Muito assustado? — exclamou ele, encarando-me. Largou o copo tão abruptamente que um pouco de conhaque se derramou na mesa. Richard Byron me olhou fixamente e perguntou: — Mas assustado de quê?

— Do senhor, é claro, — disse eu, arqueando as sobrancelhas.

Não podia haver dúvida quanto à reação dele. Foi de estupefação, de pura e simples estupefação. Olhou-me através da mesa com os olhos arregalados. De repente, como se tivesse compreendido ou recordado alguma coisa, a amargura se lhe estampou de novo no rosto e ele pareceu encolher-se novamente dentro de si mesmo. Disse então, numa voz curiosamente sem inflexões: — De mim? Tem certeza de que é de mim? Ele disse isso? De repente, fiquei sabendo. E murmurei.

— Mas eu não acredito que tenha assassinado seu amigo. Não acredito que jamais tenha feito algum mal a David. Estou errada?

Richard Byron me olhou com um sorriso triste e disse, pegando o cigarro: — Amo a David mais do que qualquer coisa no mundo. Nesse momento, o encantamento se quebrou e a ilusão da intimidade se dissipou. O *maître* se aproximou com o rosto aberto num sorriso, agitando muito as mãos como se fossem mariposas tontas.

— Madame gostou do jantar? E *Monsieur* se alimentou bem? O *chapon marseillais* estava bom, hem? É a especialidade da casa, sabem?

Dissemos que tudo tinha sido perfeito e ele, com novos floreios das mãos e uma reverência profundamente teatral, se afastou, enquanto outro homem, com o leve ar de desculpas de um homem que está cometendo um ato duvidoso, apresentou a conta.

Richard Byron olhou a conta, colocou na bandeja uma quantidade enorme de dinheiro e fez sinal ao garçom todo agradecido para que se retirasse. Voltou-se então para mim.

— Bem sei que não me adianta pedir desculpas pelo que aconteceu, mas tanto quanto isso pode servir para alguma coisa, perdoe-me. Fui leviano e cego. Eu bem devia saber que urna pessoa como você não se iria envolver nessa coisa. Prometo que nunca mais a importunarei, mas não poderíamos ir para outro lugar ou dar um passeio, enquanto eu lhe explico tudo? A história é muito comprida, mas faço questão de que fique a par de tudo.

O rosto dele pareceu pálido e tenso sob a luz atenuada do restaurante.

Lembrei-me imediatamente do rosto de David, com aquela mesma aparência e de uma hesitante voz infantil a perguntar-me pela aparência do pai.

— Se é a respeito de David, — disse eu, — gostaria de ouvi-lo. Quanto ao que já aconteceu entre nós, não é melhor esquecer tudo por enquanto? Se cometeu erros, eu também os cometi e os meus foram talvez maiores.

— Tinha maiores motivos.

Ele sorriu cordialmente e, com espanto meu, sorri também e me levantei.

— Se eu prometer não fugir pelos fundos, posso ir arrumar-me no toalete?

— Eu... — murmurou ele, mas não concluiu o que ia dizer. — É claro que sim.

Quando me afastei, vi-o acender outro cigarro e recostar-se na cadeira para esperar-me.

Saímos pelas ruas sombrias que se irradiam do Velho Porto e nos dirigimos instintivamente e como por acordo mútuo para o mar. Por fim, chegamos a uma rua calçada de pedras à beira do mar, com uma fila de casas altas à esquerda e uma amurada sobre o mar à direita. À nossa frente, flutuando no céu estrelado como uma visão, brilhava a estátua de ouro de Nossa Senhora que fica no alto de Notre Dame de la Garde.

As casas eram escuras e secretas e os raros lampiões lançavam uma luz furtiva sobre a calçada. Barcos dançavam à beira do cais, empurrando-se uns aos outros e recebendo os leves impactos das ondas.

Ficamos encostados à amurada, olhando para o mar. Um grupo de marinheiros, que riam e falavam muito, passou e, depois, passaram um homem e uma mulher absorvidos um no outro. Ninguém nos deu a menor atenção e eu comecei a sentir de novo aquela impressão de sonho, com a diferença de que não era mais produzida pela fadiga, mas por alguma coisa que eu não podia compreender. Era como se Richard Byron e eu estivéssemos dentro de uma redoma de vidro, encerrados no seu silêncio que nada podia perturbar e do qual não podíamos absolutamente sair. Os outros, como vagos habitantes de algum mundo submarino em que nossa redoma flutuava, iam e vinham, flutuando silenciosos e amorfos do lado de fora do vidro, olhando talvez, mas sem poder penetrar o silêncio que nos envolvia.

Até hoje me lembro de Marselha, a cidade mais barulhenta do mundo, como o cenário silencioso daquele encontro com Richard Byron, como um filme silencioso passado numa tela diante da qual nós dois nos movíamos e falávamos, as únicas pessoas vivas presentes.

— Disse que ia fazer-me duas perguntas, — murmurei, — mas só fez uma. Qual era a outra?

Ele me olhou em silêncio e naquela luz fraca eu não podia perceber-lhe a

expressão, mas compreendi que estava embaraçado.

Continuei então: — Acho que sei qual é a pergunta. Não posso deixar de saber. E creio até que era a que devia vir em primeiro lugar porque é a mais importante, não é mesmo?

— Talvez...

— David está no Hotel Triest-Védène em Avignon.

Durante um longo momento, ele ficou imóvel. Depois, voltou-se de súbito para mim e me apertou os pulsos. Como em Nimes, machucou-me, mas dessa vez não fiz qualquer menção de fugir dele. Podia sentir-lhe o coração batendo em suas mãos.

— Por que me disse isso, Charity? Por que me disse assim de repente?

Ainda não lhe contei coisa alguma, não lhe dei qualquer explicação. Não lhe disse nem que menti fingindo-me de assassino para amedrontá-la e fazê-la dizer-me onde estava David. Não tem ainda motivo algum para confiar em mim... Intimidei-a, maltratei-a, insultei-a. Por que me disse isso de repente?

Era como se o coração dele fosse um motor e arrastasse o meu no seu ritmo rápido.

— Não... não sei, — murmurei, tentando retirar as mãos. Ele me largou os pulsos e olhou para as marcas escuras que havia neles. Foi então que me tomou nos braços e me beijou.

Depois de muito tempo, separamo-nos e nós nos recostamos na amurada, olhando para o mar.

— Creio que foi por isso... — disse eu com voz trêmula.

— O pior de tudo é que sempre quis fazer isso desde o momento em que entrei no Templo de Diana em Nimes e vi você ali, com os olhos cheios de lágrimas. E todo o tempo pensei que você fosse uma...

— Cadelinha?

— Sim, — disse ele, rindo. Mas sempre tive vontade de beijá-la, mesmo quando pensava que fosse cúmplice deles, uma malfeitora envolvida num jogo criminoso particularmente imundo, porque trata uma criança e o seu equilíbrio mental como coisas sem importância.

Fez uma pausa e então me perguntou abruptamente: — Não me queria dizer onde David estava... para fazer a vontade a David?

— Exatamente.

— E eu pensava que você os estava ajudando a afastar David de mim.

Você parecia tão culpada e amedrontada. E eu não podia fazer idéia de que o próprio David...

— Sinto muito, mas foi o que aconteceu. Ele queria evitá-lo e eu o ajudei. Pensei que ele estava agindo certo.

— Compreendo isso agora. Mas deve compreender que todas as provas eram contra você, embora o meu instinto se negasse a aceitar as provas... afinal de contas, era mais uma coisa para abalar as minha crenças e transformar em areia movediça outro terreno sólido. Outra coisa que não podia ser, mas era.

— Compreendo... Não foi o que me aconteceu também? Pensei que você era um assassino, tinha medo de você... e veja o que aconteceu.

— Aconteceu a nós dois... Mas você não me entendeu bem, Charity. A pergunta que eu lhe ia fazer não era absolutamente a que você presumiu...

— Como assim? Não queria saber onde David estava? Não era isso que me ia perguntar?

— Não.

— Que era que ia perguntar então?

— Quem é Johnny?

15

Quer passear, Madame?

(DE UMA VELHA CANÇÃO)

A água escura pulsava abaixo da amurada, oleosa e coalhada de palhas e pedaços de cortiça. Era exatamente fascinante e, ao mesmo tempo, repousante, olhar o arfar desses fragmentos à luz mortiça do lampião.

— Johnny era meu marido.

— Era?

— Sim.

— Compreendo. Sinto muito.

— Casamo-nos durante a guerra. Ele era da RAF. Tivemos dois anos, creio que de felicidade. Então, ele foi morto sobre o Pas de Calais.

— Num bombardeiro?

— Não. Numa escolta de caças. — Olhei para o mar e acrescentei: — Algum dia, eu lhe falarei de Johnny. Mas hoje. não.

— Por quê? Por causa do que aconteceu?

— Quer dizer, por que me beijou?

— Não. Porque a amo, Charity.

— Não. Não é por isso. O que me acontece agora não altera o que já aconteceu. O que houve entre mim e Johnny foi uma coisa real que construímos cuidadosamente para nós mesmos e que foi, quando a concluímos, perfeita e satisfatória. Mas o fato de que tudo tenha sido destruído por uma bala alemã não significa que eu nunca mais tente construir alguma coisa entre as ruínas. Deve saber que Johnny não é um fantasma que viva a afligir-me, exigindo o meu luto perpétuo.

— Quando a vi pela primeira vez, você estava chorando, Charity.

— Eu sei. E é verdade que nesse momento eu estava pensando em Johnny. Mas a lembrança de minha vida com ele não se ergue para proibir-me de viver e de maneira diferente... Deve-se construir ainda melhor da segunda vez e" eu posso construir. E tenho certeza de que Johnny insistiria comigo para que eu procedesse assim.

Ele passou os braços em torno de mim, sorrindo.

— Amo você, Charity. Você é tão meiga e tão equilibrada. Estou pensando até que você é capaz de fazer com que o mundo volte a ser para mim o que já foi... Devo compreender que está dizendo que posso beijá-la de novo?

— Bem, eu...

— De qualquer maneira, é isso o que eu vou fazer.

E fez.

Parecia que muitas horas tinham passado. A lua estendia pelo mar a sua esteira prateada e nós estávamos lado a lado debruçados na amurada e começamos a falar.

— Temos de deixar de rodeios. — disse Richard. — Tenho de pensar, preciso muito de sua ajuda e você tem o direito de conhecer todos os fatos.

Não são nada agradáveis e eu sinto relutância em envolvê-la neste caso...

— Já estou mais do que envolvida e graças aos meus esforços próprios, — disse eu.

Ele pensou um pouco nisso e, então, começou a falar.

Não era certamente uma história agradável e eu, enquanto a ouvia, podia sentir correr-me nas veias um pouco da raiva que ardia na voz de Richard.

Era em resumo o seguinte.

Richard Byron, que era um homem razoavelmente rico, vivia em Deepings, no Sussex, e tinha adquirido alguma reputação entre os entendidos como negociante em várias espécies de antigüidades.

— Tudo começou mais ou menos como amadorismo, — , disse ele. — Eu comprava coisas de que gostava e de vez em quando as vendia a pessoas que as viam e gostavam delas. Pouco a pouco, isso se transformou numa ocupação regular, porque fiquei cada vez mais interessado. Não precisava de fazer isso

para ganhar a vida, mas fui ganhando experiência e conhecimento e comecei a fazer viagens para comprar coisas. Com o tempo, tornei-me realmente entendido em certos aspectos do negócio, especialmente pratas e jóias antigas.

A guerra interrompera tudo isso e ele entrara para a RAF.

— Foi voando num grande Lancashire sobre o Ruhr que eu conheci Tony.

— Tony?

— Tony Baxter. O homem a quem dizem que eu matei.

— Oh!

— Era meu navegador e um dos sujeitos melhores que podia haver no mundo. A idéia de que ele pudesse apaixonar-se por Loraine...

— Isso lhe aconteceu também. Afinal de contas, você se casou com ela.

— É verdade. Casei-me com ela. David tinha doze anos e Mary tinha sete anos de morta. Pensei... Bem, você a conhece e deve saber por que foi que me casei com ela.

— Posso calcular...

— Conheci-a em Paris. Abri meu escritório em Paris na primavera do ano passado e estive lá várias vezes durante o ano. Em setembro, fui assistir a unia grande venda de pratarias e levei Tony, mais ou menos com a idéia de mostrar-lhe os segredos do negócio e convencê-lo a trabalhar comigo.

Loraine estava presente à venda, não vi com quem. Logo depois, encontrei-me com ela numa festa. Estava com um homem a quem eu conhecia, Louis Meyer, representante em Londres de um grande negociante francês. Foi ele quem me apresentou a Loraine. Tornamos a encontrar-nos várias vezes. Eu atravessava um período de crise sentimental e... De qualquer maneira, casei-me com ela uni mês depois e levei-a para Deepings no fim de outubro.

A sua boca se contorceu e a voz tomou o subtom duro e desagradável que eu percebera nela na primeira vez em que a ouvira.

— Não deu resultado. Não podia dar. Logo que me casei, percebi quanto havia sido imprudente. Em primeiro lugar, ela não tinha querido ir para a Inglaterra. Queria que eu me estabelecesse na França, aqui no Sul. Mas havia Deepings e David e eu insisti. Surgiram então os problemas. O meu casamento não deu resultado também no que se refere a David. Ela não queria assumir qualquer responsabilidade com ele e ele não deu muito importância a ela. Ele é

muito cortês e não me disse nada, mas era visível que não se sentia feliz... Vivemos assim algumas semanas muito desagradáveis e, então, Tony chegou para passar o Natal. — A voz dele se tornou fria e impessoal como se ele estivesse lendo um relatório da polícia.

— Tony foi encontrado morto na cama em que dormia às três horas da madrugada do dia 19 de janeiro. Fora estrangulado. Havia um cordão de cortina com um laço passado em volta do pescoço dele. Era a corda da cortina da janela de meu quarto e havia as minhas impressões digitais na pequena pêra de madeira com que se puxa a cortina.

— Era natural, — disse eu. — Você de vez em quando abria ou fechava a cortina, não era?

— Sem dúvida. E isso foi no fim o que me salvou. Podiam pensar o que quisessem, mas havia uma explicação inocente ao lado de uma culpada para quase tudo o que foi encontrado. Dez minutos depois de Loraine haver descoberto o corpo...

— Foi Loraine que o descobriu então!

— Sim, ela foi ao quarto dele às três horas da madrugada. Ela se mostrou muito franca em tudo isso, no interesse da justiça. A polícia ficou impressionada. Ela confessou que tinha estado já no quarto dele muitas vezes. Era um bom motivo para que eu o matasse e que ela entregou à polícia numa bandeja. Que é que acha disso?

— Acho que três horas da madrugada é uma hora muito estranha para ir acordar um amante, — disse eu.

— Tem toda a razão, Charity. É um hora muito estranha. Mas ela foi e então, quando desmaiou com o choque, alguém correu para o banheiro a fim de pegar um pouco de água fria e encontrou David ali, meu pequeno David, inconsciente e frio como gelo. Quando lá cheguei, pensei no primeiro instante que ele estivesse morto também.

Ele se calou por um momento e olhou para o mar, mas eu sabia que não estava vendo o reflexo da lua nas águas, mas, sim, o corpo de um menino encolhido no chão frio de um banheiro.

— David não se lembrava de quase nada. Quando pôde falar, disse que acordara com dor de dentes e fora ao banheiro para ver se encontra algum remédio no armarinho. Não se lembrava da hora. Mas diz que, logo que acendeu a luz do banheiro, atacaram-no pelas costas.

— Não teve idéia de quem fosse? Não ouviu nada — um farfalhar de saias, um barulho de saltos altos — nada que indicasse se era um homem ou uma mulher?

— Escute, se houvesse o menor indício que pudesse lançar a culpa sobre Loraine, eu o teria aproveitado para incriminá-la. Porque ela estava metida no caso, não tenho a menor dúvida disso. Não se vive com uma mulher tantos meses, mesmo da maneira pela qual vivíamos, sem saber quando ela está mentindo. Ela estava a par de tudo. Mas não foi ela que atacou David.

Foi um homem. David estava diante do espelho do banheiro, que fica bem em frente à porta, e viu o braço levantado para ele, apenas uma fração de segundo antes de ser atacado. Era um braço de homem, vestido com um paletó azul-marinho.

— Não, num robe?

— Não num robe, — disse ele, sorrindo e segurando minha mão. — Você é pronta em descobrir indícios a meu favor, não é? De fato, isso foi uma das pequenas coisas que me salvaram. Eu tinha naquele dia usado um terno cinza e não possuo terno azul-marinho.

— Mas então?

— Bem, isso no fim me ajudou, mas a polícia não deu muita importância ao depoimento de David. Era uma criança, tinha levado um choque, vira o braço apenas de relance e. além disso, não podia deixar de ser uma testemunha parcial. Afirmou desde o princípio que não podia ter sido eu quem o atacara, mas sem dar razão alguma... Sabia apenas que não podia ter sido eu.

— E você então foi preso.

— Fui ao fim de algum tempo. Bem, o pessoal da polícia foi muito minucioso e muito correto em relação a todo o caso. Trataram-me com muita gentileza. Mas muitas coisas apontavam para mim e eu tive de ser preso.

Olhou sombriamente para a água.

— Não lhe vou contar o que aconteceu em seguida. Ser julgado como assassino, mesmo quando se sai do júri absolvido, não é coisa que se deva recordar, ainda que seja por um momento. É o mesmo que ser acometido de uma doença repulsiva e contagiosa — degradante, exaustiva, deixando no espírito cicatrizes indeléveis. Mas também nessa fase, foram todos corretos comigo, surpreendentemente corretos. E, embora eu ficasse odiando o promotor mais do

que a qualquer outra pessoa na terra, foi um julgamento honesto. A prova é que estou aqui em liberdade... E não guardo o menor ressentimento da polícia, que, por mais rigorosa que fosse, não fez senão cumprir o seu dever. —. Mas foi ela a assassina, Richard? E havia mesmo um homem com terno azul-marinho? Quem era ele?

— Eu bem gostaria de saber. Esse homem nunca foi encontrado. Mas creio que havia um homem lá com ela, um cúmplice, a quem ela deixou entrar para cometer o crime. Pode ter entrado pela janela do banheiro, que estava aberta, escondendo-se atrás da porta, quando ouviu os passos de David. Foi ele quem atacou David, para que este não o visse. Depois matou Tony. Ou ele ou Loraine. Creio pessoalmente que foi ele... Que outro motivo teria ela para dar-lhe entrada na casa?

— Não seria um amante?

— Talvez. Mas ainda que estivesse passando a noite com ela — deve ter percebido já que nessa época dormíamos em quartos separados — e, ainda que Tony houvesse descoberto a ligação dos dois, isso não seria um motivo suficiente para o crime. Não, ela o deixou entrar de propósito para matar Tony.

— Não seria um ladrão a quem Tony surpreendeu?

— Não tocaram em nada do que havia na casa. E Tony não chegou a levantar-se da cama. A perícia chegou à conclusão de que foi estrangulado quando dormia.

— Mas por quê?

— Bem, Charity, essa é a grande pergunta. Por quê? Por que, Deus do céu? Tenho passado noites inteiras tentando descobrir por quê. Se você o tivesse conhecido, ficaria ainda mais perplexa. Era uma das almas mais puras e mais honestas que Deus já mandou à terra. Um homem correto e simples que ninguém aparentemente teria motivo algum para querer matar, Charity. Devem ter querido matá-lo deliberadamente, fazendo planos minuciosos para isso, mas não posso saber por que motivo. Foi esse naturalmente o mais forte argumento contra mim. Ninguém, a não ser eu, tinha a mais leve sombra de motivo para matá-lo. E, quando Loraine confessou que tinha sido amante de Tony, eu fiquei com o mais forte motivo para matá-lo.

Ficou um momento em silêncio, com a testa franzida. Sacudiu então a cabeça como se quisesse livrar-se dos pensamentos que nela se insinuavam.

— Não, por mais que eu tente, não consigo compreender também que motivo

podia ter Loraine em matá-lo ou em ser cúmplice do crime.

— Quem sabe se ele não a repeliu? — sugeri. — Há mulheres que reagem da maneira mais furiosa quando são rejeitadas por um homem.

— Isso poderia acontecer... mas onde é que entra então o outro homem?

Por que iria ele ajudá-la nessa situação?

— Parece ter muita certeza de que houve um homem.

— Tenho, sim. David é apenas um garoto, mas é inteligente e não se deixa confundir com facilidade. Se ele' disse que houve um braço de homem, é porque houve mesmo.

— Quem sabe se ele não estava querendo afastar as suspeitas de sua pessoa?

— Disse isso logo que voltou a si e não tinha idéia do que havia acontecido e não sabia nem que eu era suspeito. Não, ele disse a verdade.

Pensou que tivesse surpreendido um ladrão.

Houve uma pausa.

— É uma complicação, não é? — disse Richard.

— Sem dúvida alguma.

— E isso é apenas metade da história. Não sei ainda por que Tony foi assassinado ou por que Loraine estava aparentemente tão ansiosa por me ver condenado e executado.

— Mas como pode ter tanta certeza...?

Não cheguei ao fim da frase, lembrando-me da conversa que ouvira no alto do monte em Avignon e em que uma voz assustada tinha desejado que ele estivesse morto e acabado...

Estremeci ao ar ainda quente da noite. Ele então falou com uma voz sombria que me apavorou ainda mais.

— Porque eu sou a vítima seguinte. Ela não pôde conseguir que eu fosse enforcado. Mas está preparando outro crime e, dessa vez, a vítima serei eu.

16

Quer falar, Madame?

(DE UMA VELHA CANÇÃO)

— Depois do julgamento, — continuou ele, — fui posto em liberdade e, logo que saí do tribunal, alguém me entregou uma carta de Loraine, que me pedia que fosse vê-la no Hotel Claridge, onde ela estava hospedada. Tomei um táxi e fui vê-la. Estava sozinha e me deu algumas notícias. Boas notícias.

Disse-me categoricamente que ia voltar para a França e que eu não tinha necessidade alguma de instaurar uma ação de divórcio.

— Não havia necessidade? Por quê?

— Disse-me que havia descoberto pouco antes que o marido dela, que estava desaparecido e era dado como morto desde 1943, estava ainda vivo.

Desse modo, o nosso casamento não tinha validade.

— E isso era verdade?

— Ela me mostrou a certidão de casamento — naturalmente, eu sabia que ela tinha sido casada — e uma carta de um advogado de Paris, que examinava o caso do ponto de vista legal. A certidão era sem dúvida autêntica; quanto à carta, não tenho certeza.

— Como era o nome do marido?

— Jean não sei o quê... Para dizer a verdade, não me interessei muito por isso. Havia saído pouco antes da prisão e ainda estava impregnado daquele cheiro horrível. Não queria mais vê-la nem ouvi-la... Queria apenas voltar para casa e ver David. Ele ainda estava em Deeping e eu imaginava que devia estar muito aflito.

Devo ter feito algum som inarticulado, pois ele disse: — Sim, eu sei. Bem, joguei os papéis em cima da mesa e disse que esperava que não fossem falsos, mas que, de fato, isso pouco me interessava desde que ela saísse de meu caminho e que era preferível que daí por diante só nos entendêssemos por meio de advogados, porque eu não tinha a menor vontade de vê-la, nem de falar com

ela. Disse mais alguma coisa e pode crer que não foram nada amáveis.

— Não o culpo. Eu teria torcido o pescoço dela.

— Ela não tinha o menor receio disso. Não sou do tipo capaz de torcer pescoços.

— Não, mas às vezes dá uma boa imitação de que é.

Ele riu, abriu a cigarreira e nós acendemos os cigarros.

— Bem, nossa conversa amável se encerrou quando Loraine me jogou as chaves do carro e me disse que havia deixado o Rolls Royce na estação de Redmanor e que eu devia *ficher le camp*... só que usou uma expressão, vamos dizer, mais direta.

— Compreendo, — disse eu, rindo.

— Você me surpreende, Charity. Mas, como eu estava dizendo, saí de lá, pensando em tudo aquilo, e quando cheguei a Redmanor estava meio tonto de preocupação e irritação e com os nervos à flor da pele ainda por cima.

Encontrei o Rolls onde ela havia dito e saí dali a toda velocidade, tendo apenas uma idéia na cabeça: David.

— E houve um acidente?

— Acertou. Houve um acidente. Há um ponto quando se saí da estrada principal, a cerca de dois quilômetros de minha casa, em que a estrada passa por uma pedreira. Há uma curva fechada no meio do caminho de descida com a pedreira à esquerda e um paredão de rocha à direita. Em geral, não há perigo algum porque, antes de chegar a esse ponto, pode se ver se há algum carro que venha pela estrada lá embaixo. Mas, como lhe disse, eu ia a toda velocidade. Já estava avistando as chaminés de Deepings por entre as árvores no vale e não havia nada na estrada, de modo que desci a ladeira com o pé no acelerador. Mas, justamente no meio da curva, vi outro carro em contramão. Não tive tempo de desviar-me... Não me restava outro recurso senão dar um golpe de direção para a borda da ribanceira da pedreira e rolei com o carro por ela.

— Richard!

— Mas não tiveram sorte. A outra porta não estava bem fechada. Eu não tinha notado isso com a pressa em que estava e a porta se abriu quando o carro começou a cair. Fui atirado para fora. O carro foi cair no fundo da pedreira e se incendiou. Alguns matos me amorteceram a queda e eu fiquei estendido numa

plataforma de pedra no meio da ribanceira.

— Tem certeza de que não foi mesmo um acidente?

— Já lhe disse que tinha visto de cima que não havia um só carro na estrada. A pessoa devia estar com o carro parado a um canto, à minha espera.

Tive tempo de sobra de pensar nisso enquanto estive no hospital e aqui está o que penso que aconteceu. Há uma cabina telefônica mais ou menos a um quilômetro na estrada e a pessoa poderia estar esperando ali logo que soube que o julgamento estava encerrado. Deviam ter sabido que eu iria diretamente para Deepings.

— Mas, Richard, por que ela iria dar-se ao trabalho de lhe falar sobre a nulidade do casamento, se a intenção deles era matá-lo?

— Ela tinha de saber quando eu partiria para Deepings e queria entregar-me as chaves e ter a certeza de que eu iria na carro. Então, quando saí, ela deve ter telefonado para o comparsa. Ele estava com o carro parado atrás do galpão que havia no sopé da ladeira e esperava a minha vinda de binóculo em punho. Meu Rolls era creme e quase inconfundível. Ele mal deve ter tido tempo de chegar à curva a tempo de provocar o desastre.

— Não se arriscou muito a ser machucado também?

— Um assassino está pronto a assumir qualquer risco à fim de lograr o seu intento. Mas, afinal de contas, o risco não era muito grande. Ele poderia desviar-se no último momento, se eu não virasse para a borda da pedreira, mas desde que tinham danificado a barra de direção — uma coisa que me esqueci de lhe dizer — era quase certo eu rolar lá embaixo.

— A polícia não descobriu que tinha havido sabotagem ria barra de direção?

— Não. Foi um golpe de sorte para Loraine. O carro se incendiou por completo e eu soube que não ficou uma só peça reconhecível.

— O cúmplice dela deve ter danificado a barra de direção enquanto o carro estava na estação de Redmanor?

— É o que eu suponho. De qualquer maneira, encontrei o carro aberto.

Mas isso não provava nada. A polícia não aceitou absolutamente a minha hipótese de um crime, do mesmo modo que não aceitara a hipótese de que tivessem forjado provas contra mim no caso do assassinato de Tony. O que faltava, de acordo com. os princípios da polícia, num caso como no outro, era o

motivo. Por que iria alguém querer matar-me? A polícia foi muito paciente e minuciosa, mas em dado momento vi que os detetives estavam ficando por demais confusos. Em vista disso, calei a boca e deixei que atribuíssem tudo a um acidente.

— Confusos como?

— Bem... estavam começando a pensar em suicídio.

— Não, Richard!

— Bem, acharam que eu podia ter ficado inteiramente desequilibrado com o julgamento. Os jornais exploraram essa versão do caso, mas disso não havia provas também.

— E David?

— A última vez que eu vi David foi no momento em que me prenderam e me levaram. É claro que não o deixaram visitar-me na prisão. Quando eu estava no hospital depois do desastre, Loraine fez o que havia prometido.

Voltou para a França. Mas fez mais do que isso, como sabe, e trouxe D&vid.

Ele não foi nem ver-me no hospital antes de partir...

Fez uma pausa, durante a qual eu nada disse.

— Logo que os médicos me deram alta há cerca de quinze dias, vim para cá. Consegui acompanhar-lhe a pista até Lyon em trânsito para o sul... O resto você sabe.

— Mas não compreendo, Richard. David não acreditou absolutamente que você tivesse querido suicidar-se, não foi? E pensava que você era inocente do crime, como você mesmo disse. Por que então acompanhou Loraine?

— Não sei. Suponho que não tenha dito a ele que não era legalmente minha esposa e ele presumiu que, como madrasta dele, ela tinha o direito de cuidar dele enquanto eu estivesse doente. E ele é apenas uma criança. Faria o que lhe mandassem.

— Mas por que ele não escreveu? Por que você teve de seguir-lhe a pista? Por que...

— Não sei, Charity, — disse ele, com uma voz profundamente amargurada. Não sei e tudo isso é um verdadeiro inferno para mim. Já agora, não me interessa mais Loraine, nem o seu cúmplice, nem as tentativas dela de matar-me e nem mesmo a morte do pobre Tony. Quero apenas ver David de novo e explicar-me

com ele. Quero saber que mentiras lhe contaram para que ele nunca mais me desse uma palavra. Talvez o tenham feito acreditar que eu sou mesmo um assassino e que ele não me deve mais ver... E você sabe que a verdade é essa, não é, Charity? Você disse que ele tinha medo de mim, não foi?

Uma onda de compaixão me envolveu tão real que me fez tremer. Mas não pude falar.

Ele se voltou para mim, com insistência: — Então?

— Oh, Richard, não quero aumentar a sua aflição e não sei ao certo de nada. É tudo tão confuso que não sei mais o sentido de nada, nem sei em que devo acreditar.

O rosto dele se abrandou um pouco e eu lhe senti na mão o toque leve.

— Não sairemos dessa confusão enquanto não soubermos de todos os fatos. Conte-me agora o que você sabe — conte-me tudo o que ele lhe disse, tudo o que ele e Loraine estão fazendo e dizendo. Não se preocupe com as minhas reações. A esta altura, já devo estar com o couro bem resistente.

Diga-me tudo o que conseguiu saber desde o primeiro momento em que o viu.

Perguntei-lhe então: — Conhece um homem chamado Marsden? Ele franziu a testa, pensando.

— Marsden? Não, acho que não. Como é ele? E por que pergunta?

— Lembrei-me de uma coisa. E acho que David estava muito certo em dizer que havia outro homem na casa naquela noite.

Comecei então a contar-lhe a conversa que ouvira sem ser pressentida no alto do Rocher des Doms. Contei-lhe tudo literalmente, inclusive a afirmação do homem de que já havia livrado Loraine de dificuldades na Inglaterra e a tirara de lá junto com o garoto.

Ele me ouviu com muita atenção. Quando eu acabei, estava sorrindo, com uma espécie de satisfação amarga.

— Muito bem. Isso mostra que eu estava certo. É muito pouco ainda, Charity, mas já é alguma coisa. Será que esse tal, Marsden tem alguma relação com o marido dela, que apareceu tão providencialmente?

— Se, de fato, apareceu.

— Tem razão, — disse ele. — Se, de fato, apareceu. Mas em breve

saberemos se essa parte da história é verdadeira. Mandei alguém fazer investigações em Paris.

Fez uma pausa e riu.

— Que foi mais o que você viu e ouviu? Ficaremos a par de tudo antes de amanhecer o dia, muito antes, aliás. Parece muito cansada e não é de admirar. Vamos sentar-nos em algum lugar e beber alguma coisa enquanto você me conta a sua história.

17

Quer passear e falar comigo, Madame?

(DE UMA VELHA CANÇÃO)

— Haverá decerto alguma confusão no que vou contar, — disse eu, — porque muita coisa aconteceu antes que eu começasse a dar atenção aos fatos. Não creio também que tenha dons narrativos. Mas farei o melhor que me for possível.

Comecei então a dizer-lhe tudo aquilo de que me lembrava: David e o cachorro, a Sra. Palmer e o que ela me dissera sobre o julgamento de Byron, à viagem a Nimes e as reações de David à presença do pai. A volta para Avignon, a meia confiança de David e sua estranha insistência infantil em que eu nada dissesse a Loraine. O fragmento de conversa ouvido no quarto de Loraine naquela noite. E, em toda a parte, a presença do tal Marsden — acendendo o cigarro de Loraine, andando na escuridão na base do Rocher des Doms, indo para Nimes no ônibus, subindo para os jardins com David na manhã seguinte...

Richard Byron escutou em silêncio, fazendo desenhos com o vinho derramado na mesa, com a cabeça baixa e as sobrancelhas fechadas.

— Está vendo, portanto, — disse eu, — por que procedi como procedi.

Nem percebi que David a odiava. Pensei que tinha apenas de mantê-lo longe de você. Acontece... que fiquei gostando muito de David.

Ele me lançou um olhar que me fez subir o sangue às faces * murmurou: — Sim, David. Sempre voltamos a David. E as velhas perguntas reaparecem: por que ele partiu assim sem me procurar, sem me dizer uma palavra; o que ele pensa daquela terrível noite; por que tem medo de encontrar-se comigo... Pensei até que poderiam matá-lo, isso até ao momento em que recebi a carta anônima de Paris.

— Carta anônima?

— Recebo dezenas. A sujeita habitual que sempre se derrama quando um

julgamento abre as comportas dos esgotos. Essa tinha sido expedida de Paris e quem a escreveu devia conhecer a mim e a David. Dizia que o tinha visto ali. Havia também muitos desaforos... mas essa parte não tem muita importância, não é mesmo?

— Que horror, Richard!

— Mas isso me deu uma pista. Minha governanta tinha-me dito que David saíra de casa com Loraine e que esta havia dito que ia para a França.

Isso foi um ponto de partida. Vim com o carro no primeiro vapor. E no meu apartamento em Paris — tenho um quarto por cima do escritório — encontrei outra carta à minha espera.

— Mas quem poderia...?

— Loraine. Dessa vez, a carta estava assinada e era escrita a mão e não a máquina, mas havia no estilo alguma coisa que fazia dela a continuação da primeira.

— Era também sobre David?

— Era. Dizia que ela e eu devíamos ter dentro em breve uma longa conversa sobre o futuro. Mas, como David não me queria ver e ela ainda não se sentia com ânimo de encontrar-se comigo, ela ia levá-lo para fora de Paris e entraria em contato comigo depois. Não era só isso o que dizia, mas era o essencial.

— Que foi que você fez?

— A carta tinha o carimbo de Lyon e eu naturalmente fui até lá. Gastei alguns dias procurando e fazendo perguntas em hotéis, bares e cafés até que consegui um indício. Loraine chama muito a atenção, como você sabe, e o *barman* de um dos hotéis se lembrou de tê-la visto e de tê-la ouvido dizer que ia para *o* sul. Não a aborrecerei com detalhes. Basta dizer que segui a pista com muita facilidade até Bollène. Soube então que tinham sido vistos na estrada para Pont St. Esprit, que, como sabe, fica defronte de Bollène, do outro lado do Ródano, no caminho de Nimes. E assim é que eu fui para" em Nimes. Não os encontrei, mas cheguei bem perto.

— Não admira que tivesse tido ímpetos de me matar quando viu que estava tão perto de David e eu lhe barrava o caminho.

— Pensei que estivesse mancomunada com eles. Nunca sequer me passou pela cabeça a idéia de que David não me quisesse ver. Julguei que ela e o cúmplice estivessem exercendo alguma espécie de coação sobre ele para impedi-

lo de me escrever. Pensei que você fazia parte da quadrilha e tive mesmo ímpetos de matá-la. Pobre Charity! Assustei-a muito?

— Assustou. Foi por isso que tentou fazer-me acreditar que era um assassino?

— É claro. Não sabia até que ponto eles a haviam inteirado da verdade e queria amedrontá-la. E consegui. Fiz você perder os sentidos. Mereço todos os castigos por isso.

— Não fale mais nisso, Richard. Fiquei apavorada porque pensei que você fosse...

— Pensou que eu fosse o quê? ..

— Nada.

— Diga. Você prometeu contar todos os fatos.

— Pensei que você era louco, — disse eu, sem olhar para ele. Apressei-me em acrescentar: — Eu só sabia o que a Sra. Palmer me havia contado.

Depois, quando vi que você era tão violento e que David estava tão amedrontado, pensei que devia ser louco mesmo, pois do contrário não teria atacado David naquela noite. Depois que me encontrei com você em Nimes.

fiquei inteiramente convencida.

Houve uma pausa.

— Charity...

— Sim, Richard?

— Diga-me uma coisa, Charity...

— Que é?

— David disse alguma coisa que a fizesse acreditar que eu era louco?

— Não me lembro...

— Está mentindo, Charity. Já devia saber que não pode mentir para mim.

David lhe disse que eu era louco?

— Disse.

Quando consegui afinal olhá-lo, ele estava sorrindo.

— Corujinha querida, não fique assim tão preocupada. Isso na realidade

simplifica tudo.

— Como assim?

— Não vê que isso é alguma coisa de definido, alguma coisa com a qual podemos lutar? A coisa se reduz ao seguinte: procuraram convencê-lo de que eu era louco por tê-lo atacado com uma pancada na cabeça e por ter tentado o suicídio com o Rolls Royce. Só essas duas coisas poderiam ser interpretadas coma atos de loucura, a não ser que se mencionasse também o crime. E, desde que eu tenho plena certeza de que seria impossível fazer meu filho acreditar que eu o ataquei ou matei Tony, convenceram-no com a pretensa tentativa de suicídio.

— E daí?

— Daí, estamos agora numa posição bastante forte para dissuadi-lo dessa convicção. Ele confia em você, não confia?

— Creio que sim. Pelo menos, desde que eu o ajudei em Nimes a fugir de você.

— Você terá então de voltar e conversar com ele, convencendo-o de que eu tenho tanto juízo quanto você e que ele deve ir a algum lugar e conversar comigo. Depois disso, tudo estará certo de uma vez por todas.

— Pretende levá-lo em sua companhia?

— Evidentemente. Acha então que eu o deixaria voltar para ela? Ela e o amante — ou marido, se quiser — podem tomar seu rumo e eu e David tomaremos o nosso... com você ao nosso lado.

— Dito assim, parece muito fácil, — disse eu. — Mas, Richard, se têm mesmo a intenção de matá-lo, acha que Deeping terá mais segurança agora do que tinha dantes?

— Não sei o que lhe posso dizer, Charity... Minha casa, por alguma estranha razão, não é mais um lugar seguro para: mim ou para meu filho.

Mas, por alguma estranha razão, é o centro do caso. Todo o caso é como uma história contada por um idiota, cuja lógica demente só poderemos perceber depois que tivermos esquadrinhado tudo e encontrarmos...

— Freud no sótão?

Ele riu e acabou de tomar a bebida.

— Já que você põe a questão nesse pé, sim.

O café estava quase vazio e a multidão que passava pela rua tinha diminuído perceptivelmente. Alguns marinheiros negros passaram de braço dado com mulheres espalhafatosamente vestidas. Um garoto árabe, de pele dourada, passou por entre as mesas, mendigando.

— Tenho às vezes pensado ultimamente que vou mesmo enlouquecer, — disse Richard de repente. — O crime, o julgamento, o desastre com o carro, as semanas no hospital e as terríveis dores de cabeça que ainda sinto de vez em quando. E David. Tudo isso foi uma inesperada transformação de minha, vida e da vida de David. E, por último, há o desacerto fundamental de todo esse caso. Certos fatos existem, mas não podem ser fatos porque não se ajustam a qualquer padrão objetivo de realidade. E isso é o que me perturba, Charity. Nada faz sentido. Tudo parece virado de pernas para o ar.

— Mas talvez haja uma lógica em tudo isso. Deve haver para a história do idiota. Temos de procurar suficientemente no só tão.

Ele me olhou sem falar e eu continuei ansiosamente: — Sei que tenho razão, Richard. Ainda há pouco, no cais, você me disse que os princípios tinham valor ainda que as provas dissessem o contrário.

Pois é a pura verdade. Você encontrará uma razão para os fatos. Há sempre uma razão!

Os olhos dele, fitos em mim, brilharam de repente: — Tem toda a razão, querida... Perdoe-me. Vivo há tanto tempo na franja do absurdo que isso me prejudica a lucidez. Mais um café, sim? Que é que vai acompanhar desta vez?

— O mesmo.

— *Garçon, deux cafés-cassis*... Está muito cansada, Charity?

— Cansada? Não, não me sinto cansada agora...

— Tem certeza?

— Tenho.

— Muito bem. Então, vamos agir de acordo com a sua presunção bem pouco feminina de que há uma lógica em tudo. Primeiro, temos de ver David e resolver essa parte quanto antes. Mas, depois disso, começaremos do princípio. Examinaremos tudo até ao fundo, seguiremos todas as pistas, todas as sombras, até encontrar uma explicação para tudo.

— Isso! — disse eu. — Não deixaremos pedra sobre pedra. Conte comigo.

18

O assassinato na cama...

(CHAUCER)

Meia hora e dois cafés depois, tínhamos feito alguns progressos.

Tínhamos examinado de todos os ângulos todos os fatos que possuíamos, ligando-os uns com os outros e, embora certas coisas tivessem ficado mais claras, o núcleo do mistério permanecia sombrio e irredutível.

— Temos de saber o motivo, — disse Richard pela vigésima vez. — O assassinato de Tony e duas tentativas de morte contra mim... Não pode deixar de haver um motivo.

—'Deve haver um motivo muito forte para um crime de morte. — disse eu firmemente. — Há um motivo em algum ponto e nós o encontraremos se soubermos procurá-lo. Sempre ouvi dizer que os três motivos básicos para um crime de morte são a cobiça, a paixão e o medo. O crime não foi aparentemente cometido nem por dinheiro, nem por amor, mas o terceiro motivo é o mais forte dos três.

— Medo? Mas quem pode ter medo de mim ao ponto de querer matar-me?

— Alguém evidentemente, desde que isso foi tentado. Isso é lógico ou não é, Richard?

Ele sorriu, embora um tanto contrafeito.

— Está muito bem. Vamos partir daí. Mas não me vai dizer que Loraine tivesse tanto medo de mim que quisesse matar-me?

— Não. Julguei que tínhamos chegado à conclusão de que ela estava trabalhando para outra pessoa.

— Nosso velho amigo X, o homem do carro, não é?

— X tentou matar você, não por dinheiro, nem por ciúme, mas com receio de alguma coisa que você pode fazer-lhe. A sua vida constitui uma ameaça para ele, para a liberdade, a profissão ou a vida dele.

— E assim, vamos chegando a outro velho impasse: sei de alguma coisa que não sei o que é.

— É uma coisa que pode acontecer, — disse eu, obstinadamente. — Não baralhe as coisas. Há um fato que me impressionou muito em relação à sua procura de Loraine e David.

— Que é?

— Foi tudo muito fácil, Richard. Se estivessem realmente querendo esconder-se...

— Exatamente. Isso foi também uma coisa que muito me intrigou. A procura me foi meio facilitada. Loraine me disse que vinha para a França, mandou-me as cartas pelo correio sabendo que eu iria ver os carimbos — deixou um rastro, embora não muito ostensivo, para eu não desconfiar.

— Está vendo o que quer dizer isso? Ela — ou X — queria você aqui.

Você me disse que ela tentou fazer você vir para a França logo depois do casamento. Ela ainda queria isso. Foi principalmente por isso que veio com David. Você nunca teria seguido Loraine, se ela estivesse sozinha, não é mesmo? Se ela lhe tivesse escrito dizendo que queria falar com você, teria decerto encarregado da tarefa um advogado...

— Sem dúvida alguma.

— Por isso, para ter certeza de que você viria, ela trouxe David como isca e encaminhou você para o Sul da França.

— Ao encontro de X? Supõe então que, não tendo conseguido matar-me na Inglaterra, X está-se preparando para outra tentativa aqui?

— Se o trouxeram para cá deliberadamente, como parece que aconteceu, não vejo outra razão para que tivessem feito isso.

— Está bem, vamos admitir isso. Eles me trouxeram para o Sul da França, mas se perderam de mim em Pont St. Esprit por acaso ou de propósito.

— Qual é sua opinião?

— Acho que foi por acaso. A pista falsa que eu segui até Nimes foi genuína. Duas pessoas tinham partido para Nimes e> pela descrição que me deram, bem podiam ser Loraine e David. E eles foram para Avignon, enquanto eu perdia tempo com falsas pistas.

— Não admira que ela estivesse começando a perder a calma, — disse eu. —

Parecia realmente amedrontada naquela noite no Rocher des Doms.

— E não admira que tivessem ficado muito satisfeitos em deixar você levar David. Desde que eu estava por perto à procura dele, era bem possível que eu o visse e seguisse a pista de novo.

Não concordei com isso.

— Que era que o impediria de falar com David, explicar tudo a ele e, em seguida, levá-lo?

— O Sr. X! Loraine, que tinha perdido a coragem, ficou fora do caminho em Avignon. Mas aonde David fosse, pode ter certeza de que X iria também.

— No ônibus de Tarascon, — disse eu.

— Sabe que acho que estamos chegando a alguma coisa concreta? Se estamos certos, deve ter sido um momento desagradável para X quando você conseguiu afastar David de meu alcance e, ao mesmo tempo, me afastou de X e dos seus desígnios! Parece que não é pouco o que lhe devo.

— Mas que poderia ele fazer contra você em Nimes?

— Quem sabe? — disse ele, quase com indiferença. — Os arredores são quase desertos. Qualquer coisa poderia acontecer. Um cadáver ficaria ali durante meses sem ser descoberto...

— Não diga isso!

— Mas é verdade. É um bom lugar para um crime discreto. E é por isso que estou sendo atraído para cá. Onde deveriam preparar primitivamente a armadilha? Em Avignon? Não parece provável.

— Loraine disse que iam para o sul dentro de dois ou três dias. Nice e Monte Cario.

— Se é verdade... isso pode significar qualquer coisa. Há lugares bem desertos por lá, com penhascos bem convenientes...

— E uma cidade bem perigosa.

— Marselha? Por que não? X falhou duas vezes no Surrey pacífico e bem pode agora...

— Levá-lo para o terreno dele, — disse eu.

— Não está precipitando as conclusões? — perguntou Richard. — Acha então que X vive em Marselha?

— Pode chamar-se de Marsden e ler T. S. Eliot — ainda que uma vez estivesse com o livro de cabeça para baixo — mas aposto que é francês e o primeiro marido de Loraine e que tem alguma razão definida para querer você aqui nesta parte do pais — Quer dizer que está tudo resolvido, não? Só falta é eu me lembrar daquilo que sei sem saber.

— Tente lembrar-se, Richard! Não, não ria de mim! Creio que isso é muito sério! Pense!

— Estou pronto a pensar, querida. Mas em quê?

— No assassinato de Tony. Um crime de morte é a única coisa bastante grave para fazer X ir a tais extremos, não é? Talvez você saiba de alguma coisa capaz de levá-lo à forca.

Mas Richard sacudiu a cabeça.

— Nada, Charity. Desse lado, não há nada. Tenho certeza disso. A polícia esmiuçou tudo e eu... Deus sabe que tive tempo de sobra para repassar tudo na cabeça, todo grão, toda partícula, todo átomo de fato em meu poder. Sabe que eu tive muito tempo para pensar na prisão.

— De fato. Desculpe que eu lhe tivesse recordado isso.

— Não se preocupe. Isso não tem mais tanta importância para mim como tinha há meia hora. — Deu-me um breve sorriso. — Mas estamos esquecendo uma coisa. Tony foi assassinado também e também sem motivo aparente. Quem sabe se X quer-me eliminar não por alguma coisa relacionada com o assassinato de Tony, mas a Tony e a mim por alguma coisa em que estivemos juntos?

— No comércio de antigüidades? Parece pouco provável.

— Pois é isso. Foi essa toda a relação que houve entre Tony e mim, salvo durante a guerra.

— Voaram juntos durante muito tempo?

— A bem dizer, não. Foi quase no início do meu terceiro período de serviço que eu caí. Tony tinha estado comigo desde a metade do segundo período.

— Isso e o encontro depois da guerra foram todas as relações entre vocês dois?

— Nada mais.

— Não houve transações equívocas em Paris?

— Nada fora da norma habitual.

— Não assistiram a nenhum crime horripilante em Mont-martre?

— Não.

— Mas deve ter havido alguma coisa, — insisti. — Pense bem. Você e Tony devem ter assistido a algum crime.

— Não, — disse ele, sorrindo.

— Nem mesmo algum crime que no momento lhe tenha Parecido insignificante?

— Não, nem mesmo... — Parou de repente quando ia acender o cigarro e exclamou: — Que coisa mais estranha!

— O quê?

Mas ele sacudiu a cabeça e riscou o fósforo.

— Bem, não tem relação alguma com este caso. Mas, por mais estranho que pareça, Tony e eu vimos juntos um crime ser cometido. — Acendeu meu cigarro com o fósforo e sorriu ao ver minha expressão. — Não, não tem relação de espécie alguma com esse caso. Foi durante a guerra e fez parte da crueldade geral de tudo.

— Está-se referindo aos bombardeios?

— Claro que não. Eu não era moço bastante para qualificar os bombardeios de assassinatos. Para mim, eram apenas um serviço que eu tinha de executar. Não, isso de que estou falando foi um assassinato a sangue-frio, particularmente bestial.

— Conte-me o que foi. Afinal de contas, pode ter alguma relação...

— Duvido muito. E a história é muito desagradável...

— Não faz mal. Conte-me ainda assim.

— Muito bem. Foi quando Tony e eu estávamos sendo levados para Francfort para sermos interrogados, depois que o nosso avião caiu. Nós éramos os dois únicos oficiais comissionados da tripulação. As bombas tinham danificado a linha principal e nós seguíamos num trem de carga por outra linha, subindo o vale do Lahn. Tivemos de parar num desvio para deixar um expresso passar. Era uma tarde triste de inverno com neve por toda a parte e o céu muito baixo parecendo um pano sujo. E que frio fazia...

Estava olhando para o cigarro que tinha entre os dedos e falava mais consigo do que comigo. Penso até que ele me havia esquecido por completo e estava naquele momento no pequeno desvio desolado à margem do Lahn.

— ... Havia outro trem também à espera, uma porção de vagões fechados de tábuas com marcas de giz. Só percebemos de que se tratava quando vimos um pequeno grupo de homens das S.S. de guarda. Era um trem de judeus que estavam sendo levados para os locais de matança do Leste.

Tirou uma longa fumaça do cigarro e continuou: — Durante muito tempo, tudo foi calmo até que de repente começaram a acontecer coisas. Ouvimos o expresso apitar a alguma distância. Houve então um grito, um tiro, uma verdadeira babel de gritos e, então, os guardas das S.S. pareceram estar correndo para todos os lados. Todos, menos o oficial, que nem voltou a cabeça. Ouvi mais dois tiros e um homem que gritava. Os gritos pararam de repente como se o homem tivesse mordido a língua e os guardas apareceram arrastando-o entre as rodas do outro trem.

Devia ter tentado fugir, o pobre-diabo. Era um sujeito baixinho e magro, que mais parecia um espantalho. Sangrava um pouco e tremia de pavor. Estava chorando quando o levaram à presença do oficial e tiveram de bater-lhe no rosto para fazê-lo parar. Foi tudo muito rápido. Nós estávamos ali sem saber ao certo o que estava acontecendo. Não se ouvia senão o barulho do expresso que se aproximava e o choro do homem. E o oficial não se dignara nem de dar um passo do lugar onde estava.

— Que aconteceu então?

— Um dos homens disse alguma coisa e, em seguida, voltou-se para o homenzinho e sorriu. Depois, fez um gesto e disse alguma coisa. Não pudemos ouvir o que foi, porque o expresso já estava chegando, mas o judeu começou a gritar de novo e a debater-se.

— Meu Deus! — exclamei.

— Jogaram-no atravessado na linha e ele pareceu ali ficar para sempre como um boneco desconjuntado em cima da neve e então a grande locomotiva do expresso apareceu e avançou como uma guilhotina esfuziante.

Não sei bem qual foi a nossa reação. O nosso vagão estava trancado, mas eu me lembro de ter dado socos na porta, gritando como um louco, enquanto o guarda de nosso vagão tentava fazer-me parar porque conhecia o oficial e tinha medo dele e é claro que não devíamos estar absolutamente ali.

— O oficial os viu?

— Viu. Depois que o expresso passou, ouviu o barulho que estávamos fazendo, virou-se e viu-nos. Fomos levados à presença dele e creio que ele nos teria fuzilado ali sumariamente se não estivéssemos a caminho de ser interrogados pelo General Von Lindt, que era bem mais importante do que Herr Oberführer Kramer.

— Era esse o nome do oficial?

— Era Max Kramer. Um grande gigante louro com olhos frios e duros como pedaços de granito. Creio que os piores momentos de minha vida foram os que passei ali ao lado de Tony Ç diante dele. Estava com uma vontade louca de matar-nos — isso era mais do que evidente! Movia a boca e a mão com que segurava a arma tremia um pouco. Parece que ainda o estou vendo — com a pistola apontada para nós e a mão horrível a apertar nervosamente o cabo. Tinha uma feia cicatriz que lhe corria por todo o dedo indicador e a unha era deformada. Todo ele tremia de furor sanguinário...

— Mas deixou-os ir.

— Deixou, sim. Nunca mais o vi. Nosso trem partiu pouco depois e nós terminamos, da maneira mais convencional possível, no Oflag XIV. Mas, Charity...

— Que é? — Uma sombra profunda cobria-lhe os olhos. Eu tinha vontade de dizer-lhe que se esquecesse de tudo, que não falasse mais no caso, mas bem sabia que ainda não era tempo de que ele se esquecesse.

— Reconheci o judeu... Olhei-o, horrorizada.

— Quer dizer que o conhecia?

— Não, não era meu amigo. Tinha-me encontrado com ele uma vez numa galeria de Bond Street. Era um pintor e bom pintor. Chamava-se Emmanuel Bernstein.

— Isso agrava as coisas para você. Richard apagou o cigarro no cinzeiro e disse: — Uma das melhores coisas que ele fez tinha o título de *Paisagem Sob a Neve.*

19

Tenho para mim que não há trevas piores do que a ignorância, na qual se fica mais perdido do que os egípcios na sua cerração.

(SHAKESPEARE)

Estava ficando tarde. Parecia absurdo que havia apenas algumas horas que eu chegara ao cais de Marselha para cair diretamente nos braços de Richard Byron. Ele tinha sido meu inimigo, meu pesadelo e agora...

— Tenho a impressão de que tenho passado a vida toda sentada a mesas de café a conversar com você, — disse eu, inconseqüentemente.

Ele sorriu e disse: — Estou falando demais. Não lhe devia ter contado aquele sinistro caso do tempo da guerra. — Tudo isso pertence ao passado e, como viu, não tem relação alguma com o caso atual.

— De fato, parece não ter, — disse eu. — E uma coisa é certa: O Sr. X não é Kramer — e ao menos Marsden não é Kramer. Nunca foi na vida dele um gigante louro.

— Assunto encerrado, — disse Richard olhando para o relógio. — Vamos dormir? Mais um café?

— Não poderia tomar nem uma gota.

— Nem eu. Vamos combinar qual será a nossa próxima providência e então irei levá-la ao seu hotel.

O plano dele era muito simples. Eu voltaria no dia seguinte para Avignon, contaria a Louise o que estava acontecendo e convidaria David para dar um passeio comigo. Eu o entregaria então ao pai, depois do que Louise e eu sairíamos sem alarde de Avignon, indo para um hotel que Richard conhecia em Aix. Passaríamos um dia ou dois ali. Richard levaria David para a casa de uns amigos dele, os Dexters, que estavam passando o verão em Hyères, um pouco adiante na costa, e, então, entraria de novo em contato comigo.

— Agora que estou de certo modo prevenido, — disse ele, — poderei enfrentar X ou quem estiver seguindo David, desde que se trate de uma só

pessoa. Depois, quando me explicar com David e o tiver deixado em segurança com Bill Dexter, poderei pensar no que devo fazer. Com David ainda vulnerável, tenho as mãos atadas.

— Tudo fica simples e claro quando você fala assim, — disse eu. — Vamos esperar que dê resultado. Para onde levarei David a fim de encontrar-se com você?

Ele me olhou com um sorriso malicioso e perguntou: — Que tal a catedral de Tarascon?

— Bobo! — exclamei. — Eu gostaria de saber mentir. Não me lembre essa inferioridade!

— Que tal a arena de Aries, acima do portão principal? Chegarei lá às dez e meia e esperarei o dia inteiro, se for preciso. É claro que você terá de desembaraçar-se de X no caminho... mas não se arrisque de maneira alguma.

Se houver alguma coisa, telefone para o *Légionnaire* em Nimes e deixe recado ... para Richard Coleridge, não se esqueça. Combinado?

— Combinado.

Levantamo-nos e ele pagou a despesa. Encaminhamo-nos então para o bulício da Canebière. Havia ainda para mim alguma coisa irreal nas ruas repletas, cintilantes, barulhentas de Marselha. A multidão passava por nós, rindo e conversando, os ônibus passavam ruidosamente, os cafés eram colméias de risos e música, mas para mim o que havia mesmo de real em todo aquele brilhante desfile era o contato da mão de Richard em meu braço.

— Por aqui, — disse ele e, de repente, saímos da multidão e seguimos por uma rua escura e quase deserta. — Onde foi que deixou seu carro?

Tirei o cartão da bolsa e li-o em voz alta: *"Bergère Frères, 69 Rue des Pêchers"*.

— Mas não faço a menor idéia de onde fica isso.

— Eu sei onde é. Passarei amanhã pelo seu hotel às oito e meia.

Tomaremos café juntos e iremos buscar seu carro. Seguiremos então pela estrada de Avignon. Mas não tente fugir de novo, menina.

— Fique descansado.

— Você quase me desnorteou por completo em Cavaillon. Quem foi que lhe ensinou a dirigir assim? Você é bem boa, sabe?

— Quem me ensinou foi Johnny.

— É claro. Tinha de ser.

— Era o passatempo dele. E a profissão também, antes de entrar para a RAF. Guiou carros de corrida desde o momento em que tirou carteira de motorista. Era ótimo.

— Foi sem dúvida um bom professor para você.

— Como é? Pagou minha conta em Les Baux?

— É claro, — disse ele, rindo. — Não podia agir de outra maneira, depois de ter passado a noite em seu quarto. Expliquei a sua partida abrupta, dizendo que você tinha estado doente recentemente e ainda não estava inteiramente recuperada, ao menos da cabeça...

— Atrevido!

— Não se preocupe. Você está melhorando rapidamente. De qualquer maneira, a *patronne* acreditou porque era mais fácil para ela e eu não me estava negando a pagar. Os franceses são realistas. Portanto, não se preocupe mais com Les Baux.

— Nunca mais terei coragem de aparecer por lá.

— Uma das coisas que realmente me intrigaram a seu respeito foi a sua presença em Les Baux, armada apenas com um livro de poesia medieval.

Não me era possível imaginar uma cúmplice de Loraine calmamente sentada a ler *chansons de toile.* E ali estava você, admirando a manhã como qualquer turista... Você é uma mulher surpreendente. Foi Johnny também quem lhe ensinou francês medieval?

— Eu era professora de francês antes de me casar.

— Bem, eu pensei...

Calou-se de repente, agarrou-me o braço com mais força e parou.

— Que é? — murmurei, espantada.

Não se via ninguém. Estávamos no meio de uma rua estreita e mal iluminada que ligava duas artérias mais importantes. Era uma rua de prédios altos e de aspecto furtivo, que já tinha conhecido tempos melhores e agora estava cheia de escritórios, garagens, depósitos e até lojas. Era para uma delas que Richard estava olhando naquele momento. Segui-lhe o olhar. A vitrina diante da qual

estávamos era a única iluminada na rua, mas, a não ser isso, eu nada podia ver nela de notável. Era comprida e baixa e estava repleta de uma confusão de cadeiras e mesas, tamboretes, jarras e peças de xadrez de marfim.

Li o que estava escrito acima da vitrina: *"Werfel et Cie., Paris et Marseille, Objets d'Art".* Antigüidades... Já ia dizer alguma coisa quando vi também o que havia atraído a atenção de Richard.

Estava belamente colocada numa dobra do veludo estendido na vitrina e cintilava à luz da única lâmpada acesa. Era uma pulseira de prata, na qual as armas de uma casa nobre se entrelaçavam com lírios, grifos e asas. Eu já a havia visto.

Richard deu um suspiro e exclamou: — Como é estranho ver esta pulseira aqui! Dei-a a Loraine antes de nos casarmos. Ela deve tê-la vendido em Paris e a pulseira veio parar aqui. Não sei por que me espantei de vê-la. Vamos.

— Não, Richard. Se ela vendeu a pulseira, deve ter vendido hoje em Marselha.

— Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que já vi essa pulseira ou uma muito parecida com ela.

— Essa é única. Obra italiana do século XV. Foi feita para Lucrezia di Valozzi e não há outra igual.

— Então Loraine a estava usando ontem de manhã. Houve uma pausa.

Estava aborrecida comigo mesma por estar começando a tremer. Richard estava muito nervoso e apreensivo, mas eu sabia que o medo que ele sentia não era por si mesmo.

— David, — disse ele. — Temos de saber o que foi que houve com David. Isto significa que Loraine já está em Marselha.

— A armadilha, — murmurei cheia de receio. — A armadilha...

— Que me importa a armadilha? Não usariam de tantos rodeios para pegar-me. Nenhum deles deve ter-me visto desde Nimes e Marsden não estava hoje na estrada. Agora escute.. Tenho de saber quem foi que vendeu ou empenhou essa pulseira e quando. Seu hotel fica na rua ao fim desta, a Rue Mirabell. Vire à direita e seu hotel fica a uns cinqüenta metros de distância. Vá diretamente para lá e telefone para sua amiga Louise no Tistet-Védène. Saiba dela quando foi que Loraine partiu e se Marsden estava com ela e David. Apure tudo o que ela

souber.

Sabe tudo o que tem de perguntar. Depois, volte para cá. Tem dinheiro?

— Tenho. Mas não quero, Richard...

— Faça o que estou mandando, -— disse ele, tomando-me nos braços e beijando-me na boca.

Segui então, meio andando, meio correndo, pela rua escura e ouvi que a porta da loja se abria e ele entrava.



A voz de Louise, através de noventa e cinco quilômetros de fios telefônicos franceses, era surpreendentemente clara e felizmente calma.

— Charity! Estava agora mesmo pensando em você, sem saber se ia voltar hoje. Como deixou a aldeia dos fantasmas?

— Mais ou menos. Escute, Louise, será que alguém aí perto pode ouvir você?

— Só o porteiro e ele é surdo como uma porta.

— Agora, escute. Estou falando de Marselha.

— De onde?

— Não repita em voz alta, pelo amor de Deus. Marselha. Não tenho tempo de lhe explicar agora, Louise, mas quero que me responda a algumas perguntas. É terrivelmente importante e estou numa situação difícil...

— David está com você? Era então verdade. A maldita mulher tinha levado David.

— Alô, Charity?

— Alô.

— Está bem? Sua voz está tão esquisita!

— Estou bem. Quer dizer que os Bristols deixaram o hotel?

— Deixaram. E você nem pode imaginar a confusão! — disse Louise calmamente. — A Sra. Bristol gritava, praguejava e dizia que você tinha raptado o garoto. O Sr. Palmer, os alemães e até o simpático Paul Véry saíram para procurar...

— Está querendo dizer que David fugiu, Louise?

— Hoje de manhã. Deixou um bilhete muito cortês para a mãe e saiu com cachorro e tudo. Só na hora do almoço foi que descobriram. Ele não está então com você?

— Claro que não!

— Pois eu pensei o contrário. Você parecia ter tanto interesse nele e, de repente, anunciou que queria ir para esse tal lugar Les Baux e isso me pareceu muito estranho. Entretanto, fico contente de que você não seja raptora. Eu estava pensando furiosamente.

— Será que tudo isso é genuíno, Louise? Quero dizer, será que ele fugiu mesmo?

— É o que tudo indica. Não havia nada de fingido na maneira pela qual a tal Sra. Bristol me procurou hoje querendo saber onde você estava. Estava branca como uma folha de papel...

— Disse alguma coisa a ela?

— Nadinha. Eu sabia que você não iria raptar ninguém sem justa causa e, afinal de contas, não gosto mesmo da mulher. Que é que há no fundo de tudo isso?

— Não há nada. Louise, você é a amiga melhor do mundo!

— Não diga uma coisa dessas. Mas a coisa não foi fácil e o hotel estava tão chato com tanto movimento que eu resolvi passar o resto do dia fora daqui.

— Continue. Conte-me tudo o que aconteceu. A Sra. Bristol ainda está aí?

— Não. Deve ter passado o dia todo inquieta enquanto os vários homens procuravam o garoto. Mas deixou o hotel pouco antes da hora do jantar.

— Sozinha?

— Parece que sim. Só cheguei aqui depois do jantar. É claro que fiquei muito contente de saber que todo mundo tinha dado o fora.

— Todo mundo? O Sr. Marsden saiu do hotel também?

— Saiu hoje de manhã. E os alemães...

— Antes de David ter desaparecido ou depois?

— Ninguém sabe. Marsden pagou a conta e saiu por volta das dez horas, mas ninguém sabe a hora em que David saiu.

— Compreendo...

Encostei-me à parede da cabina com uma das mãos na fronte, tentando dar ordem aos fatos. David tinha desaparecido. E Marsden também. Isso parecia alarmante. Mas Marsden não poderia ter ido com David. Do contrário, Loraine Bristol não ficaria tão preocupada que chegasse ao ponto de acusar-me de rapto.

— Houve qualquer idéia de comunicar o fato à polícia, Louise?

— Sem dúvida. Madame falou logo nisso, mas a Sra. Bristol se opôs violentamente. Acalmou-se depois, dizendo que a surpresa a havia deixado nervosa e pedindo desculpas pelo que tinha dito a seu respeito. Depois, disse que sabia mais ou menos para onde ele tinha ido e que ninguém devia preocupar-se mais com uma travessura de criança. Ela mesma iria procurá-lo. Assim, de acordo com a Sra. Palmer, arrumou as malas e partiu no trem das sete horas para Marselha. Eu no seu lugar, minha querida Charity, voltaria diretamente para Avignon.

— Vou tratar disso em breve. Alguém mais saiu do hotel?

— Não sei. Não estava aqui na hora do jantar e os Palmers foram as únicas pessoas que encontrei no pátio quando voltei. Até gostei. De qualquer maneira, foi um dia horrível. Escute, Charity.

— Que é?

— Sabe alguma coisa sobre o que está acontecendo?

— Um pouco. Só não sabia era que David tinha fugido. E não sei onde ele está. Bem que gostaria de saber. Sabe se ele levou algum dinheiro?

— Ah, não tinha. E foi por isso mesmo que pegou a pulseira dela. Levou a pulseira e o passaporte dele. Explicou no bilhete que deixou que precisava de dinheiro e mandaria para ela a cautela do penhor.

Meu coração tinha começado a bater dolorosamente. Havia dois fatos claros: David estava em Marselha e Loraine estava a caminho. Quanto ao Sr. X...

— Tenho de desligar, Louise. Só uma coisa mais: David disse mais alguma coisa no bilhete?

— Não. Eu vi o bilhete. Ela andava com ele em punho por todos os cantos. Dizia apenas que se ia embora levando a pulseira, até porque sabia que a madrasta não gostava dela. Escute, Charity...

— Minha querida Louise, — apressei-me em dizer, — seja o anjo que você sempre foi e me desculpe, mas nada lhe posso explicar agora. Tenho de sair daqui agora. Depois, eu telefonarei para você, meu bem. Até logo.

— Escute aqui, não lhe ia pedir explicações. Mas não custa nada dizer-me onde é que você está hospedada. A não ser que isso seja um segredo.

— Não, não é. Estou na Belle Auberge, na rua Mirabell. Compreendeu?

— Compreendi. Muito obrigada. Adeus. E desligou.

20

Pela coceira em meus polegares / Algum malvado...

(SHAKESPEARE)

Quando saí da cabina telefônica, percebi que estava tremendo apesar da noite quente. Hesitei um instante, sem saber se devia perder tempo, indo pegar o meu casaco. Olhei para o relógio. O telefonema tinha durado menos de dez minutos. Meu quarto era no segundo andar e o elevador estava parado no térreo. Seria coisa de mais três minutos no máximo subir ao quarto, pegar o casaco e descer de novo para a portaria. Foi o que fiz. Dei um boa noite polido e, segundo esperava, normal ao porteiro e saí às pressas para a rua Mirabell, contente com o calor do meu casaco sobre o corpo enquanto dobrava a esquina e mergulhava mais uma vez na semi-escuridão da rua estreita.

Passei por um açougue fechado de carne de cavalo, por um depósito e por um montão de areia e de pedras num ponto em que estavam consertando a calçada, até que cheguei à vitrina comprida e baixa da loja de antigüidade, onde vira a pulseira sobre o veludo à luz da lâmpada. Mas esta estava apagada *è* a loja parecia deserta. Richard não aparecia em canto algum.

Não sei quanto tempo fiquei ali, a olhar confusamente para a loja e de um lado para outro da loja, como se tivesse forças para fazê-lo surgir de repente. Cheguei a voltar por onde tinha ido, com a idéia de haver passado por ele sem vê-lo quando voltara do hotel. Mas logo me convenci de que isso seria impossível e voltei para o meu posto na rua escura. Repeli firmemente o medo irracional e informe que estendia para mim os dedos gelados.

Procurei convencer-me de que tudo era excesso de imaginação de minha parte. Eu tivera um dia cansativo e, antes disso, uma noite inquieta. Não havia absolutamente razão para pensar que tivesse acontecido alguma coisa desfavorável. Eu devia simplesmente esperar. Pouco mais de quinze minutos haviam passado desde que eu o deixara e, afinal de contas — a explicação simples derramou sobre mim uma deliciosa onda de alívio — Richard devia ter ido para os fundos da loja, onde ficava o escritório do proprietário.

Aproximei-me para olhar com mais atenção e sorri de mim mesma e de minhas aflições. Havia um fio de luz nos fundos da loja, provavelmente vindo de baixo de uma porta.

Richard me havia dito que voltasse para ali. Devia esperar ali até que ele saísse ou devia entrar na loja? Fiquei ali nas sombras da rua, sem me decidir.

Nas ruas próximas, o rumor do tráfego parecia o murmúrio distante do mar. A vinte metros de mim, um gato magro, que ia a negócios ou a passeio, atravessou calmamente a rua. Não muito longe, um motor começou a funcionar e um carro se afastou com um ranger de mudanças. Percebi que voltara a tremer, sem saber se era de nervosismo ou de frio. Mas cheguei à conclusão de que não ia ficar mais ali na rua à espera.

Às vezes, mesmo agora, sonho com esse momento e penso no que teria acontecido se eu entrasse na loja e no que isso teria significado. E, às vezes, *no* meu sonho, entro na loja... Então, se tenho sorte, acordo aos gritos.

Já estava caminhando em direção à porta da loja quando ouvi um carro buzinar ao entrar na pequena rua. Levei um susto e recuei. O carro que chegava era um táxi e veio rapidamente pela rua estreita, freando ao meu lado. No mesmo instante, a porta do outro lado se abriu e uma mulher saltou.

Pagou ao motorista e se encaminhou para a loja de antigüidades. O táxi se afastou. Ouvi a porta da loja bater depois que ela passou e o bater dos seus saltos no chão. Vi a porta dos fundos abrir-se e ela ficou ali por um momento, tão fortemente iluminada como se estivesse numa tela de cinema.

Era Loraine.

Não tive mais a menor vontade de sair do meu posto de observação entre as sombras da rua. Felizmente, meu casaco era preto e me dava uma proteção a mais. Encolhi-me num portal do outro lado da rua, sem saber como Loraine havia seguido com tanta rapidez a pista de David, sem saber se Richard ainda estava na loja e sem poder imaginar qual era a cena que se estava desenrolando lá dentro, nesse caso.

Não tardaria a saber. A porta do escritório voltou a se abrir e ficou escancarada. Havia três pessoas na sala. Eu via Loraine claramente. Estava de pé, gesticulando furiosamente com um cigarro nas mãos e falando com um homem que estava sentado numa poltrona de costas para a porta. Via-lhe o braço numa camisa azul de mangas curtas e uma perna de calça azul-marinho. Não era certamente Richard. Havia outro homem, que eu supus fosse o proprietário da

loja. Era quem havia aberto a porta. Parou ali por um momento para dizer alguma coisa a Loraine antes de sair da sala iluminada.

Era alto e corpulento e, embora tivesse os cabelos grisalhos, os seus movimentos não eram de um velho. Fechou a porta do escritório e se dirigiu para a frente da loja.

Tá então verdadeiramente apavorada, escondi-me ainda mais no portal, cosendo-me às sombras. Mas o homem não saiu para a rua. Estava apenas fechando a loja. Ouvi o estalo do trinco da porta e, em seguida, ele se dirigiu para a vitrina, a fim de descer a cortina que a fechava. Agia com calma, escondendo a cabeça, o peito e o tronco, mas não a grande mão branca que segurava a ponta da cortina. À luz incerta da rua, a mão parecia algum monstro do mar. um polvo que flutuasse na nebulosa escuridão atrás da vitrina. Uma monstruosa criatura deformada do mundo das trevas...

Deformada...

Contive uma exclamação de pavor, ao mesmo tempo que me encostava à parede, enregelada e nauseada. Mesmo àquela distância e à fraca luz, eu via perfeitamente. Uma feia cicatriz corria das costas da mão até o dedo com a ponta retorcida.

A cortina foi descida.

Era a armadilha.

21

Quer entrar na minha sala?

(CANÇÃO INFANTIL)

Não creio que naquele momento tivesse pensamentos na cabeça. Muito menos, tinha algum plano. Deixei-me ficar ali no portal escuro, olhando para a loja. Não me ocorreu que eu não tinha exatamente qualquer probabilidade de derrotá-los, que eu era uma mulher sozinha e desarmada e que, ainda que tivesse uma arma, não saberia o que fazer com ela. Desde que eu era uma pessoa normalmente civilizada, passou-me pela cabeça ir procurar a polícia.

Mas a imaginação recuou ante a perspectiva de explicar numa língua estrangeira uma situação difícil a funcionários céptico s. E não havia tempo a perder. Richard e David estavam lá dentro e tinham de ser tirados quanto antes de lá.

Atravessei em silêncio a rua na direção da loja.

Felizmente, a rua ainda estava deserta e não se ouvia som algum dentro da loja trancada. Eu havia notado, a pouca distância da loja, um portão quebrado que parecia dar para um estreito túnel que corria pelos fundos dos prédios do quarteirão. Abri o portão, que rangeu um pouco, e passei, seguindo pelo túnel até ao que parecia o pátio de um depósito. Os vultos escuros dos prédios se erguiam para a direita e para a esquerda. Havia pilhas de caixas velhas. Divisei à minha frente um portão fechado e, ao lado, a caverna mais escura de uma garagem aberta.

Esperei um momento na boca do túnel até orientar-me e, dentro de alguns segundos, vi tudo com suficiente clareza. A lua que eu e Richard víramos nascer derramava a sua luz fraca de trás dos telhados. Uma janela iluminada à esquerda lançava uma faixa de luz amarelada através da escuridão, mas a janela era bem pequena e ficava a uns três metros de altura, de modo que a luz que projetava se perdia entre as sombras mais densas da garagem aberta.

Olhei apreensivamente para essa janela, que calculei que fosse a do escritório

da loja de antigüidades e me dirigi na ponta dos pés para o pátio. A garagem oferecia a única possibilidade de esconderijo e eu entrei como um fantasma por sua caverna escura. Salvo por algumas caixas e alguns tambores de gasolina, estava vazia. Mas havia no ar um cheiro parado de óleo queimado. Mordi os lábios numa agonia de indecisão e frustração.

Talvez Richard não estivesse mais na loja. Talvez ele... ou o corpo dele...

Joguei o pensamento no fundo do inconsciente, de onde ele continuou a espiar-me, tentando ordenar os meus pensamentos. *Ele não estava morto, não podia estar morto...* Com um pequeno soluço de prece que não era tanto uma súplica quanto uma ameaça, saí da garagem e fiquei olhando para uma mancha escura que se estendia sinistramente no chão acimentado.

Brilhava fracamente à débil luz que vinha da janela do escritório. A superfície era espessa e viscosa. Não sei quanto tempo levei para convencer-me de que era apenas óleo. Senti um arrepio correr-me pelo corpo quando me abaixei, passei o dedo pela poça e cheirei-o. Óleo. Nada pior. Já me ia levantando quando, pelo canto dos olhos, vi alguma coisa no chão da garagem. Tinha caído atrás de um tambor de gasolina e, se eu não me tivesse abaixado, não a teria visto. Era uma coisa que parecia quadrada e branca entre as sombras.

Estava na hora, pensei com os últimos vestígios de ironia que insistia em negar a gravidade de minha situação, estava na hora de encontrar o lenço com monograma, com a mensagem escrita com sangue... Ou com óleo, emendou outra parte do meu espírito, apressadamente. Peguei o objeto.

Era um livro. Um exemplar amarfanhado e sujo dos *Quatro Quartetos* de T. S. Eliot.

Em menos de quinze segundos, atravessei o pátio e me encolhi atrás de algumas caixas debaixo da janela iluminada, com o livro de Marsden no bolso do casaco. A suspeita se transformara em certeza. Marsden tinha estado naquela garagem. Podia até ser ele quem estivesse dirigindo o carro que eu tinha ouvido.

Mas vi em breve que estava errada nessa última suposição, pois ouvi claramente acima de minha cabeça a voz que tinha ouvido naquela noite no Rocher des Doms.

— Por que agiu de maneira tão nervosa e irrefletida, Loraine?

Eu não havia perdido muita coisa. Ainda estavam discutindo as explosões de Loraine no hotel. A voz dela se fez ouvir, arrogante e firme: — Que era que você queria? Aquele hotel é uma coisa horrível...

— Eu não sei disso? Também estive hospedado lá...

— Estava, mas tinha o que fazer, seguindo aquele maldito garoto por toda a parte. Eu não tinha...

— Apesar de tudo, não se devia ter descontrolado daquela maneira.

— Para você, tudo é muito fácil. Como é que pensa que eu tenho vivido nestes últimos meses? Você estava vivendo como bem queria, ao passo que eu nada tinha. Não me divertia e nada tinha para fazer a não ser enfrentar aquele bloco de gelo mal-humorado. Depois, *1'affaire Toni,* a polícia e agora esse caso... essa espera... Estranha que eu tivesse perdido a cabeça? Não pude mais! Fiz tudo o que era possível, e pelo amor de Deus deixe-me em paz, Jean.

Jean! Jean... Era o marido. John Marsden. Outra voz interveio na conversa. Era uma voz profunda e falava um francês gutural que eu tive dificuldade em entender.

— Parem com isso, vocês dois! Loraine, acalme-se você, Jean, deixe-a em paz. Ela procedeu levianamente, mas não houve qualquer prejuízo. O que aconteceu hoje cancelou todos os erros que os dois possam ter cometido.

Jean disse então: — De fato, tivemos muita sorte. Quem ia esperar que o garoto viesse bater diretamente aqui e o pai logo depois dele? O negociante de antigüidades falou rispidamente: — Está bem, tivemos sorte. Parece que minha sorte é que compensou a negligência de vocês.

— Mas, Max...

Mas, Max Kramer. John Marsden. As peças estavam-se encaixando nos lugares certos.

Houve um barulho de um sôco na mesa, Kramer gritou: — Querem escutar-me, *lieber Gott?* Não adianta nada discutirmos sobre o que passou. Temos de resolver o que vamos fazer com os dois. Só depois que eu vir a morte dos dois noticiada como acidental pelos jornais, o nosso caso estará encerrado. Só nessa ocasião é que vocês receberão o dinheiro.

Nunca antes.

— E os papéis também, — disse Loraine.

— E os papéis também. Depois disso, nós nos separaremos e vocês poderão ir para o inferno de um lado, enquanto eu irei de outro. Entendido?

— Entendido, — disse Jean. — Que é que vamos fazer agora?

— Espere um pouco. — disse Loraine. — Não sei ainda o que aconteceu. Os dois estão mortos?

— Não, — disse Kramer e eu senti um aperto na garganta. — O garoto está dormindo e deverá dormir ainda por muito tempo. A dose que eu lhe dei deixa-lo-á sossegado até que tudo isso chegue ao fim. — Riu brevemente. — Sempre tive bom coração. O pai dele teve de tomar alguma coisa também para ficar calmo. Talvez a dose não lhe tenha sido ministrada com muita delicadeza, mas também Jean e eu fomos colhidos de surpresa... Ficará inconsciente por algum tempo, que será mais do que suficiente, se não perdermos mais tempo.

A voz dele se tornou mais baixa e eu tive de fazer um esforço maior para ouvir.

— Agora, escutem. Pensei muito no caso desde que isso aconteceu e sei como podemos aproveitar a situação que eles mesmos nos ofereceram. Tudo se ajusta muito bem com os nossos planos anteriores. O menino e o pai serão encontrados mortos no fundo de um precipício... no lugar que escolhemos.

Estarão juntos nos destroços do carro de Byron.

— Tem o carro?

— As chaves estavam no bolso dele, juntamente com o talão da garagem. Está numa das filiais de Blériot.

— E a história, — disse Jean, com voz exaltada. — será que o garoto fugiu para encontrar-se com o pai. Os dois partiram, talvez para a Itália, e então houve um desastre em plena escuridão da noite!

— Exatamente, — disse Kramer. — O garoto fez realmente o nosso jogo quando fugiu. Trouxe até o passaporte. Não haverá motivo para que alguém pense em crime. Ninguém ira examinar o corpo do garoto para descobrir que ele estava dopado — E qualquer sinal de violência no homem será explicado ...

— Exatamente... André levou os dois amarrados no caminhão de mudança. Saiu dali há coisa de quinze minutos. Devemos chegar lá quase ao mesmo tempo que ele. Sabem que ele é meio idiota e *tem* medo de se arriscar. Disse-lhe que tínhamos de esperar por você, Loraine, mas que um de nós iria encontrar-se com ele logo que fosse possível. Jean...

— Sim?

— Meu carro está na garagem do outro lado da rua. Tome as chaves. — Ou o tilintar das chaves. — Siga André. Faça-o estacionar num lugar reservado onde

seja difícil vê-lo.

— Está certo. E você.

— Tenho de ir pegar o carro de Byron. Não levarei muito tempo. Se algum deles acordar e der trabalho...

— Sei o que devo fazer.

— *So,* — murmurou o alemão.

— E eu? — perguntou Loraine. — Não posso ir? Quero ver tudo.

Jean achou graça.

— Vai chorá-lo? Que é que lhe interessa o pobre idiota, *ma belle?*

— Você irá comigo, — disse Kramer. — Quero que Jean só pense no que tem a fazer. Vá andando, Jean.

— Está bem. Jogue meu casaco.

Ouvi as molas da poltrona rangerem quando ele se levantou. Ouvi o barulho das chaves quando ele as guardou no bolso, iam matar Richard e o pequeno David e nada havia que eu pudesse fazer. Nada. Dentro da noite, em algum ponto daquela costa cruel, Richard e o filho seriam jogados dentro de um precipício para morrer e eu não saberia do lugar senão no dia seguinte, quando lesse os jornais.

Creio que rezei. Só sei que minhas faces estavam molhadas e que agarrei desesperadamente a borda de uma das caixas com tanta força que parecia que os dedos fossem quebrar-se. *Bom Deus, não os deixe morrer...* Nem Richard, nem o pequeno David... Deve haver alguma coisa que eu possa fazer... Talvez até a policia... Deve haver alguma coisa que eu possa fazer.

Deve haver. Se eu ao menos soubesse para onde foram levados, poderia fazer alguma coisa... Mas tenho de saber onde estão... *Meu bom Deus, por que não me deixa saber onde eles estão?*

— Mas, — disse a voz de Jean acima de mim, com um toque ,de riso, — sabe que não me lembro se é na primeira bifurcação depois de Aiguebelle ou ,na segunda?

— *Lieber Gott!* A segunda — disse Kramer. — A primeira vai apenas até uma casa nos penhascos. O caminho por onde você tem de entrar desce abruptamente da estrada um pouco adiante dos grandes pinheiros de umbela à esquerda. Isso é lá hora de me fazer uma pergunta dessas!

— Não é mesmo? — disse Jean insolentemente e saiu assobiando a caminho da loja.

Ouvi Kramer dizer: — Agora, depressa, Loraine. Fale pelo telefone com aquele seu hotel...

Atravessei então o pátio e procurei abrir o ferrolho do portão que se abria para a passagem dos fundos. Com Jean na rua, eu não me atrevia a ir pelo outro caminho. Tinha de sair pela passagem, achar o caminho de volta para a rua Mirabell e, então, ir pegar meu carro. A estrada para a Itália pela costa, depois de Aiguebelle... Murmurei frenèticamente enquanto procurava abrir o portão: *"Bergère Frères, 69 Rue des Pêcheurs... 69 Rue des Pêcheurs..."*

Meu carro, depressa... A segunda depois de Aiguebelle. À esquerda, os pinheiros de umbela... E então, como um estribilho: "Bergère Frères..."

O ferrolho estava enferrujado e meus dedos tensos escorregavam. Havia suor em minhas mãos. Julguei ouvir a porta da loja ser fechada e, logo depois, um assobio na rua. Não conseguia mover o ferrolho, apesar de todo o meu esforço. Alguma coisa estava a ponto de quebrar-se dentro de mim. Iam matar Richard e eu não conseguia sair dali.

Mais outro momento e eu me descontrolaria. Começaria a gritar e a esmurrar o portão e Kramer me encontraria no mesmo instante. Quando o pânico subia dentro de mim quase atingindo o ponto crítico, uma portinha se abriu como por encanto no portão à minha frente. Era uma dessas portas estreitas e baixas que só dão passagem para uma pessoa e poupam o trabalho de abrir o grande portão toda a vez que alguém quer entrar ou sair.

Curvei-me e passei. Quando levantei o corpo, alguma coisa me atingiu.

Recebi o impacto na altura do peito e recuei até ao portão, ficando presa ali pelo peso do assaltante e sentindo-lhe a respiração no rosto.

22

A necessidade obriga quando o diabo dirige.

(PROVÉRBIOS)

Antes que eu tivesse tempo de fazer mais do que criar fôlego para o grito que não cheguei a dar, meu atacante gemeu baixinho e começou a lamber-me o rosto.

Rommel! A minha reação ante o alívio foi de fraqueza. Os joelhos se dobraram e eu senti uma vontade insensata de rir. Baixei o cachorro todo alegre para o chão com um sussurro de advertência e fechei a mão sobre o focinho dele, enquanto com a outra procurava a coleira. Encontrei a inevitável corda, mas com o comprimento reduzido a meio metro, com a ponta evidentemente esgarçada e quebrada. David devia ter amarrado o cachorro ao entrar na loja e o pobre animal acabara quebrando a corda e saíra vagueando à procura dele. Quando corri pela passagem em direção à rua Mirabell, ia às voltas com meu novo problema: que iria eu fazer com aquele cachorro?

É claro que eu podia abandonar o bichinho, se ele me largasse, mas alguma coisa em mim se opunha fortemente a um ato desses. Poderia deixá-lo no hotel, mas a idéia da estranheza do pessoal do hotel, das explicações que teria de dar e do tempo que iria perder com tudo isso estava acima de minhas forças. Ele estava correndo todo feliz ao meu lado, ofegante com o prazer de afinal haver encontrado uma pessoa amiga e eu pensei, também, que não estava em condições de rejeitar ajuda fosse de que espécie fosse.

Precisava até da amizade de Rommel.

O acerto de minha decisão foi provado trinta segundos depois quando atravessamos da rua Mirabell para outra viela estreita e um bêbado surgiu de repente da escuridão para barrar-me o caminho. Tentei sem resultado desviar-me dele e segui o meu caminho, mas, no momento em que ele me agarrou o braço, Rommel rosnou e atacou-o rudemente, mordendo-lhe a virilha. O homem se encolheu todo e recuou com uma praga e foi, cambaleando, encostar-se à parede. Fugi e Rommel correu comigo, aparentemente muito satisfeito com o breve episódio. Para mim, que me lembrava de repente da reputação da cidade em cujas ruas duvidosas eu me estava aventurando sozinha, a presença do cachorro ao meu lado passara a ser extremamente tranqüilizadora. Segurei com mais firmeza a corda quebrada e entrei por uma rua de que vagamente me lembrava.

Era uma rua larga e bem iluminada e eu havia passado por ela quando da minha chegada a Marselha. Tinha saído dela mais para oeste nos esforços que fazia para fugir de Richard, de modo que a garagem de Bergère Frères devia ficar por ali naquele labirinto de ruas até ao porto. De qualquer maneira, não podia estar longe, pensei cheia de esperança, enquanto Rommel e eu atravessamos a rua e hesitamos ao chegar à outra calçada. Lembrava-me de que não tinha andado muito antes de atravessar de novo aquela rua e encontrar o hotel na rua Mirabell.

Olhei em torno. Não era uma rua de cafés e havia muito pouca gente à vista. A banca de jornais ao lado estava fechada, do mesmo modo que a padaria à minha frente, mas a trinta metros de distância uma garagem estava aberta, com as luzes das bombas de gasolina brilhando como faróis. Alguém ali não podia deixar de saber o caminho para a garagem da Rue des Pêcheurs. Puxei Rommel naquela direção. Um empregado da garagem estava junto a uma bomba atendendo a um carro, mas quando me aproximei, outro saiu da porta da garagem, carregando um balde. Quando lhe fiz a pergunta, colocou o balde no chão, tirou a boina e cocou a cabeça.

— *Rue des Pêcheurs, mam'selle?* Claro que sei, mas, desculpe, não creio que seja um lugar onde possa andar sozinha a estas horas da noite.

— Mas eu preciso! É muito urgente! Onde é que fica?

— Escute, vou-lhe ensinar o caminho, mas ainda creio que...

— Mas é preciso! — Ele estava com a melhor das intenções, mas o coração me batia descompassadamente e o motor de cada carro que passava era como um gongo que assinalava a passagem do tempo. — Por favor, *m'sieur!*

Ele me olhou detidamente, observando as mãos sujas, os sapatos empoeirados, as marcas de cal no casaco, o desespero em meu rosto. Nos olhos dele brilhou alguma coisa que era mais que curiosidade.

— Vou-lhe dizer o que vou fazer, — disse ele com um sorriso, que me fez pensar que pretendia telefonar para a polícia. — Eu vou largar daqui a dez minutos. Se quiser esperar, eu a levarei até lá.

— *M'sieur* é muito gentil, mas eu estou dizendo que o caso é urgente.

Não posso esperar. Tenho de sair de Marselha imediatamente e quero pegar meu carro.

— Seu carro?

— Sim, está na garagem Bergère na rua...

— Sei disso. Mas está fechada.

A voz denotava que ele estava perdendo o interesse. Virou-se e tornou a pegar o balde.

— Fechada? Tem certeza? — perguntou, sentindo tudo vacilar em torno de mim.

— *Mais certainement.* É uma oficina de mecânica onde consertam carros. Fica fechada à noite.

— Talvez alguém... É tão importante... Onde é que eles vivem? — Comecei a gaguejar, procurando as palavras, pois o meu francês fugia no meu pânico. — Eu poderia ir à casa deles...

— Não sei onde é que moram. Podia talvez perguntar nas casas vizinhas da garagem.

Um bonde passou pela rua atrás de mim. Um carro entrou no posto para colocar gasolina no tanque e o ranger dos pneus no cascalho me arrepiou os cabelos. Deixei cair no chão a corda de Rommel e prendi-a com o pé, enquanto abria a bolsa com as mãos trêmulas.

— Não adianta. Não tenho tempo. Tenho de viajar agora. Por favor, preciso de um carro. Pode encher o tanque. Quanto é?

— Não há carro.

Havia nos seus olhos interesse, curiosidade, talvez até compaixão, mas havia também, cada vez mais forte, desconfiança. O céu sabe que eu não o censurava por isso. Se ele podia ler em meu rosto como eu lia no dele, devia estar vendo alguma coisa bem fora do comum. Toda a minha atitude indicava medo. Tirei um punhado de notas e mostrei-as.

— Um carro, *m'sieur.* Pelo amor de Deus!

Ele olhou as notas, mas não fez a menor menção de pegá-las.

— Disse a verdade. Não temos carro para alugar. Sinto muito.

O seu encolher de ombros era sincero e final. Afastou-se.

Fiquei ali estupidificada, com as notas na mão, e dentro de mim a esperança, que nunca tinha sido uma esperança, desvaneceu-se e morreu.

Não adiantava. Richard estava perdido. Eu podia ir à Rue des Pêcheurs,

podia bater de porta em porta, ofegante, apressada, procurando desesperadamente as palavras. Podia encontrar o Sr. Bergère. Podia explicar-lhe tudo. Podia convencê-lo a abrir a garagem. Podia sair com meu carro e seguir pela estrada da costa para Aiguebelle e os pinheiros de umbela, em companhia daquele cachorro de David. Mas, quando eu chegasse, nada veria senão o luar e algumas marcas de pneus na areia e nada ouviria senão o murmúrio do mar nos seixos da praia ao pé do penhasco. Seria tarde demais...

Rommel olhou para mim e bateu a cauda ridícula. Alguém falou às minhas costas.

— Sra. Selborne?

Virei-me como num sonho. Um homem alto num terno escuro estava ao lado das bombas de gasolina e olhava para mim. Ele tornou a falar em inglês e deu um passo em minha direção.

— Não é a Sra. Selborne?

Reconheci-o então. Era o francês bonito do Tistet-Védène. Sorri mecanicamente.

— *Monsieur*... Véry?

Ele me retribuiu o sorriso e fez um cumprimento encantador.

— Nunca esperei vê-la aqui, Madame. É na verdade um prazer.

Então, como gaguejei alguma coisa sem saber o que dizer, ele viu Rommel. Arregalou os olhos e se voltou para mim com uma expressão de espanto.

— Foi então a senhora? — disse ele. Não respondi, mas ele deve ter notado alguma coisa estranha em meu procedimento. Ele riu. — Diga-me uma coisa: onde foi que escondeu o garotinho que raptou?

— Eu... Eu... Ele fez um gesto.

— Não pode nem fazer uma idéia do que houve no hotel hoje de manhã.

Gritos, lágrimas...

— Lágrimas? — repeti distraidamente. Não estava prestando atenção ao que ele dizia. Estava concentrada na tarefa trivial de dobrar as notas com muito cuidado e guardá-las na bolsa.

— Bem, talvez não houvesse lágrimas... — murmurou ele, sorrindo. — Parece que ela não gosta muito do menino. Mas nunca imaginei que você fosse a

culpada! Diga-me uma coisa, por que fez isso? Ele se sentia muito infeliz e lhe disse?

— Não, não fui eu...

— Quer dizer que ainda não a pegaram, hem? Muito bem. Causou muita agitação no hotel, mas foi tudo muito divertido. Pensei que ia perder o fim do caso. Tive de ir hoje a Nice e estava desolado de ficar sem saber o desfecho do caso. E agora, por puro acaso, paro aqui e a encontro com a prova do crime...

Mas eu não o estava escutando. Olhava para trás dele e toda a minha atenção se concentrava no que eu via.

O mecânico estava atarraxando a tampa do tanque de gasolina do carro de Paul Véry. E que carro! Longo, baixo e aberto, um possante Mercedes-Benz que estava parado no pequeno posto de gasolina como um transatlântico atracado a um cais de pescadores.

— *Monsieur* Véry... — A esperança invencível voltava a agitar-se dentro de mim e o coração começou a bater desabaladamente.

Vendo o meu rosto, a expressão dele mudou. O sorriso bem-humorado caiu como uma máscara.

— Desculpe. Eu não devia ter brincado com o caso. Você está com um problema sério.

— De fato, um grande problema. Disse que vai a Nice... Pode, por acaso, levar-me durante parte do caminho?

— Sem dúvida alguma. E o garoto?

— O meu problema tem relação com o garoto. Sei para onde ele foi. Por favor, compreenda... É muito importante andarmos depressa... Explicarei tudo no caminho. Mas é tão urgente! A mão dele se fechou sobre a minha num gesto breve e conciliador.

— Não se preocupe, *ma belle.* Iremos rápido. Aliás, com esse carro, é muito difícil andar devagar.

Dois minutos depois, com Rommel bem amarrado no banco de trás, o Mercedes saiu pela Canebière e tomou a direção de leste.

23

Tigre, Tigre...

(BLAKE)

Quase imediatamente, a claridade e o bulício das ruas de Marselha diminuíram em torno de nós e começamos a seguir pelas ruas arborizadas dos subúrbios onde os lampiões cada vez mais raros e as casas dissipavam a escuridão apenas um instante. Se havia naquela estrada um limite de velocidade, Paul Véry não tomava conhecimento dele. Guiava velozmente, passando perigosamente por entre as aglomerações de tráfego que ainda encontrava, de tal maneira que me fazia alternativamente exultante com a velocidade em que íamos e temerosa dos riscos que estávamos correndo. Se a polícia nos fizesse esperar... A Mercedes não fazia segredo algum da sua velocidade. Não era preciso nem buzinar antes dos cruzamentos para anunciar a sua aproximação. Num trovejar crescente, passou pelas últimas ruas e continuou pelo túnel dos seus faróis inteiramente acesos, correndo como um tigre para as florestas da noite.

Os trilhos brilhantes dos bondes de Marselha desapareceram de baixo das nossas rodas. As luzes da última casa piscaram por trás dos seus ciprestes e ficaram para trás. Estávamos em pleno campo. O vento que deslocávamos com a nossa marcha batia-nos no rosto e sibilava em torno da capota e do pára-brisa. As nuvens que corriam no alto do céu mostravam que lá fora soprava a ventania. A lua havia desaparecido, envolta por essas nuvens e nós corríamos por uma escuridão iluminada apenas por estrelas pálidas, salvo no ponto em que os faróis iluminavam até um quilômetro de estrada à frente. E o carro entrava pela cunha de luz, ganhando velocidade, e arrastando a noite às suas costas como um cometa arrasta a sua cauda. Na estrada que passava vertiginosamente, os pinheiros, os alamos, as oliveiras apareciam turvamente por um instante no campo de visão e desapareciam. A própria noite era uma mancha, um rumor, .a escuridão, o vento. As estrelas no alto não eram mais que uma espuma que deixávamos em nossa esteira.

A estrada se retorcia sob nós como uma cobra. O mundo girou numa guinada louca quando os pneus rangeram numa curva. Logo depois, continuávamos a nossa marcha em linha reta pelo nosso longo túnel de luz.

Paul Véry se voltou para mim com um sorriso.

— Essa velocidade é suficiente para você?

— Não, — disse eu.

À luz do painel de instrumentos, vi-o ficar por um momento desconcertado e compreendi que, tomando ao pé da letra a minha solicitação de rapidez, ele tinha esperado que eu ficasse amedrontada. Mesmo naquele momento, achei graça na idéia de que alguém que tivesse vivido com Johnny pudesse ter medo de correr num carro. Aquele ritmo de vôo através da escuridão tinha sido a maneira normal de Johnny dirigir quando voltava para casa à noite. Mas Johnny era Johnny. Eu já havia sentido receio desde que saíamos de Marselha. Conhecia muito bem aquele carro para não saber o que podia significar meio segundo de descuido.

— Não obstante, — disse Paul Véry, diminuindo a marcha, — não corremos mais do que isso.

Isso mostrava que ele também havia sentido aquele momento na curva quando o tigre quase lhe fugira ao controle.

— Desculpe, — disse eu. — É que estou muito preocupada. Estou procurando a cada instante as luzes traseiras dele e falei sem pensar. Sou-lhe muito grata por ter-me querido trazer.

— É um prazer.

Proferiu as palavras formais com um sorriso tão delicioso que, apesar do meu medo e da minha apreensão, não pude deixar de sorrir também para ele.

Observei-o enquanto ele se recostava no banco, mantendo o carro firmemente em 90 quilômetros, com os olhos atentos à extrema flecha de luz à sua frente. À luz refletida o rosto dele era uma bela máscara de concentração.

A estrada se abria para nós. Em dado momento, senti um baque no coração quando uma luz vermelha apareceu na escuridão à frente. Mas era apenas um pequeno carro parado no qual estava sentado um casal. Tornei a acomodar-me no banco e o sangue pareceu desaparecer das pontas dos dedos latejantes e voltar para o coração.

Paul Véry olhou de lado para mim e perguntou: — Não era essa a luz traseira que está procurando, não?

— Não, — disse eu sorrindo. — Com certeza, deve estar intrigado com tudo

isso, não é mesmo?

— Nada mais natural. Falou-me de urgência. Está ansiosa e com medo.

Quem não ficaria intrigado, Madame? Pode crer que estou ansioso por ajudá-la... mas não há a menor necessidade de me dizer os seus assuntos se preferir guardar sigilo.

— É muito gentil. Como lhe disse, o caso tem relação com o garoto, com David.

— *Eh bien?*

— Não fui eu que o levei, já lhe disse isso. Mas sei onde ele está agora.

É para lá que eu vou.

Moveu as mãos como que surpreso e o carro deu uma guinada para o lado. Ele praguejou baixinho.

— Desculpe, — disse eu. — Não tive a intenção de surpreendê-lo, mas o resto da história é ainda mais surpreendente. Falei a verdade quando disse que o meu problema era grave. É mais até, é desesperado. É um problema que envolve vida e morte.

— E precisa muito de ajuda.

Era quase uma pergunta, que ele fez em voz baixa sem olhar para mim.

Havia um tom muito curioso na voz dele e eu me voltei para olhá-lo, com um soluço preso na garganta. Ajuda... Claro que eu precisava de ajuda. Até àquele momento, atordoada de cansaço e de terror pelo que pudesse acontecer a Richard, eu considerara Paul Véry apenas um meio miraculoso de chegar à pequena estrada adiante de Aiguebelle. Não tinha pensado em nada mais além disso. Mas o milagre estava completo. Eu e Rommel não andávamos mais sós. Tínhamos um aliado e nosso objetivo imediato era aparente. André ia à nossa frente com Richard e David e estava sozinho nessa tarefa. Não era absolutamente provável que Jean estivesse também à nossa frente. Devia ter pouca ou nenhuma dianteira de nós e, com a velocidade em que íamos, quase certamente teríamos alcançado' qualquer carro que fosse a uma velocidade mais normal.

André estava sozinho e nós éramos dois — com Rommel. Meu coração exultou e eu me voltei com gratidão para o meu companheiro. Ele estava sorrindo.

— Para onde estão levando o garoto? E quem são "eles", afinal de contas?

A nota estranha soava de novo na voz dele e eu percebi então o que era.

Era prazer. Ele parecia exultante e de modo algum apreensivo. É verdade que ele ainda não fazia idéia do real perigo da situação. O que atraía o instinto de aventura que devia haver nele era o caso fora do comum, o toque de uma mulher em perigo e aquela corrida louca através da noite. Mas sabia também, olhando-o com novos olhos, que nenhuma ameaça de perigo poderia atenuar o prazer que sentia.

Fiquei extremamente animada com a atitude dele, a exaltação, a quase alegria que lhe havia na voz e no aspecto. Para alguém que estava na minha situação desesperada, era sem dúvida reconfortante encontrar de repente um aliado tão ansioso e tão valioso.

Dava uma impressão de força, de energia... Toda a personalidade do homem era vista assim de tão perto, avassaladora. Compreendi que não havia apreciado Paul Véry no seu justo valor. Comecei então a lhe dar a explicação a que tinha direito.

— É uma história longa e desagradável, — disse eu prontamente, — e eu talvez não tenha muito tempo de contar-lhe tudo antes que as coisas comecem a acontecer. Mas o essencial de tudo é que David, cujo verdadeiro nome é David Byron, vai ser assassinado esta noite juntamente com o pai, se não fizermos alguma coisa para impedi-lo.

Ele me lançou um olhar espantado.

— Mas...

— Eu sei que parece fantástico, mas escute. Vou tentar dizer-lhe alguma coisa sobre o caso...

Comecei, baralhando um pouco as coisas na pressa em que estava, a contar-lhe tudo o que sabia a respeito de Kramer, Richard e Loraine. Ele escutou em silêncio, mas quando afinal cheguei à participação de Marsden no caso, ele me interrompeu com uma exclamação de espanto.

— *Monsieur* Marsden? Aquele do hotel? No resto da história acredito porque me está dizendo e porque acho que está realmente em dificuldades.

Mas não posso acreditar que aquele bom *Monsieur* Marsden seja assassino.

Além disso, ele é inglês.

— Ele diz que é inglês. Mas é marido dela e está a serviço de Kramer.

Tem de acreditar em mim. O bom *Monsieur* Marsden, como lhe chamou, está neste momento a caminho de matar Richard e David Byron, se não fizermos alguma coisa para detê-lo .

Eu podia ver-lhe o rosto à luz fraca. Estava sorrindo ainda um pouco, mas estava com a testa franzida de espanto.

— *Mais, ma belle...*

Nada do pesadelo me seria, então, poupado. A provação da descrença tinha de fazer parte dele... e, apesar do meu confuso* terror, eu tinha de mostrar a lógica do alucinado caso para que aquele homem acreditasse em mim e me ajudasse. Apertei as mãos trêmulas e tentei coordenar os pensamentos. Lembro-me de que só havia de claro em minha cabeça era o desejo de que Paul Véry deixasse de me chamar *"ma belle"*.

— Escute, *monsieur,* — disse eu, cuidadosamente. — Não lhe estou dizendo senão a verdade, tal como a conheço. Não há tempo de contar tudo desde o início. Só lhe posso dizer o que está acontecendo agora, esta noite, e pedir-lhe que acredite em mim. Não tenho muita certeza a respeito das razões que teve esse tal Kramer para empregar Loraine e Marsden a fim de que cometessem crimes para eles, mas creio que foi em virtude de alguma coisa que aconteceu durante a guerra. Richard e um amigo dele testemunharam uma atrocidade, digamos assim, de que Kramer participou.

— Isso não importa, — disse ele de repente, com impaciência — Já lhe disse que acredito em você. A que vem essa conversa sobre a guerra? Não há tempo. Diga-me agora o que julga que esse homem pretende fazer... e o que você pretende fazer agora, esta noite.

O meu alívio foi tão agudo que eu fechei os olhos e comprimi-os com os dedos. Senti o carro diminuir de velocidade, e abri os olhos, vendo então que estávamos passando por entre muros e casas. Um colar de luzes se estendeu na escuridão e um bonde todo iluminado surgiu de uma rua lateral. De repente, vimo-nos num turbilhão de luzes, cafés e tráfego.

— Toulon, — disse Paul Véry. — Continue. Conte-me qual é seu plano.

— Muito bem, — disse eu. — Aqui está tudo, sem rodeios. Num ponto dessa estrada, há uma aldeia chamada Aiguebelle. Um pouco depois, à esquerda, há um grupo de pinheiros de umbela, defronte dos quais há um caminho à direita da estrada, ao longo do alto do penhasco. Ali, a menos que passemos por ele na

estrada, está esperando um caminhão de mudança, dirigido por um homem chamado André. No caminhão, estão Richard e David Byron inconscientes e, segundo creio, amarrados. André tem ordens para esperar ali pelos outros. Pretendem encenar um acidente. Kramer vai trazer o carro de Byron e Loraine está com ele. Mas Marsden partiu antes deles e, na velocidade com que estamos viajando, ele não tem chance de alcançar-nos, embora não deva estar muito atrás de nós. Mas ele correrá um pouco, pois André está sozinho e não merece confiança.

Parei. Houve uma pausa, preenchida pelo ímpeto do vento. Tínhamos deixado a cidade para trás e mais uma vez estávamos mergulhando em nosso túnel de luz dentro da noite. Não olhei para Paul Véry. Tinha advogado a minha causa abominavelmente. Eu sabia que o cansaço, a confusão e a ansiedade eram a minha desculpa. Mordi os lábios e esperei.

A reação dele foi inesperada. Deu um assobio de estupefação, praguejou baixinho e riu. Mas, quando abri a boca para falar, ele tirou uma das mãos do volante e pousou-a de leve na minha.

— Perdoe, não tinha a menor intenção de rir... mas você parece gozar muito da confiança desse assassino. Como é que sabe de tudo isso?

Afastei a mão e comecei a procurar um cigarro na bolsa. Refleti que, ao menos, ele não estava alarmado.

— Que importa isso agora? Não disse que tínhamos de pensar no que vamos fazer?

— De fato.

Tirou uma cigarreira de prata do bolso e me entregou a mesma sem olhar para mim. Parecia todo absorto em seus pensamentos. Era como se se tivesse esquecido de mim, de tudo o que não fosse o problema imediato da ação.

Quando falou, foi, I com voz distraída e pela primeira vez usou a sua língua.

I — Por que... quer acender um para mim, *ma belle?* Por que não procurou a polícia?

Respondi na mesma língua: — Não tive tempo.

Tirei um cigarro e me curvei muito abaixo do pára-brisa para acendê-lo com o meu isqueiro protegido do vento.

— E o cachorro? Como foi que encontrou o cachorro?

O isqueiro se apagava mal dava a chama. Abaixei-me ainda mais no carro. Não respondi, mas ele pareceu não tomar conhecimento disso. Falava quase consigo mesmo, numa voz preocupara da, quase ausente.

— E o tal Marsden? Por que tem tanta certeza de que ele é o marido de Loraine?

Acendi o cigarro e passei-o a ele. Depois, tirei outro cigarro e tratei de acendê-lo para mim.

— Que importância tem isso? — perguntei eu. — Por acaso, está armado?

— Por acaso, estou, — disse Paul Véry e, pelo tom de voz, percebi que estava sorrindo. — Mas que foi que veio fazer em Marselha? E qual é sua relação com Byron?

Aproximei o isqueiro do cigarro e aspirei. Fiquei então petrificada, curvada ali sob o painel do carro, enquanto a chama do isqueiro, iluminando a minha pequena gruta de escuridão, brilhava sobre a tampa aberta da cigarreira de Paul Véry.

Havia uma inscrição gravada na prata e dizia:

Jean-Paul.

A jamais,

L.

17-8-42

O isqueiro se apagou. Acima de mim, na escuridão, ele disse, com um leve tom de zombaria na voz: — Não se preocupe mais com isso, *ma belle.* Deixe comigo e tudo acabará bem. Confia em mim, não confia?

Essa frase, proferida suavemente em francês dentro da escuridão... Era a voz do Rocher des Doms, a voz que eu tinha ouvido havia menos de uma hora no escritório de Kramer... E lembrei-me então de Louise, que me dissera que Paul Véry trabalhava em antigüidades...

— Confia em mim, não confia? — tornou a perguntar, Jean, sorrindo na escuridão, acima de mim.

24

Quem está montado num tigre não pode saltar.

(PROVÉRBIO CHINÊS)

Fazia frio. O vento noturno do Mediterrâneo, com cheiro de resina de pinheiro e de mar, sussurrava numa onda quente que me passava pelo rosto, mas eu tremia de frio quando apertei o casaco de encontro ao corpo e tratei de resistir ao impacto do desespero total.

Como eu tinha sido louca! Eu tinha ouvido o marido de Loraine — ainda pensava nele como Paul Véry — sair para pegar o seu carro. No tempo que eu gastara para fugir do pátio de Kramer e correr até à garagem, ele podia ter tirado o carro e ter parado ali para encher o tanque. Apesar da conexão dele com o Tistet-Védène, apesar da sua evidente qualificação para o papel de marido de Loraine, eu não havia desconfiado de nada. Tinha corrido para ele como uma idiota, a fim de pedir-lhe ajuda e entregar-lhe nas mãos assassinas a nossa última e diminuta chance.

As luzes de Hyères brilharam à nossa frente. Em breve, foram ultrapassadas e deixadas em nossa esteira escura. Encolhi-me no banco e olhei para ele. Agora que eu sabia, era visível o brilho de divertida satisfação nos olhos insolentes, a arrogante posição do queixo levantado, toda a absoluta confiança do homem. Percebi também agudamente a excitação que já havia notado anteriormente. Estava ali, contida mas fervilhante sob o exterior suavemente simpático. O leve suor nas maçãs, as narinas que se dilatavam em compasso rápido sobre o lábio superior rígido, as mãos de assassino crispadas no volante — tudo o denotava.

A estrada se precipitava ao nosso encontro. Uma aldeia passou por nós com o seu grupo de casas como um bando de fantasmas. À frente, dois olhos brilharam. Fugiram depois como vagalumes enquanto o coelho se virava para correr. Paul Véry riu, pisou deliberadamente no acelerador e eu ouvi o coelho gritar antes de ser esmagado. Atrás de mim, Rommel ganiu. Paul Véry riu de novo.

— Medo? — perguntou ele, que devia ter ouvido alguma exclamação de minha parte. Dessa vez, eu podia dar-lhe a satisfação que ele queria.

— Sim. Temos de correr tanto assim?

Ele sorriu ante o tremor de minha voz mas, com surpresa para mim, diminuiu a velocidade do carro.

— E era preciso fazer o que fez?

— Que foi que eu fiz?

— Matar o pobre coelho?

Ele riu de novo e o seu riso era jovial, encantador. A sua beleza era impressionante, apesar de tudo.

— Não gosta de matar? — Claro que não.

Eu esperava que não houvesse em minha voz nada além de uma censura normal, que não revelasse o frio terror que me estava invadindo.

O carro diminuiu ainda mais a marcha. O velocímetro, sob a sua luz velada, mostrava uma velocidade honesta de 60 quilômetros quando Paul Véry tirou uma das mãos do volante e colocou-a sobre a minha mão. O contato quente e vital me fez sofrer um novo choque. Era como se ele estivesse transmitindo ondas tangíveis de excitação.

— E você? Gosta de matar? — perguntei, já sabendo qual seria a resposta.

— Se alguma coisa se atravessa no caminho, *ma belle,* está pedindo a morte. — Quente e forte, a mão apertou a minha. A velocidade do carro diminuiu ainda mais e ele voltou a cabeça para sorrir para mim. — Não sente medo mais?

— Não, — disse eu friamente, mas aspirei a fumaça do cigarro com os lábios que tremiam, como se esperasse algum socorro. Sabia perfeitamente o que me esperava. Seria morta juntamente com Richard e David. Isso era evidente. Como o coelho, eu me havia atravessado no caminho dele. Sabia também que Paul Véry era de fato um assassino, um homem que gostava de matar e aquela corrida louca pela noite rumo ao seu sinistro objetivo elevava até ao paroxismo a sua ânsia homicida. Minha presença era o toque final.

Escuridão, velocidade, perigo, assassinato... e uma mulher. Nada faltava à noite cheia de Paul Véry.

O Mercedes ia cada vez mais devagar. Estávamos indo a passo, a vinte quilômetros por hora, por um túnel escuro de árvores e Paul Véry tinha jogado fora o cigarro. Passou o braço pelos meus ombros e aproximou o rosto do meu. Recostei-me no braço, mas este parecia uma barra de aço.

Ante o meu movimento involuntário de resistência, retesou-se brutalmente e

eu vi alguma coisa fuzilar nos olhos acima de mim.

Creio que o verdadeiro terror paralisa misericordiosamente. Fechei os olhos quando ele me puxou para si, vagamente interessada em saber se ele me mataria ali mesmo ou se me faria rolar do alto do penhasco juntamente com Richard.

Sentia no rosto a respiração quente do homem. A voz dele murmurou com um tom, que envolvia uma carícia veludosa: — *Ma belle*... — Senti que me procurava e virei a cabeça para o lado.

Ele repetiu num tom de atônita censura: — *Ma belle*...

E, enquanto eu pensava nervosamente que ele não podia sinceramente esperar que a vítima fosse beijar voluntariamente o assassino, a teia de aranha do terror se dissipou por um instante e eu me lembrei de que ele ainda não tinha a menor idéia de que eu sabia quem era ele. A sua censura não tinha a menor sugestão de zombaria. O que acontecia era que ele estava tão convencido da sua beleza que nunca tinha encontrado mulher alguma que lhe recusasse um beijo.

A minha única arma era o que eu sabia a respeito dele. Era um trunfo miserável, desprezível até, mas eu não dispunha de outro. Não hesitei um segundo. Abri os olhos e sorri como Dalila devia ter sorrido para Sansão.

— Escute... preste atenção à estrada, sim?

Ouvi-lhe um breve riso vitorioso quando ele voltou a cabeça a fim de olhar para a estrada. Descontraí o corpo sobre o ombro dele, enquanto o braço dele me apertava com mais força e o Mercedes ia parando à beira da estrada.

Joguei fora o meu cigarro.

— Que azar!

— Que foi, *chérie?*

— Minha bolsa! Distraí-me e joguei-a na estrada juntamente com o cigarro.

Levantei o corpo e fiz menção de afastar-me dele. Ele puxou o freio de mão num movimento rápido e virou-se para tomar-me nos braços.

— E isso tem alguma importância?

Era a mesma voz veludosa, irresistivelmente cariciosa, lisonjeiramente ansiosa. Ele tinha-se esquecido de desligar o motor.

Repliquei, com um gesto de amuo como de uma jovem corista: — Bobo! Claro que tem importância! Quer ir apanhá-la para mim, direitinho?

— Mais tarde, — disse ele, com voz mais áspera. Beijou-me então e eu suspirei tremulamente, passando os braços pelo pescoço dele. Comecei a perguntar a mim mesma se ainda teríamos de esperar muito a chegada de Kramer no Bentley...

Parecia que todo um tempo infindável passara quando ele diminuiu um pouco o seu abraço e perguntou: — Está tremendo, *ma belle?*

Tive um breve riso ofegante, que devia ter parecido genuíno porque ele mostrou no rosto a vaidade satisfeita. Nunca lhe passara pela cabeça duvidar de minha capitulação. Tratei de dar-lhe ainda mais segurança.

— Paul.

— *Chérie?*

— Gosta de mim?

— Que pergunta, *ma belle*! Pois sim, pensei eu, e acrescentei: — Mesmo como eu estou? Ele riu complacentemente.

— De qualquer jeito, Madame. Mas diga-me... que é Richard Byron para você?

Ele devia ter notado o sobressalto que eu tive, mas decerto atribuiu-o a uma assustada lembrança.

— Oh! Que horror! Não é que eu me havia esquecido por completo! Não é melhor prosseguirmos, *Monsieur* Véry? Não sei em que era que eu estava pensando!

— Não sabe mesmo? — disse ele rindo e eu tive de conter-me para não esbofetear-lhe o belo rosto complacente. — Responda à minha pergunta, *ma belle*... Esse Richard Byron..

— Não conheço Richard Byron, — disse eu prontamente. — O que me interessa é o garoto, o pequeno David! Vamos, *Monsieur* Véry!

— Não faz ainda um minuto, você me chamou Paul.

— Está bem, Paul. Se não chegarmos a tempo...

— Há tempo de sobra.

Tornou a me puxar para ele e eu me deixei levar, mesmo contra a vontade. Sabia que ele não tencionava continuar a viagem ainda. Tive receio de insistir e fazê-lo desconfiar. Suportei-lhe os carinhos por mais um longo e angustioso

minuto enquanto procurava ouvir sinais do carro de Kramer e a escuridão se fechava em torno de nós. O silêncio entre as árvores era espesso e pesado. Só um leve tremor da carroçaria mostrava que o motor da Mercedes ainda estava funcionando. Paul Véry ou não se incomodava com isso ou estava preocupado demais para notar. Não sabia por quanto tempo ainda as coisas permaneceriam sem definição, mas calculei que isso já não devia demorar muito... Eu seria estrangulada como Tony ou...?

Dei outro longo suspiro e me afastei dele.

— Temos de ir, *chérie*. Não podemos abandonar o garotinho. Não haveria perdão para mim se alguma coisa acontecesse a David porque eu...

— Inclinei-me e toquei-lhe o rosto com os dedos. — Vamos, Paul.

Ele estava ansioso e ofegante. Havia um brilho estranho nos seus olhos, uma espécie de furor frio que eu compreendi no mesmo instante que era a sede de matar. As mãos dele se moveram às cegas pelo meu corpo. Dentro em breve, tudo escaparia ao meu controle.

Afastei-lhe as mãos delicadamente.

— Por favor! Vá buscar minha bolsa e então nós iremos! Ele não se moveu. Continuou sentado com os olhos fitos em mim. Sorri para ele.

— Está certo, meu bem. Então não vamos. Mas, de qualquer maneira, vá buscar minha bolsa que eu preciso dela.

Inclinei-me para a frente e beijei-o, como se tivesse cheia de boas intenções a respeito dele e, em seguida, estendi a mão e abri a porta. Ele hesitou e então, encolhendo os ombros, saiu do carro. *Fazer a vontade da vitima; será mais fácil assim...*

Eu tinha jogado a bolsa pouco antes que o carro em marcha lenta parasse e calculava que devia estar a uns vinte metros para trás. Ele se afastou pela estrada, olhando para o chão.

Contei os passos dele e peguei o freio de mão, soltando a mola. Fiquei à espera.

Cinco, seis, sete... Parou de repente.

— Não encontrou? Quer que eu vá ajudá-lo?

— Não. Pode deixar, — disse ele, continuando lentamente.

Oito, nove...

Levei o pé para a esquerda na embreagem. Estávamos numa subida.

Engrenei a segunda. *Dez, onze*...

— Já achei, — disse ele e se curvou para apanhar a bolsa. Passei num relance para trás do volante. Desliguei o freio e dei a partida. Ouvi um grito.

A Mercedes pulou para a frente rapidamente, talvez rapidamente demais. Por um momento, receei que parasse e acionei de novo a embreagem. Tomou impulso então como um cavalo que toma o freio nos dentes e partimos.

Mas o tempo que eu perdera com os controles do carro desconhecido me custou caro.

Quando tomei o meio da estrada e mudei de marcha, ouvi-lhe a respiração ofegante e o tropel dos passos e vi-o de uni pule alcançar o estribo do carro.

— *Rommel! Pegue-o, Rommel!* — gritei acima do barulho do motor.

Ouvi o cachorro latir nervosamente, mas não houve o menor movimento de ataque. Afinal de contas, ele me vira beijar pouco antes aquele homem.

Lembrei-me então de que Paul Véry estava armado e gritei ainda mais imperiosamente para proteger o cachorro: — *Quieto, Rommel*!

Ouvi então o riso repulsivo de Paul Véry. A Mercedes ganhava trovejantemente velocidade. O homem vociferava impropérios agarrado ao estribo. Saímos do túnel de árvores, e tocamos por uma ladeira acima. À frente, mais uma vez, os faróis abriram um funil na escuridão dentro do qual nos embrenhávamos.

Tendo a iniciativa e empunhando o volante, sentia-me inteira e maravilhosamente calma. A agulha do velocímetro começou a deslizar para a direita do mostrador. Passamos por uma pequena aldeia. O nome Euzès apareceu por um instante à luz e desapareceu, enquanto eu franzia a testa, tentando lembrar-me do mapa.

A Mercedes corria e pelo canto dos olhos vi Paul Véry, agarrado firmemente à carroceria, e tentava passar a perna para dentro do carro.

Esperei até que a perna estivesse suspensa no ar e, então, dei um golpe de direção que fez o carro dar uma guinada violenta na estrada.

Ouvi o grito dele e vi-o com o corpo virado para fora, mas, de qualquer maneira, conseguiu segurar-se. Ficou ali, murmurando só Deus sabe que coisas horríveis contra mim.

Esperei alguns momentos e dei outro golpe de direção. Os pneus rangeram na estrada e eu escutei isso com a maior indiferença. Seria muito ruim se um pneu furasse, mas se eu não me pudesse livrar de Paul Véry e de sua arma, tanto me fazia morrer de uma maneira ou de outra. Rolei o volante de novo.

As rodas traseiras derraparam violentamente e o carro corcoveou como um cavalo bravo. As luzes rodaram vertiginosamente através da noite e a escuridão descreveu um grande arco em torno de nós. Por um momento, pensei que havia exagerado e ia perder a direção do carro. Paul Véry tornou a gritar e eu ouvi o ganido assustado do cachorro. O carro, dançando loucamente, tornou a lançar-se à frente no mesmo ritmo alucinado. Os faróis rodaram e afinal se firmaram. Duas árvores apareceram à frente como fantasmas e, então, as luzes se estenderam de novo pela estrada.

Havia uma curva fechada para a esquerda e eu vi a borda da estrada saltar ao encontro das rodas e, além dela, um breve trecho de terreno onde arbustos agitavam os galhos como antenas espectrais contra uma imensidade de trevas. Estrelas, vento e um abismo de escuridão estranhamente luminoso.

Estávamos à beira do mar.

Dessa vez, fiz a Mercedes derrapar com vontade. As rodas pularam como coisas vivas e a poeira se elevou atrás de nós como uma nuvem atômica. Só deixamos de bater num rochedo porque as rodas do outro lado estavam a um palmo do chão.

Consertei a posição do carro. Havia sangue em meus lábios, mas me sentia bem.

Compreendi então que o solavanco do carro para a esquerda ajudara Paul Véry a passar finalmente para dentro do carro. Quase antes que eu compreendesse o que havia acontecido, ele estava ao meu lado, metendo a mão no bolso do paletó.

25

Nessa insensata fúria / ele pode ser tão violento que se hostilize a si mesmo. / Acompanharei a marcha dos jatos...

(TOURNEUR)

— Vamos! — disse ele, com voz enfurecida. — Pare o carro, pois do contrário eu atiro! Avisei-lhe que estava armado!

Nem olhei para ele. Estava pensando na segunda bifurcação depois de Aiguebelle... defronte dos grandes pinheiros de umbela...

— Na barriga, — disse Paul Véry e acrescentou um nome feio.

Ri. Estava tão tranqüila como a água de um lago. A sensação de guiar aquele carro magnífico, em todo o seu poder e esplendor, era para mim como uma espada na mão de um homem que estava lutando desarmado. A Mercedes passara a ser a minha arma e como eu estava disposta a usá-la! Eu sabia como Paul Véry estava com medo. Eu tinha observado tudo — a gradativa distensão de seus nervos... a selvagem excitação da sua missão homicida, o agudo prazer de me provocar, a velocidade, a antecipação da emoção final... e, por fim, aquilo. Os nervos do homem estavam à flor da pele. Eu havia percebido, vendo-o dirigir, que ele estava profundamente receoso da velocidade que desenvolvera. A deliciosa excitação de amedrontar-se e aterrorizar-me tinha sido metade da emoção. Não há um automobilista de primeira classe — dizia-me Johnny — que se excite com a velocidade. Afirmava ele que dirigir é apenas uma tarefa e não é possível deixar o cérebro girar com o motor. *Quando se deixa a excitação tomar conta da gente*, abre-se a porta ao medo, dizia ele.

E o medo ia no carro conosco. Eu o ouvia na voz dele e sentia-o no cheiro do suor que o banhava.

Eu tinha nas mãos a arma com que poderia esmagá-lo. Se eu lhe arrasasse completamente os nervos antes de chegarmos aos pinheiros de umbela, poderia tirar aquela arma das mãos dele.

Por isso, ri e continuei a rasgar com a minha resplandecente espada a noite densa.

— Largue isso, — disse eu com desprezo. — Se atirar em mim, que é que acha que vai acontecer ao carro... e a você?

Ouvi a respiração entrecortada dele e por um instante receei que ele estivesse tão desorientado que pudesse atirar sem pensar em mais nada. Mas não atirou. Limitou-se a praguejar de novo e aproximou-se de mim até que pude sentir a pressão do revólver através do pano do meu casaco. A mão que o empunhava tremia um pouco.

— Estou falando a sério! — disse ele com voz rouca. — Pare senão eu atiro e me arriscarei a fazer parar o carro antes, que aconteça alguma coisa!

Estávamos num longo trecho reto da estrada. Pisei no acelerador e a Mercedes partiu como uma flecha. A agulha do velocímetro se virou para a direita e ficou lá.

— As probabilidades são muito poucas, mas pode tentar, — disse eu. — Afinal de contas, o carro é de Kramer e ele foi um louco em deixar você dirigi-lo. Devia saber que você é um péssimo motorista.

O cano da arma foi afastado um pouco. Acrescentei: — Se me fizer cócegas com esse revólver a esta velocidade,, não respondo pelas conseqüências.

Ele afastou de todo o revólver. À frente, havia uma curva e eu diminuí um pouco a marcha. Acima do barulho do motor, ele resmungava: — Se eu tivesse adivinhado que você sabia... se eu tivesse adivinhado...

E começava então a dizer o que gostaria de ter feito comigo. Falava em francês e, ainda por cima, num francês baixo de sarjeta, de modo que eu pegava muito pouco o que ele dizia, mas tinha de fazer parar aquilo, para que a minha atenção não se desviasse da estrada.

Interrompi a torrente de sujeira.

— Mas era evidente que eu sabia, *monsieur.*

— Como assim?

Disse então com um desprezo gelado: — Acha mesmo que eu deixei você se aproximar de mim e me tocar porque eu gostasse? Meu caro *Monsieur* Véry, como amante, não poderia passar nem pelas provas preliminares... Ele então avançou para mim.

Ferindo-lhe a preciosa vaidade, eu fora longe demais. Pensei que ia atirar em mim pouco se incomodando com as conseqüências, mas, ao invés disso, ele

procurou ferozmente dominar a direção. Pensei que ele .realmente ia consegui-lo e que íamos rolar pelo penhasco. Mas ele errou o impulso e caiu ao meu lado, começando a passar as unhas em minhas pernas. Tornei a dar um golpe de direção e ele foi atirado para o outro lado do carro.

— Afaste as mãos de mim, sim? — disse eu um pouco sem fôlego, ao mesmo tempo que retificava a posição da Mercedes.

Ele não respondeu. Ficou encolhido de encontro à porta da direita do carro, respirando ruidosamente pela garganta. O pobre Rommel, atrás de nós, gania de medo. Comecei a recear que os pneus não suportassem mais outra tensão como aquela.

Nesse momento, passamos por uma bifurcação na estrada.

A primeira à direita. Faltava já bem pouco. Olhei então de relance para Paul Véry e levei um verdadeiro choque.

Ele, sim, tinha sido submetido a uma tensão muito superior à que os seus nervos podiam tolerar. Tinha-se acabado o irrepreensível francês do Tistet-Védène, o Don Juan de voz veludosa das noites mediterrâneas. O que ficara não passava de um homem de mãos crispadas e rosto reluzente de suor.

Nada, nem mesmo o medo, podia despojar Paul Véry da sua extraordinária beleza, mas lhe tirara decerto qualquer distinção. O homem ali jogado, olhando com fascinado horror para a estrada, nascera e se criara nas sarjetas de Paris.

Não inspirava mais o menor receio. A força e a segurança que tinham parecido a sua verdadeira essência tinham desaparecido. A derrota — e, ainda mais, pelas mãos de uma mulher — haviam-lhe destruído todos os alicerces. Mas ainda era perigoso. A ameaça não havia desaparecido; mudara apenas de qualidade. Eu estava enfrentando, em vez de um poderoso e implacável carrasco, um assassino mesquinho e imprevisível.

Não apenas isso. Na minha opinião, era ainda um assassino pouco inteligente. Só um homem pouco inteligente, sabendo de .quanta coisa eu estava a par, teria falado comigo como ele. falara, assumiria os riscos que ele assumira, tudo em troca de um momento de satisfação. A significação das últimas palavras que ele trocara com Kramer se evidenciou para mim. Só um idiota pretensioso poderia ter esquecido ou fingir que esquecera uma informação tão importante num momento como aquele. Paul Véry era apenas um instrumento e, até certo ponto, um bom instrumento. Mas se o afastassem da voz de comando e o deixassem entregue a si mesmo, estava perdido.

Essas considerações, passando-me pela cabeça por um breve momento antes que eu voltasse para observar a estrada, silenciaram efetivamente quaisquer tentativas de minha parte de provocar Paul Véry. Procurando deliberadamente fazê-lo perder o controle sobre os nervos, eu havia corrido um risco muito maior do que julgava. Ele era, na verdade, tão pouco inteligente que poderia num momento de desespero atirar em mim enquanto eu dirigia. Isso ficara provado quando, irritado com as minhas zombarias, tentara agarrar o volante. Se, nesse momento, tivesse a arma na mão...

Meu coração deu um pulo, parecendo depois parar angustiosamente, enquanto o sangue se me gelava nas veias, a tal ponto que até os dedos ficaram gelados.

Se ele tivesse a arma.. .

Lembrei-me de que, no escritório de Kramer, ele havia pedido que o outro lhe jogasse o casaco. Teria falado com tanta displicência se houvesse uma arma no bolso? Lembrei-me da sua silhueta elegante quando enchia o tanque do carro no posto de gasolina em Marselha. Não havia nenhum volume nos bolsos que alterasse o efeito do conjunto. Olhei para ele, levantando um pouco o pé do acelerador. Ele continuava com os olhos fixos na estrada.

Tirei cautelosamente do volante a mão esquerda e, com uma prece muda, tateei ao meu lado. Havia uma bolsa na porta do carro e, como eu esperava, senti o contato de uma pistola fria. mortífera e extremamente reconfortante.

Foi nesse momento que, como grandes nuvens cinzentas que se acumulavam na ponta extrema de nosso facho de luz, avistei os pinheiros de umbela.

26

Morreremos os três.

(SHAKESPEARE)

Desliguei imediatamente os faróis, mas Paul Véry já vira os pinheiros.

Retesou o corpo e esticou o pescoço como se fosse uma ave de rapina.

Só me restava uma coisa. Devia dirigir firme depois de entrar na bifurcação, livrar-me de meu companheiro fosse como fosse e então voltar para tratar do caso com André sozinho. Parece estranho que não me tivesse ocorrido a idéia de atirar em Paul Véry. Mas isso é fácil de explicar: eu nunca havia dado um tiro em toda a minha vida.

— Ouça o que lhe vou dizer, — disse rapidamente. Estávamos quase chegando. Os pinheiros ficavam um pouco afastados da estrada, formando um grande bosque. — Eu tendo de...

Mas era muito tarde. Enquanto eu falava, a primeira das grandes árvores surgiu diante do carro obliterando as estrelas e os nossos faróis amortecidos tinham mostrado o vulto de uni caminhão de mudança estacionado um pouco adiante, vendo-se ao lado um homem. André, que não merecia mesmo confiança, não procurara um lugar escondido para estacionar o caminhão.

Paul Véry começou a grita: — *André! Ici, Jean! Au secours!* (André, é Jean! Socorro!) Liguei os faróis e pisei no acelerador. O facho da luz incidiu sobre o homem, que estava correndo para a frente, protegido pelos pinheiros.

Era Marsden e empunhava uma pistola.

— *A moi, André!* (A mim, André) — gritou Paul Véry. Estava de pé, curvado para a frente, com o corpo quase fora do carro.

Marsden tinha alcançado a beira da estrada. Chegou à estrada. Toquei a buzina, pisei no acelerador e, com um breve soluço de puro terror, guiei o carro diretamente para cima dele.

Vi-o pular. Pelo menos, penso que vi, pois os segundos seguintes foram uma apavorante confusão. Lembro-me do rosto de Marsden, muito branco à luz dos

faróis. Estava de boca aberta, gritando alguma coisa. Houve um clarão escarlate; depois, outro. Então, o carro bateu em alguma coisa e o mundo inteiro girou na derrapagem explosiva. A Mercedes pareceu elevar o capo para o;alto e os seus faróis cobriram um vertiginoso arco de céu.

Apagaram-se em seguida e a escuridão nos esmagou como um homem esmaga um inseto. Agarrada ao volante violentamente sacudido, cega, atordoada, com gestos inteiramente automáticos, lutei com o carro. Por um momento, pensei que o havia dominado, mas ele, de repente, capotou. A noite se despedaçou, rondou, ficou suspensa durante um milhão de anos e, por fim, crepitou em línguas de fogo. Houve, então, silêncio, quebrado apenas pelo tilintar de vidros que caíam.

Houve um grito e um tropel de passos. A porta da Mercedes foi aberta à força e me arrancaram da escuridão.

Havia um trovejar em meus ouvidos. A noite, as estrelas estavam espiralando dentro de um enorme funil. Bem longe, ouvi uma exclamação áspera, depois outro grito — vozes urgentes, estridentes, com um tom que podia ser de medo. Senti mãos sobre mim que tateavam, procuravam.

Alguém me levantou a cabeça e me forçou um líquido por entre os dentes.

Engasguei-me, tomei fôlego, movi-me e o universo que rodava foi diminuindo de ritmo até parar, voltando a focalizar-se com nitidez em torno de mim. As estrelas pararam e voltaram a cintilar fracamente no alto. Havia dois homens ao lado do carro. Um estava me sustentando nos braços; o outro se inclinava sobre mim na escuridão, olhando. Era Marsden. Minha primeira reação foi de profundo alívio. Eu não o matara afinal de contas. Comecei então a debater-me sem força entre os braços que me seguravam.

— Estou armada, — anunciei com firmeza.

Fiquei surpresa quando ouvi uma risada, ao mesmo tempo que os braços me seguraram com mais força.

— Fique quieta, valentona. Não acha que já fez bastante por uma noite?

Virei a cabeça e olhei-o, atônita.

— Richard! Mas... mas você está amarrado dentro do caminhão. Eu vou salvá-lo!

Ele tornou a rir.

— Eu sei, querida. Mas, nestes casos, não é conveniente tomar a frente da polícia.

— *Polícia?*

Marsden estava sorrindo para mim.

— Não estou falando em caráter oficial, mas aqui está a Scotland Yard em pessoa!

— Desculpe... Pensei que fosse André. Atirou em mim, não atirou?

— Nós dois atiramos, — disse Marsden. — Eu sabia que o carro era de Kramer e pensei que ele me tivesse visto e procurasse fugir.

— Mas o homem estava pedindo socorro!

— Meu francês não é muito bom, — disse Marsden, — e, de qualquer maneira, não o ouvi bem. A verdade é que não havia muito tempo para pensar.

— Pode mover-se, Charity? — perguntou Richard. — É melhor sair de perto desse carro. A posição é um pouco incerta...

Sentei-me no chão e experimentei os braços e as pernas.

— Acho que estou bem.

Com a ajuda deles, afastei-me da Mercedes. Os meus olhos já se haviam habituado à escuridão. Vi então que o carro saíra da estrada principal e tinha parado alguns metros adiante no caminho da direita, de frente para a direção de onde eu tinha vindo. Estava no lado do mar do caminho e, no primeiro momento, não compreendi o que Richard dissera a respeito da posição incerta. De repente, vi. A noite girou em torno de meus olhos e eu fiquei contente de apoiar-me no braço de Richard. A borda do caminho coincidia com a borda do penhasco. Um metro depois das rodas traseiras do carro, o terreno descia abruptamente para o mar, cem metros abaixo.

— Tive sorte, não tive? — disse eu, com voz trêmula. — Em que foi que o carro bateu?

— Em nada. Marsden acertou um de seus pneus. O carro rodou duas vezes e deslizou para trás até aqui. Mas o carro não tem nem um arranhão.

Só um farol foi quebrado e eu é que fiz isso.

Tirei os cabelos da testa e aspirei profundamente o doce ar da noite. As coisas se estabilizavam em torno de mim e eu me sentia bem mais normal.

Richard e Marsden me levavam através da estrada para a proteção das árvores.

— Atiraram com muita precisão, — disse eu. Nesse momento, a memória me voltou e eu perguntei alarmada: — E David? Onde está David?

— Está bem, mas ainda está dormindo. Está em segurança numa vala a cem metros daqui. Procuramos afastá-lo da zona de perigo.

— E Paul Véry?

— Vivo, — disse Marsden. — Mas está inconsciente e eu não sei da gravidade do estado dele. Não o olhei ainda, mas não me pareceu muito bem. Foi Byron que o tirou do carro. Está deitado ao lado. Vou voltar e olhá-lo agora mesmo.

— Está bem, — disse Richard, — mas vamos ouvir primeiro o que Charity tem para nos dizer, pois o movimento pode recomeçar a qualquer instante. Que estava você fazendo no carro de Kramer com aquele homem? E onde está Kramer? Marsden disse que Kramer ia seguir o caminhão.

— Kramer vem aí, — disse eu. — Ele e Loraine estão em seu carro, Richard. O plano era fazê-lo rolar pelo penhasco, com você e David.

— Meu carro, hem? — disse Richard. — Devíamos ter pensado nisso, Marsden. E eu suponho que o bandido que ia no carro é o verdadeiro marido de Loraine.

— É, sim.

— O homem que matou Tony e atacou David... — Quando chegou às árvores, tornou a falar comigo; depois me fez sentar num grande tronco de árvore, com o caminhão entre mim e a estrada. — Tem certeza de que está bem?

— Absoluta. Não se preocupe comigo. Mas... espere.. » Rommel?

— O quê?

— Rommel, o cachorro de David. Estava comigo no carro. Ficarei muito triste se ele se machucou.

— Não havia cachorro algum no carro.

— Não podia deixar de haver...

— Estou-lhe dizendo que não vi.

Levantei-me, apoiando-me numa árvore.

— Deve ter sido atirado fora. Está caído aí em algum canto. Talvez esteja ferido...

Richard me deu a mão para que eu me firmasse.

— Vamos procurá-lo. Agora, sente-se e tome mais um pouco de conhaque.

— Não, muito obrigada.

— Vamos, menina. Obedeça. Obedeci.

— Você parece gastar muito tempo forçando-me a tomar álcool, Richard.

Ele arrolhou o cantil e colocou-o ao meu lado.

— Você parece muito mais preocupada com o cachorro do que com seu amigo Paul.

— O cachorro é de David. E Paul Véry matou deliberadamente um coelho na estrada, — disse eu, como se isso explicasse tudo.

— Mas... — murmurou ele, e continuou: — Agora, escute. Só Kramer e Loraine vêm aí em meu carro?

— Que eu saiba, só os dois.

— Vinham muito atrás de você?

— Isso eu não sei. Ele teve de passar pela garagem para pegar seu carro.

— Bem, a garagem não ficava muito longe. Você veio muito depressa, não veio?

— Bem depressa. Paramos uma vez na estrada. Mas isso não deve ter levado mais de cinco minutos.

— Pararam? Posso saber por quê?

— Para um rápido namoro, — disse eu, francamente.

— Compreendo... — Ficou por um momento em silêncio. — Foi então que mudaram de lugar no carro, não foi?

— Foi, sim. Mas conte-me o que aconteceu, Richard. Esse Marsden...

— Depois eu conto. Escute, do jeito que as coisas vão correndo, temos todas as probabilidades de vencer. Eles deverão parar quando virem a Mercedes e o caminhão. Somos dois homens armados e teremos a vantagem da surpresa. Tudo estará resolvido dentro de muito pouco tempo.

— Que é que vai fazer? Ele riu.

— Não faço a menor idéia. Sem dúvida, a inspiração virá no memento da crise.

— Onde está Marsden?

— Foi ver nosso amigo Paul... *Escute, não é um carro?* Prestamos atenção, procurando escutar os múltiplos ruídos que surgiam no silêncio da noite. Percebi o murmúrio do mar; não era o rugido impetuoso dos mares do norte, mas o comprido resmungo do mar comprimido entre as terras. E acima de nós os pinheiros cantavam.

— Não, — disse eu, afinal, em voz baixa. — Não estou ouvindo carro algum.

Ele ficou escutando ainda por um instante. Depois, descontraiu-se e eu vi uma pistola brilhar-lhe na mão.

— Havia uma pistola no carro, — disse eu. — Estava em meus joelhos quando paramos. Se a encontrarmos, seremos três...

— Não. Nem pense nisso. Você vai ficar na retaguarda, menina, nas trincheiras. — Apontou para o lado da terra. — A uns cinqüenta metros daquelas árvores há uns rochedos com uma ravina seca logo depois. É lá que David está. Vá esperar lá com ele.

Abri a boca para protestar, mas nesse momento Marsden nos interrompeu, surgindo de repente da escuridão.

— O homem ainda está inconsciente, — disse ele, — mas não parece estar gravemente ferido. Para segurança, devemos levá-lo para o caminhão e deixá-lo amarrado lá dentro. Se o deixarmos estendido no chão, poderão vê-

lo e ficar sabendo que há alguma anormalidade. Ainda há alguma corda?

— Duvido muito, — disse Richard. — Acho que usamos toda a corda que havia.

Senti um desejo absurdo de rir.

— Para amarrar André?

— André? — perguntou. — Quem é ele?

— O motorista do caminhão.

— Ah, sim. Está amarrado lá dentro. Não há perigo.

Richard, que estava procurando dentro do caminhão, exclamou: — Nada aqui. Charity, seu casaco tem cinto?

— Não.

— Como vai ser? — perguntou ele, saltando do caminhão junto de mim, sobre o chão forrado de agulhas de pinheiros. — Isso está começando a apresentar todos os elementos de uma farsa, não acha? Há vilões demais e falta corda para amarrá-los. E palavra que não tenho coragem de usar meu cinto.

— Não creio que ele nos dê muito trabalho, — disse Marsden, — mas é melhor não facilitar. Pode haver uma corda na mala do carro. Vamos, Byron?

— Já vou, — disse Richard. — Se ouvir um carro, Charity» vá para a ravina de que lhe falei e fique lá até irmos buscá-la.

— Esta bem, Richard, — disse eu, documente. Mas Marsden tinha outras idéias.

— Encontrei uma pistola na Mercedes. Quem sabe se ela...

— Nada disso. Eu e você já atiramos nela esta noite. Kramer pode ter melhor pontaria.

— Que Deus não o permita, — murmurei e Marsden riu.

— Vamos.

Mal tinham dado dois passos e eu estava de pé, encostada à árvore, com toda minha confiança em cacos.

— O carro! — exclamei. — Escutem!

Através do sussurro constante dos pinheiros, através da: pulsação secreta do mar, ouvíamos, ainda fraco mas inconfundível, o barulho de um motor.

— É mesmo! — disse Marsden.

— E vem correndo, — disse Richard, depois de escutar mais um pouco.

É meu carro, sim..... Por favor, Charity.

— Já vou.

A voz e todo o corpo me tremiam. Tive de esforçar-me para deixar o sólido abrigo do tronco do pinheiro. Percebi vagamente os dois homens que se moviam como sombras ao lado do caminhão. Afastei-me da estrada, por entre as árvores. O motor do Bentley rasgava o silêncio num zumbido crescente. Saí do bosque de

pinheiros e continuei por entre densos arbustos.

Vi à minha frente uma massa negra, que devia ser o rochedo de que Richard me falara. O Bentley vinha cada vez mais perto...

Cheguei ao pé do rochedo e parei. Não me era possível continuar. Fosse a reação atrasada ao que me acontecera ou o que fosse, o certo é que fiquei ali parada, tremendo e suando, olhando para a estrada através das folhas e dos troncos dos pinheiros.

Vi o clarão dos faróis do Bentley, rompendo a escuridão da noite. O barulho do motor aumentou quando o carro fez a curva a um quilômetro e meio de distância. Os pinheiros de umbela se erguiam como grandes nuvens de tempestade à luz dos faróis.

Com as luzes desligadas, o Bentley avançou para nós, confiante, ameaçador, como um tigre que vai matar. A qualquer momento Kramer veria o caminhão e pararia.

Do repente ouviu-se imprevistamente o barulho de outro motor. A Mercedes.

Não me lembro de ter saído do lugar mas devo ter corrido para a estrada como se fosse louca. Só sabia era que Paul Véry tinha voltado a si, subira na Mercedes e estava dando um aviso.

Vi então o Bentley virar pelo caminho no alto do penhasco e ouvi o ranger de seus freios. Vi a Mercedes trovejante como um bombardeiro dar um pulo para a frente dançar no chão com o pneu da frente furado e então atravessar na estrada.

O Bentley não teve a menor chance.

Houve um grito de pavor e então os carros se chocaram num tremendo fragor de metais despedaçados. Algum acaso ligou o comutador do Bentley na batida de modo que por um momento quando os dois carros se prenderam numa torre levantada de metal, os faróis se projetaram para o céu como grandes jatos de chama. Os carros ficaram suspensos ali contra o céu negro, emaranhados à beira do precipício. Então, os faróis descreveram um grande arco luminoso e os carros engatados caíram diretamente no mar.

E, depois desse tremendo impacto, houve silêncio, interrompido apenas pelos ecos do mar agitado que se quebrava com mais violência, onda após onda, no sopé do penhasco. Afinal, as ondas se acalmaram e o mar retomou o seu calmo resmungo, como se nada tivesse acontecido. As últimas nuvens se abriram, tangidas pelo vento, e o luar, infinitamente puro, infinitamente suave, caiu sobre

as águas.

27

Gentil demônio!/Quem pode compreender uma mulher?

(SHAKESPEARE)

David ainda estava dormindo. Eu tinha ido procurá-lo, deixando os dois homens que tentavam descer pelo penhasco. Tinham levado o caminhão para perto do local do desastre, colocando-o de frente para o mar e acendendo os faróis. Marsden achava que não havia a menor possibilidade de que qualquer das três pessoas que estavam naqueles carros estivesse viva, mas não podiam sair dali sem apurar o fato.

Segui por entre as árvores à procura de David. Quando cheguei ao alto do rochedo, o luar me ajudou a ver as coisas com mais clareza. Abaixo de mim, ficava a ravina. No fundo, sob uma projeção de rocha e folhagem, havia um vulto mais escuro. Desci apressadamente e fui recebida por um vulto informe que latia e pulava com um prazer de algum modo contido.

— Rommel! — exclamei, sentando-me no chão para segurá-lo nos braços. — Quase matei você, não foi, coitadinho?

Rommel me deu um generoso e efusivo perdão e, então, correu para a projeção de rocha. Acompanhei-o.

David estava deitado, todo encolhido e embrulhado num casaco. Parecia muito jovem e delicado e o rosto sobre o qual caíam as mechas negras era tão parecido com o de Richard que eu senti uma súbita onda de emoção, mais forte do que qualquer coisa que já sentira em minha vida. Ajoelhei-me ao lado dele e peguei-lhe as mãos. Estavam frias.

Cheguei David para perto de mim e comecei a esfregar-lhe as mãos para aquecê-las. Rommel, com as orelhas em pé, observava ansiosamente.

Por fim, David abriu os olhos. Olhou-me vagamente e moveu as mãos entre as minhas.

— Alô, David.

Ele bateu os olhos e murmurou: — Sra. Selborne...

— Sou eu, sim. Como se está sentindo?

— Muito mal. — Moveu a cabeça e olhou para o alto, onde os grandes pinheiros se balançavam acima do rochedo. — Onde é que estou?

— Num ponto a leste de Marselha. Mas não se preocupe. Tudo está bem agora.

Olhou-me de novo de uma maneira que não pude entender. Senti-o afastar-se um pouco de mim.

— Já me estou lembrando... Marselha. Mas como veio parar aqui?

Compreendi então. Tornei a pegar-lhe na mão e disse: — Tudo está bem, David. Não estou do lado deles. Pode confiar em mim. Segui você até aqui... Rommel e eu...

— Rommel?

Virou a cabeça e viu então o cachorro que, com a barriga no chão e tremendo de prazer do focinho à cauda, estava esperando a sua vez.

— Foi ele que o encontrou, David.

— Oh, Rommel! — exclamou o garoto com os olhos cheios de lágrimas e os braços passados pelo pescoço do animal. Deixei-o chorar à vontade para livrar-se do medo, da solidão e da desconfiança, ajudado pelo consolo da presença de Rommel. Mas, por fim, David foi sacudido por soluços e disse: — Acho que vou vomitar...

— Não é de admirar, — disse eu. — Só lhe pode fazer bem. Não se importe comigo...

Pouco tempo depois, ele voltou e sentou-se ao meu lado. Cobri-o com o capote e abracei-o. Mas ainda não sabia como lhe iria falar de Richard.

— É melhor você tomar um gole disto.

— Que é isso?

— Conhaque.

— Oh! Conhaque de verdade? É horrível...

— Eu sei, mas faz bem à gente. Beba mais um pouco.

— Não, obrigado. Estou bem, mas com fome.

— Será possível?

— Que é que estamos fazendo aqui? Que foi que aconteceu? Quero saber de tudo!

— Uma coisa de cada vez... Estamos aqui esperando transporte para voltar para Marselha.

— Para Marselha? — perguntou ele, apreensivamente. — Para aquela loja? Não quero...

— Você não vai voltar para a loja. Tudo isso já terminou. O dono daquela loja está já fora do nosso caminho. Quer-me contar o que aconteceu lá ou prefere não falar sobre isso?

— Não me lembro bem. Tirei a pulseira do bolso e o homem olhou para ela e me perguntou onde eu a havia conseguido. Olhou para mim de maneira tão esquisita que eu fiquei pensando que ele desconfiava de que eu a houvesse roubado e, por isso, contei algumas mentiras. Ele pareceu ter ficado satisfeito e me chamou para o seu escritório. Abriu uma gaveta e eu pensei que fosse tirar o dinheiro. Mas ele apareceu com uma toalha ou coisa parecida na mão. Depois... não me lembro de mais nada.

— Clorofórmio, com certeza.

Ainda sentia o cheiro, leve, adocicado e horrível. Kramer devia tê-lo reconhecido no mesmo instante. Loraine com certeza telefonara para ele logo que o garoto desaparecera, comunicando ainda que David levara a pulseira. — Por que foi logo escolher aquela loja entre todas as que existem na França?

— Bem, eu não tinha dinheiro e só encontrei aquela pulseira como alguma coisa de valor. Pensei que Marselha era o melhor lugar onde se podiam vender essas coisas sem que ninguém fizesse perguntas. Vim então, pedindo carona pela estrada. Levei muito tempo. Levei a pulseira a três lugares, mas não quiseram comprar. No fim, um dos homens me aconselhou a ir procurar aquela loja que negociava com prata e devia comprá-la.

— Que pretendia fazer depois que tivesse o dinheiro?

— Comer, — foi a resposta pronta e firme.

— Não me diga que passou o dia sem comer, David!

— Almocei com um chofer de caminhão, mas, depois disso, não comi mais nada!

— Oh! Eu tinha chocolate na bolsa, mas perdi-a. Só serve de consolo é o fato

de que, se você tivesse sido cloroformizado depois de uma refeição, estaria ainda mais enjoado. — Levantei a cabeça para escutar, mas não ouvi senão o sussurro dos pinheiros. — E, depois que você tivesse comido, que ia fazer, David?

— Ia voltar para Nimes e procurar Papai. Fiquei espantada e não escondi o meu espanto.

— Procurar seu pai?

Ele me olhou um pouco envergonhado e disse: — Sim. E foi porque a senhora desapareceu do hotel que «eu resolvi ir.

— Não estou entendendo.

— Naquele dia em Nimes, quando fugimos de meu pai, eu lhe disse que tinha medo dele... Bem, isso não é verdade.

Comecei a reformar precipitadamente todas as minhas idéias.

— Não pensava então que ele era louco? Não tinha medo dele?

— Claro que não! Medo dele? Nunca poderia ter medo dele!

— Então, faça o favor de explicar, porque não estou entendendo nada.

Você disse que não queria encontrar-se com ele. Disse que era um caso de vida e morte e que ele era louco. Estava sem dúvida alguma com medo.

Como foi isso?

— Eu estava com muito medo, sim, mas por ele e não «dele. Vou-lhe explicar tudo... Posso começar do começo?

— É evidente.

Começou a falar com voz clara e firme, inteiramente vazia -de emoção.

Era muito estranho ouvir a mesma história brutal de crime e traição, narrada de novo por uma criança. Só diferia da de Richard quanto à perspectiva.

— ... Quando me disseram que ele tinha sido absolvido, eu sabia que ele iria no mesmo instante para Deepings. Mas isso não aconteceu. Cansei-me de esperar e aí a polícia telefonou para a Sra. Hutchings, a governanta, dizendo que Papai tinha sofrido um acidente e estava muito ferido. Tinha sido levado para um hospital. Quis ir vê-lo imediatamente, mas me disseram que ele estava inconsciente e que eu teria de esperar. Depois, bem tarde, *ela* chegou.

O timbre de voz dele não mudou, mas não pude deixar de notar o ódio frio

que a lembrança dela provocava. Continuou e eu comecei a compreender que a história de David era ainda mais terrível do que a de Richard.

— Ela entrou no meu quarto. Eu não estava dormindo, naturalmente.

Disse que tinha estado no hospital. Procurou dar a notícia com muito jeito...mas me disse que Papai tinha morrido.

— Disse que seu pai tinha morrido?

— Disse. E disse também que não adiantava eu ir ao hospital. Não iria vê-lo porque ele tinha tido o corpo todo queimado. Naquele tempo, eu não pensava bem nas coisas. Não queria mesmo ir com ela, mas não podia ficar sozinho em Deepings depois disso e, de qualquer maneira, não é muito o que um garoto pode fazer. Papai tinha morrido, ela era minha madrasta e eu tinha de obedecer a ela. Naquele tempo, eu não tinha muita prática de pensar nas coisas por mim mesmo, mas agora tenho.

— Sei disso...

— Ela alugou um apartamento perto do Bois, em Paris, e nós ficamos vivendo ali. Ela me tratava bem, segundo eu pensava, e, na verdade, eu me sentia tão infeliz que não ligava muito ao que me acontecia. Encontrei Rommel um dia no Bois, com uma lata amarrada na cauda. Depois disso, foi melhor.

— Que foi que aconteceu então?

— Há três semanas, ela me disse que Papai ainda estava vivo.

— Como foi que ela explicou a mentira a respeito da morte dele?

— Disse que tinha feito isso por minha causa. De acordo com a opinião dos médicos e da polícia, Papai tentara suicidar-se e ela não tinha querido que eu soubesse disso.

— David!

— Foi, sim. Deu a entender que meu pai fora mesmo culpado da morte do amigo. Tinha-me poupado o mais possível o conhecimento dessas coisas, mas eu tinha de saber. Disse que meu pai tinha ficado de dia para dia mais esquisito e que acabara matando o Tio Tony. Isso devia ser uma conseqüência das coisas por que passara durante a guerra. De que está rindo?

— Há uma certa ironia nisso, mas não importa.

— Bem, foi isso o que ela me disse. Papai estava louco e era perigoso.

Por isso, ela ia afastar-me da zona de perigo.

— Você acreditou nisso?

— Não. Eu sabia que meu pai não era louco e não tinha matado o Tio Tony. Sabia também que não tinha sido ele quero me dera a pancada. Tinha certeza ainda de que ele não pretendia jogar o carro na pedreira para suicidar-se porque ele me telefonou de Londres logo que saiu do tribunal e me disse que ia diretamente para Deeping.

— Disse isso a ela?

— Não. Não sei explicar isso, Sra. Selborne, mas comecei a pensar cada vez com mais certeza que devia guardar as coisas comigo mesmo. Achava aquilo muito estranho e errado. Algumas das coisas que ela dizia, a maneira com que às vezes me olhava e até o fato de que me tivesse levado com ela quando eu sabia que não gostava de mim... Oh, havia muitas coisas esquisitas. E, em relação a meu pai, eu sabia que ela também não o considerava louco. E não me convenceu dos motivos que tivera para mentir dizendo que meu pai tinha morrido.

— Por que não escreveu para seu pai?

— É claro que foi a primeira coisa em que pensei. Mas não pude, Sra.

Selborne. Havia dois homens no apartamento logo abaixo do nosso — ela disse que eram primos dela — que estavam conosco o tempo todo. Eu nunca tinha um minuto de folga. Eu não poderia escrever uma carta a meu pai sem que eles soubessem disso e lessem a carta. Além disso, pareciam querer que eu escrevesse e bastava isso, naquela ocasião, para me fazer desistir.

— Ela queria que você escrevesse a seu pai, pedindo que ele fosse vê-lo?

— Isso mesmo. Disse que não me podia deixar voltar para a Inglaterra enquanto não víssemos como meu pai estava e sugeriu que eu escrevesse e o convidasse a vir ver-me na França. Ela iria ler a carta e, por isso, eu não teria jeito de dizer a ele como as coisas estavam arrumadas, nem de perguntar o que havia acontecido de verdade com ele. Ela continuou a insistir em que eu escrevesse a meu pai para convidá-lo de tal maneira que desconfiei e continuei a não querer escrever. Disse que acreditava no que ela me havia dito sobre a loucura dele e que eu tinha medo de vê-lo. Ela ficou furiosa comigo.

— Não sei se sabe, mas ela acabou escrevendo para ele.

— Eu soube. E telefonei para ele uma noite.

— Foi mesmo? E então?

— Ele não estava e eu fiquei muito decepcionado. Consegui sair uma noite e telefonei do apartamento dos tais primos enquanto eles estavam com ela. Foi a Sra. Hutchings quem atendeu. Disse que Papai recebera uma carta com o carimbo de Paris naquela manhã e que tinha saído logo depois de casa. Perguntei como ele estava e ela me disse que estava bem, embora muito preocupado e recém-saído do hospital... Os primos me encontraram quando eu subia depois de ter falado pelo telefone. Contei uma mentira, mas eles não acreditaram em mim e, daí por diante, não me deixaram mais sozinho. No dia seguinte, fomos todos para Lyon e, de lugar em lugar, chegamos até aqui. Estranhei muito isso tudo, até que comecei a pensar que eles queriam Papai aqui e não em Paris. E não podia deixar de pensar que era alguma coisa relacionada com aquele assassinato e que tinham a intenção de fazer mal a ele.

— Era uma armadilha e você servia de isca.

— Isso mesmo. E era por isso que eu não queria falar com Papai. Queria primeiro ter certeza de que ele não corria qualquer perigo. O mais estranho de tudo foi que os primos nos deixaram em Montélimar. E, quando estávamos em Avignon, ela me deixou ir para onde eu quisesse sozinho.

— Não deixou, — disse eu, pensando em Paul Véry. — Outra pessoa havia passado a encarregar-se de tudo. Você era sempre acompanhado.

— Era mesmo? Fiz bem então em fugir de meu pai em Nimes?

— É muito provável.

— Foi horrível, — murmurou ele. — Não sabia o que fazer e não sabia se as pessoas que me cercavam eram inimigas ou não. Era como se tudo estivesse de cabeça para baixo.

— Mas tudo está bem agora, David. Se está com frio, venha para debaixo de meu casaco.

— Quero é saber o que aconteceu e como é que a senhora sabe de tudo isso. E temos mesmo de ficar aqui, Sra. Selborne? Esse transporte de que falou...

— Está chegando, — disse eu, levantando-me. Ouvia passos do outro lado do rochedo. David se levantou também, parecendo assustado e Rommel ficou atento e rosnando.

— Quem é?

Richard apareceu na entrada da ravina e ficou ali ao luar, olhando para o filho. Hesitou um pouco e, então, estendeu a mão.

David passou correndo por mim e se atirou nos braços do pai.

Passei por eles e Marsden me deu a mão para ajudar-me a subir.

Olhei-o e ele sacudiu a cabeça.

— Nem sinal.

Passamos por entre as árvores, a caminho da estrada onde estava o caminhão, com a frente voltada para Marselha.

28

Dois amores tenho...

(SHAKESPEARE)

Despertei com um sol radioso e um delicioso cheiro de café. Emergindo das profundezas de um sono sem sonhos, vi as paredes caiadas e o chão de ladrilhos vermelhos de um quarto que me pareceu vagamente conhecido.

Uma das janelas estava fechada, mas a outra deixava entrar uma torrente de ouro. Lá fora, os gritos e rumores da rua subiam musicalmente, como que transfigurados pela luz.

A porta se abriu, deixando entrar mais forte o cheiro bom de café que eu já havia sentido ao despertar. Virei a cabeça e, então, sentei-me plenamente acordada.

— Louise!

Imaculadamente vestida como sempre, ela aparecera à porta com uma bandeja.

— Já acordou então? Fui eu que fiz barulho? De qualquer maneira, já estava na hora...

— Como é bom ver você, Louise! Como foi que isso aconteceu? E que horas são?

Ela deixou a bandeja em cima da cama e foi abrir a outra janela.

— Meio-dia, minha querida.

— Sério mesmo? — perguntei, servindo-me de café. — A que horas você chegou aqui?

— Há uma hora e meia mais ou menos. Vim no primeiro trem. Você disse que estava em dificuldades e eu sabia que você não tinha trazido roupa alguma.

— Não me diga que trouxe minhas roupas! É por isso que eu digo que você é a mulher mais formidável do mundo!

Ela riu.

— Sei muito bem que ninguém pode enfrentar um problema sem estar bem vestida. Como se está sentindo?

— Acho que muito bem... — Distendi alguns músculos e me senti melhor. — Um pouco emperrada ainda e com algumas contusões, mas, tirando isso, tudo azul!

— Hum... — murmurou Louise, puxando para junto da cama uma cadeira de vime que não parecia muito firme. — Parece que a sua aldeia dos fantasmas foi, afinal de contas, um lugar bem interessante. Que foi que lhe aconteceu?

Ri enquanto mastigava um pedaço de *croissant,* consciente de uma exultação miraculosa e primaveril no coração que me acelerava o sangue como champanha. O pesadelo terminara. O sol radioso daquela manhã brilhava sobre um mundo diferente em que os últimos vestígios de medo e incerteza deviam encolher-se e desaparecer diante daquele excesso de luz.

— Eu... passei por uma transformação!

— É o que parece. Deve ter-se encontrado com o Lobo de Orange, não?

— Em pessoa, — disse eu, cheia de felicidade.

— Foi o que eu pensei. Ele telefonou há cerca de meia hora. Se você se está sentindo bem, temos de encontrar-nos com ele para almoçar no Hotel de Ia Garde. No terraço, a uma e um quarto. E agora, a não ser que você queira que eu morra de curiosidade, conte-me tudo muito direitinho, inclusive a razão pela qual esse Richard Byron, que é o pai de David Bristol e que eu pensava que era um assassino, está telefonando para você em Marselha e convidando-a para almoçar, e também por que se julgou ainda na obrigação de me informar que nem ele, nem o Sr. Marsden estavam ainda na cadeia e que Rommel havia mordido o fundilho das calças de André e que eu devia deixar você dormir até bem tarde e, depois, trazer-lhe café e providenciar um táxi para o almoço, como se ele tivesse conhecido você a vida inteira e não apenas... quanto tempo?

— Três dias... mais ou menos.

— E mais menos do que mais, sem dúvida. E vou-lhe dizer uma coisa: tem um jeito muito ditatorial.

— Tem um pouco, de fato, — disse eu, mexendo o meti café.

— E você gosta disso, não gosta?

— Bem, você deve saber que eu estou um pouco habituada a isso, Johnny...

— Compreendo. Não é de admirar que você faça um casamento atrás do outro e eu não arranjei nenhum ainda...

Fiquei um pouco vermelha e murmurei: — Acontece que ele ainda não me falou em casamento. Ela se limitou a sorrir e passou-me um cigarro.

— Bem, vamos, menina. Comece a falar.

— É uma história muito comprida...

— Temos ainda uma hora antes do encontro com o Lobo. Vamos.

Comece pelo princípio, vá até ao fim e então pare.

— E é inteiramente fantástica.

— Conte tudo, — disse Louise, toda feliz, reclinando-se na cadeira.

Contei-lhe tudo então, deitada no pequeno quarto de hotel do Belle Auberge, enquanto o sol batia sobre a colcha e a fumaça dos cigarros se elevava em espirais entre nós. Contei-lhe tudo exatamente como havia acontecido e, como Paul Véry, ela escutou em silêncio, embora me olhasse com um ar de escandalizada incredulidade.

— Muito bem! — exclamou ela afinal, com uma nota de assombro. — Que história fantástica! É claro que não acredito numa só palavra de nada disso...

— Pergunte então aos outros. O Sr. Marsden disse... Louise me interrompeu.

— E isso também! Não entendo mais nada! Que é que John está fazendo metido em tudo isso?

Foi a minha vez de mostrar surpresa.

— John?

— Depois que você saiu para a tal aldeia dos fantasmas, ele e eu ficamo-nos conhecendo, — disse ela com a maior calma deste mundo.

— Não é possível! Se eu tivesse sabido disso, teria parado imediatamente de desconfiar dele.

— É natural. Você continua com a noção de que todos os pretendentes que me aparecem acabam sendo pastores ou escoteiros. Foi certamente uma surpresa saber que ele é um grande detetive. Marsden, da Scotland Yard.

Bem, ele é muito simpático, embora goste de ler poesia. Continue. Ele lhe disse como foi parar naquele horrível lugar no alto do penhasco?

— Disse e da maneira mais simples possível. Parece que participou das investigações sobre o assassinato de Tony Baxter.

Richard se encontrou muitas vezes com ele, mas não se lembrou do nome quando lhe falei de Marsden e o descrevi. Bem, Marsden foi designado para trabalhar em outro grande caso, mas continuou interessado no assassinato de Baxter. O homem encarregado da investigação, o Inspetor Brooke, não estava também inteiramente satisfeito com a maneira pela qual o caso fora encerrado. Acabou acreditando pessoalmente que Richard não era culpado. O assassino devia, portanto, estar ainda à solta, talvez em atividade, e não se tinha ainda a menor indicação do motivo. O suposto acidente de carro de Richard abalou-o muito. Richard estava em segurança no hospital, mas Brooke começou a desconfiar de Loraine e a preocupar-se com David.

— Um detetive esperto!

— Sem dúvida. Bem, Marsden ia tirar férias e se ofereceu para exercer uma espécie de vigilância extra-oficial. Ele tem amigos na Sûreté e foi autorizado pela Scotland Yard. Em vista disso, veio para a França à procura de David.

— Ah! — exclamou Louise. — Era então por isso que ele desaparecia do Tistet-Védène logo que David saía.

— Certo. Notei que ele estava sempre rondando em volta de David e atribuí a isso os motivos mais sinistros. Para encurtar o assunto, ele conseguiu, com muita dificuldade, seguir a pista de David quando este veio para Marselha. Parece que o garoto levou um dia inteiro para chegar aqui, pois procurava esconder-se de todos os carros que passavam e os caminhões que lhe deram passagem eram muito lentos. Mas chegou afinal aqui, seguido de perto por Marsden e foi dar naquela horrível loja de Kramer.

Olhei para o relógio.

— Ih, tenho de me levantar, senão vamos chegar atrasadas ... Bem, o pobre David foi cloroformizado, com uma dose bem forte aliás, enquanto Marsden rondava por perto sem saber o que havia acontecido. Imagino que Kramer tenha telefonado para Loraine em Avignon, mandando-a tomar o primeiro trem. Paul Véry devia ter saído muito antes disso...

— Saiu, sim, — disse Louise. — Saiu no carro logo depois do almoço, ostensivamente para ir procurar David. O casal americano e os dois alemães também. Mas Paul Véry não apareceu na hora do jantar.

— Não tenho dúvida de que ele procurou David e de que passou por ele, sem

vê-lo. Deve ter telefonado para Kramer, sabendo então da captura do garoto ou deve ter ido diretamente para lá, a fim de receber ordens. De qualquer maneira, segundo diz Marsden, Paul Véry chegou à loja bem uma hora antes de Loraine. Eu mesma o vi no escritório, quando Loraine chegou lá num táxi. Marsden ainda estava por ali esperando que David saísse da loja quando Paul apareceu e entrou com o carro na garagem fronteira, como se conhecesse perfeitamente o lugar. Marsden reconheceu-o e começou a querer compreender o que estava acontecendo. Assim, quando Paul Véry entrou na loja e se encaminhou diretamente para o escritório, Marsden, como eu, entrou no pátio dos fundos e escutou a conversa debaixo da janela. Deve ter sido nessa ocasião que Richard e eu estávamos conversando a quatro ruas de distância...

— Parece ter havido um verdadeiro desfile no escritório de Kramer, — disse Louise.

— De fato. Marsden escutou muito tempo debaixo daquela janela.

Percebeu que havia pelo menos três homens no escritório — Kramer, Jean-Paul e André — de modo que, quando soube o que havia acontecido a David, nada pôde fazer. Compreendeu que pretendiam levar David dali e não se arriscou a sair dali para ir chamar a polícia e perder a pista do garoto.

Continuou a observar, à espera de uma oportunidade para socorrer David.

— Pobre John, — murmurou Louise.

— Disse que esses momentos foram de verdadeira angústia para ele.

Esperou enquanto eles falavam até que a porta se abriu e Richard entrou.

— Deve ter sido um momento sensacional.

— Ê claro. Mas Richard não se lembra de nada senão de ter visto David estendido num sofá. Correu para ele, mas os três atacaram-no no mesmo instante. Marsden, que estava em baixo da janela, nada viu, mas ouviu Richard exclamar "David!" e, logo depois, o barulho da briga. Por fim, Kramer falou em "levar os dois para o caminhão" e, em vista disso, Marsden correu para a garagem. Imaginou que todos iriam para o caminhão e, desde que a sua única idéia era não perder a pista de David, entrou no caminhão e se escondeu atrás de alguns sacos. Mas eles jogaram Richard e David lá dentro e trancaram a porta. Kramer disse então a André que fosse para aquele ponto na costa, estacionasse o caminhão num lugar onde não pudesse ser visto e esperasse por ele. Em seguida, ele e Paul Véry voltaram para esperar Loraine. Marsden ficou furioso. Se não estivesse trancado, teria atacado André no mesmo instante, levando então

diretamente Richard e David para a delegacia de Polícia mais próxima. Mas esperou, desamarrou Richard e procurou fazê-lo voltar a si.

Louise riu, satisfeita.

— E assim, quando o pobre André abriu o caminhão...

— Exatamente. Os dois dominaram-no num instante, amarraram-no e tomaram-lhe a arma. Tiraram até o capote dele para embrulhar David. Sabe que sinto um pouco de pena de André? Kramer disse que era um idiota que não merecia confiança.

Louise riu.

— E ainda por cima levou uma dentada de Rommel. Pobre André!

Puxei a colcha e saí da cama.

— E pobre Rommel também! Sofreu um bocado. David o deixou do lado de fora da loja e o cachorro deve ter esperado durante séculos. Conseguiu soltar-se no fim e foi então que eu o encontrei. Você não disse que me tinha trazido algumas roupas?

— Estão no meu quarto. Vou buscá-las. Não quis acordar você antes.

Que bom que eu tivesse trazido seu melhor vestido!

— O estampado mexicano? Não! Louise, você vai ser minha dama de honra outra vez.

— Nada disso. Não me dá sorte e, além disso, já estou bem velha. Vou esperar mais um pouco e ser madrinha do garoto.

— Está sendo um pouco prematura, não acha?

— A esperança nunca é prematura, — disse ela, correndo para a porta.

Parou ali um instante e me disse: — E você? Não está sendo prematura também?

— Eu?

— Claro, Ele nem a pediu ainda em casamento.

Saiu, fechando a porta.

Quando apanhei o vestido na mala que Louise tinha levado vi a fotografia

com a moldura de prata. Os olhos de Johnny sorriram para mim.

Peguei a fotografia e a estava olhando quando vi a marca que já estava esmaecendo em meu pulso.

Sorri também para Johhny. Encostei então o pulso de leve no rosto. As hesitações que eu tivesse, as dúvidas que minha inteligência tivesse colocado à frente de meu coração pareciam ter-se dissipado com o resto do meu pesadelo. O passado e o futuro se fundiam, formando o padrão de minha vida. Nunca mais sentiria saudades de Johnny, com aquela dor profunda que me fazia pensar que uma parte de mim mesma me fora arrancada Era paradoxal que agora que eu estava de novo íntegra Johnny estivesse mais perto de mim do que naquela última noite em que tínhamos estado juntos. Eu estava inteira de novo e Johnny fazia parte de mim para sempre. Porque tinha encontrado Richard, nunca perderia Johnny. O que eu sabia da vida e de amor tinha sido uma dádiva de Johnny e, sem isso, Richard e eu seríamos mais pobres. Nós dois estaríamos sempre em divida para com ele.

Beijei o retrato de Johnny. Era a ultima vez que eu faria isso. Guardei-o então na mala e peguei o vestido.

Pouco depois, abri a porta, chamei Louise e saímos para a luz do sol ao encontro de Richard.

29

Ó dia fabuloso!

(CARROLL)

O terraço do Hotel de Ia Garde está quase debruçado sobre o mar. É amplo, calçado de lajes brancas com pequenas laranjeiras bem-educadas em vasos para dar cor local e sombra e um vento do Mediterrâneo para refrescar.

Os barcos brancos, vermelhos e verdes dançam logo abaixo da mesa e a *bouillabaisse* é maravilhosa.

Éramos um grupo alegre. Richard e Marsden tinham passado o resto da noite e a maior parte da manhã com a polícia e ambos pareciam cansados, mas notei em Richard alguma coisa que eu nunca havia visto. Estava descontraído. Toda a tensão se havia dissipado e os olhos, embora cansados, estavam claros e a boca perdera a dureza que a fazia contrair-se. Quanto a David, estava exultante e nos fez rir a todos até o momento em que chegaram o café e os cigarros.

Marsden tirou o cachimbo e se acomodou na cadeira com um longo suspiro de satisfação. Parecia também estar livre da tensão, mas isso nele não passava de uma folga rápida de sua concentração habitual, como se, por assim dizer, a sua inteligência tivesse calçado as chinelas.

— Se me permite dizer, Sra. Selborne, — disse ele, — saiu de todo esse caso com muito bom aspecto. Como se sente hoje?

— Otimamente. muito obrigada. Só me restam algumas marcas no corpo, — disse eu, sorrindo para Richard. — Como é agradável saber de tudo e não desconfiar mais de ninguém, não é mesmo?

— Sem dúvida, — disse Marsden. — Já deve ter posto Louise a par dos fatos.

— Ela me contou tudo, — disse Louise, — salvo a parte mais importante. Não sei ainda a causa de tudo isso, senão indiretamente e por presunções. Descobriram por que foi que Kramer empregou aqueles dois para executarem os

crimes?

— As nossas previsões se confirmaram, — disse Richard.

— A polícia esteve na loja de Kramer esta manhã e encontrou provas de sobra. Tudo agora é perfeitamente claro.

— Conte-nos então, — disse eu.

— É o que vou fazer, — disse ele, batendo para o mar a cinza do cigarro e pensando um pouco antes de falar.

— Tínhamos razão, — começou ele, olhando para mim.

— Tudo começou naquele dia de janeiro em 1944, quando Tony Baxter e eu, a caminho de um campo de prisioneiros, fomos testemunhas do assassinato de Emmanuel Bernstein por Kramer e, conseqüentemente, da sua participação no massacre dos judeus. Charity lhe falou nisso, Louise?

— Falou. Que coisa brutal! Não admira que tivesse perdido a calma e protestasse.

— Isso me acontece às vezes, — disse Richard, olhando para mim. — É um defeito que eu tenho. Mas, naquela ocasião, Tony perdeu também a calma. Se não fosse isso, se eu tivesse sido o único responsável por ter chamado a atenção de Kramer, eu me sentiria inteiramente culpado pela morte de Tony. Bem... já sabem o que aconteceu. Tivemos permissão de prosseguir, mas Kramer tinha bons motivos para lembrar-se de nós e a memória dele era excelente.

Fez uma pausa e continuou: — É claro que isso não teria tido qualquer importância se não fosse o próximo elo entre nós. Kramer e eu tínhamos a mesma ocupação, o comércio de antigüidades, e ambos interessados especialmente em prata antiga.

Quando a guerra acabou e os processos de Nuremberg começaram, Kramer conseguiu desaparecer. Saiu da Alemanha e apareceu aqui na França como um refugiado austríaco, tendo adotado o nome de Karel Werfel. Tinha conseguido trazer uma boa fortuna em dinheiro e coisas saqueadas e, dentro em pouco estava fazendo bons negócios, com a sua matriz em Paris e filiais em Lyon e Marselha. Acho que devo mencionar aqui uma coisa que só descobrimos está manhã. Loraine era... — Olhou então para David, que o ouvia muito atento e continuou: — Loraine viveu com Kramer durante algum tempo logo depois da guerra. Ela tinha péssimos antecedentes. Era suspeita de colaboração com os alemães e de haver concorrido para a morte de dois oficiais franceses. Kramer ajudou-a a

livrar-se das conseqüências, mas guardou as provas e se serviu delas para exercer domínio sobre ela.

Apagou o cigarro.

— Quando Tony e eu aparecemos no horizonte, Max Kramer tinha muito a perder. O seu negócio de antigüidades era legítimo e lucrativo, mas ele tinha também outros negócios, ainda mais lucrativos e altamente criminosos, aos quais o comércio de antigüidades servia de capa. A sua sede real para esses negócios era aqui em Marselha. Não sei bem que atividades clandestinas eram essas, mas neste momento a polícia de Marselha está tratando de prender muitas pessoas cujos nomes foram encontrados no cofre de Kramer. Parece que não houve nada em que eles não tocassem — contrabando, tráfico de entorpecentes e assim por diante, mas o mais importante era a ajuda a vários movimentos subterrâneos que procuram derrubar o atual governo alemão e restaurar o nacional-socialismo.

— Está falando nesses grupos neo-hitleristas? Lobisomens ou qualquer nome que tenham? — perguntou Louise.

— Isso mesmo. — Foi Marsden quem respondeu a ela. — O negócio legítimo dele, com os seus amplos contatos comerciais e a necessidade de muitas viagens ao estrangeiro, fazia uma excelente máscara para o centro de uma grande organização. A polícia pensa agora que Kramer — ou Werfel — estava à frente de grande parte de banditismo organizado, sabotagem e o mais que se segue na Alemanha e no Norte da França, logo depois do fim da guerra. Continue, Byron.

— Bem, Tony e eu aparecemos de repente nesse quadro tranqüilo e próspero. Houve uma grande venda em Paris tendo como atração a coleção de pratas Lemaire e eu compareci, como era natural. Kramer devia estar lá também e decerto nos viu, embora nenhum de nós o tivesse notado. Mas ele fez indagações e descobriu que eu estava no mesmo comércio que ele e tinha acabado de abrir uma agência em Paris. Era fatal que nos encontrássemos mais cedo ou mais tarde. E, se Tony ou eu o reconhecêssemos, ainda que ele escapasse do julgamento pelos seus crimes de guerra, haveria investigações e isso seria calamitoso para ele. Significaria o fim de Karel Werfel...

— Foi uma coincidência terrível David ter ido à loja de Kramer para vender a pulseira, não foi?

— Terrível, sim, mas não foi tanta coincidência assim, quando se pensa bem, — disse Richard. — O fio que corre através de todo o caso é justamente o comércio de antigüidades. Se Kramer e eu não estivéssemos no mesmo ramo, é

mais que certo que não nos teríamos encontrado depois da guerra. Mas estávamos ambos interessados na mesma coisa e tudo indicava que voltaríamos a encontrar-nos. Ora, Kramer não poderia arriscar-se a isso.

A causa de tudo foi, podemos dizer, a "velha prata", servindo aquela pulseira inevitavelmente de elo. Comprei-a para Loraine e ela a levou — com David e comigo — para o âmbito de Kramer. Uma vez que David tentasse vender a pulseira em Marselha, Kramer acabaria sabendo disso. Foi o que aconteceu.

David foi aconselhado por outros negociantes a procurá-lo. Não, a coincidência está no fato de que eu tivesse visto a pulseira na vitrina da loja no momento em que vi. E isso foi um golpe de sorte para Kramer. Esperava-se que eu chegasse ao covil dele mais cedo ou mais tarde. Acontece que eu cheguei mais cedo.

— E Paul Véry? — perguntei. — Onde ele se situa em tudo isso?

— Tinha uma ficha dobrada na polícia e adotava vários nomes, — disse Marsden. — Havia no cofre de Kramer provas suficientes para mandar Paul Véry para a Ilha do Diabo pelo resto da vida.

— Kramer deve ter prometido entregar todos os papéis a ele e a Loraine depois que Richard estivesse afastado do caminho. Ouvi-o dizer que se livrariam dele logo que o caso estivesse encerrado.

— Ela era realmente casada com Paul Véry?

— Sem dúvida alguma. Casaram. Casaram-se em 1942 e ele foi dado por desaparecido no ano seguinte. Ela se uniu a Kramer no outono de 1945.

Quando Paul Véry apareceu de novo, parece que aceitou a situação, decerto sob alguma pressão, e ficou trabalhando para Kramer. Deve ter assumido uma opinião, vamos dizer, muito liberal, das atividades da esposa. Quando Kramer viu Byron e Baxter na venda da prata, decidiu que eles teriam de ser eliminados e escolheu Paul Véry para o serviço.

— E foram grandemente ajudados nisso, — disse Richard amargamente, — pelo leviano Byron que, vendo Loraine na venda, mostrou interesse por ela e facilitou aos três o primeiro crime.

— Se você não se tivesse casado com ela levando-a para Deepings, eles teriam encontrado outra maneira, — disse Marsden.

— É claro, — disse Richard, — mas não se pode dizer que eu não tenha ajudado. Ao menos, é um conforto saber que ela nunca foi legalmente minha

mulher... É claro que foi Paul Véry quem assassinou Tony e deu a pancada em David. Foi Paul Véry quem provocou o desastre com meu carro. Quando a tentativa falhou, trouxeram David para a França. Não sei se tinham um plano bem elaborado, mas David era evidentemente um trunfo com que contavam.

— Essa parte não compreendo muito bem, — disse David.

— Não? — perguntou o pai dele. — Loraine sabia muito bem que eu não queria mais vê-la. Kramer queria que eu viesse para cá, mas se ela tentasse falar comigo, eu não lhe teria dado atenção ou entregaria o caso aos meus advogados. Mas a você, David, eu não podia renunciar. Afinal de contas, você me permite uma boa redução no meu imposto de renda.

— Por falar em imposto de renda, — disse eu, — a sua companhia de seguros...

— É verdade ,— disse Richard. — Dois carros em quatro meses! Vou ter um bocado de trabalho para explicar-me... Bem, é essa a história. O resto já sabem. Pretendiam trazer-me para cá, onde teriam melhores oportunidades para matar-me. E teriam conseguido o seu intento se não tivesse havido duas coisas importantes para atrapalhar-lhes os planos.

— Que duas coisas foram essas? — perguntou David. Richard disse então, muito sério, olhando para Marsden: — A integridade e o sentido humano da polícia inglesa, em primeiro lugar. Nunca esquecerei isso, Marsden, e tenho certeza de que David não esquecerá também. Vou escrever a Brooke hoje mesmo. Nós lhe devemos muito, Marsden.

Marsden ficou pouco à vontade e murmurou alguma coisa, ao mesmo tempo que bateu o cachimbo na balaustrada entre a mesa e o mar.

— E a outra coisa? — perguntou David.

Richard olhou para mim de repente e sorriu de tal jeito que meu coração deu um pulo dentro do peito.

— O parafuso que caiu nas engrenagens, — disse ele, rindo.

— O que, Papai?

— O acaso, meu caro David, na pessoa de Charity. David olhou para mim e perguntou: — Charity?

— É meu nome, David, — disse eu, corando como uma boba.

— Compreendo. — O olhar dele pousou em mim durante algum tempo.

— Seu pai está exagerando, David, — disse eu. — A única coisa prática que eu fiz foi encontrar Rommel e, depois, quase que o matei.

— A sua idéia do que tem valor prático é meio deformada, — disse Richard. — Aquele vira-lata...

David deu quase um pulo da cadeira.

— Ele não é vira-lata! Todo o mundo pode ver que é um cachorro de raça. Não é mesmo? — perguntou ele, olhando para Marsden.

— Para que entrar na genealogia de Rommel? — perguntou Marsden. — O que é preciso ver é que é um cachorro muito inteligente!

— Não é mesmo? Vejam como ele me encontrou. Ele tem quase treino policial!

— Isso quer dizer que você o treinou para dormir em sua cama? — perguntou Richard.

— Bem, isso é verdade, — disse David, olhando para o pai.

— E devo dizer que é um bom hábito, — apressei-me em dizer. — Pelo menos, é uma boa proteção.

David me olhou cheio de gratidão e Richard murmurou: — Estou vendo... Conspiração contra mim dentro de minha casa... Está o que eu fui procurar...

— Papai! — exclamou David, arregalando os olhos. — Vai-se casar com meu pai, S.ra. Selborne?

— Vou, — disse eu. David levantou-se.

— Que bom! — disse ele, beijando-me.

Acima da confusão geral de parabéns, ouviu-se a voz delicada do *maître d'hôtel,* inclinando-se para Richard: — Champanha para *monsieur?*

Não se perdia qualquer oportunidade no Hotel de Ia Garde. Apareceu então a garrafa magnífica e Marsden se levantou para fazer um discurso muito conciso e equilibrado. Atrás dele, o mar azul dançava, cintilando ao sol.

— É o único final correto para a aventura que acabamos de viver: *E ambos viveram felizes para sempre!* À saúde e à felicidade de vocês, Richard e Charity.

Sentou-se então sob uma pequena tempestade de aplausos e risos.

— Quando vai ser? — perguntou-me ele. Richard tirou um papel do bolso.

— Daqui a dez dias. Na França, não pode ser em menos tempo. Fiz indagações hoje de manhã quando comecei a tratar dos papéis.

— Ditatorial... — murmurou Louise ao meu ouvido e então David perguntou: — Mas quando foi que tudo isso aconteceu?

Richard riu para mim por sobre a taça de champanha. Eu então disse: — Na realidade, isso ainda não aconteceu. Ele não se lembrou de me pedir em casamento...

— Não se lembrou? Richard disse então: — Quer casar-se comigo?

— Quero.

David pegou de novo a taça.

— Neste caso, está tudo resolvido. E na presença de testemunhas. Não será fácil para ele recuar, Sra. Selborne. Farei com que ele cumpra a sua palavra. Posso tomar mais um pouco de champanha?

— Parece que já bebeu champanha demais, — disse eu austeramente.

Ele sorriu para mim.

— Foi um pedido de casamento muito bonito. Sem rodeios, sem palavras demais... Ótimo!

Estendeu a mão para a garrafa de champanha.

— Não! — disse Richard com firmeza quando tirei a garrafa da mão de David.

— Conspiração contra mim! — exclamou David.

— Tenho muita prática, — disse eu, — e sou uma mulher que toma conta de tudo. Richard estava rindo. —i Johnny sempre lhe obedecia?

— Sempre.

Louise riu e disse a Richard: — Algum dia, ainda lhe contarei a verdade sobre isso. Levantou-se e sorriu para os outros que se tinham levantado também.

— Bem, muito obrigada pelo almoço e pelo champanha. Não quero mais afastá-los da policia e das outras alegrias que os esperam. David pode passar a tarde comigo?

— Pode, sim, e muito obrigado, — disse Richard. — Se o cachorro atrapalhar...

— Ao contrário, — disse Louise, — eu nem pensaria em fazer o convite sem levar o cachorro. Que é que nos sugere?

Richard passou a mão pelo meu braço quando saímos do restaurante e disse: — Muita gente começa a ver as belezas de Marselha fazendo uma visita ao Château d'If.

30

EPÍLOGO

Fomos cair nas Ilhas Afortunadas / Não as débeis Canárias mas as Ambrosiais.

(DONNE)

Era no fim da tarde seguinte e o sol caía obliquamente entre as árvores da avenida que Richard e eu estávamos percorrendo. Sobre nossas cabeças, as folhas dançavam um pouco ao vento que passava.

— Ao menos, — disse Richard, — teremos nove dias para nos conhecermos antes que seja tarde demais. Tem certeza de que não lhe desagrada essa precipitação?

— Absoluta.

— O mínimo que eu posso fazer é deixar você escolher o lugar onde vamos passar a lua-de-mel.

— As Ilhas do Ouro, — disse eu.

— Onde é isso? No fim do mundo?

— Não tanto assim. É outro nome para Porquerolles. Vai-se para lá partindo de Hyères.

— Ótimo. Passaremos uma semana ali... Talvez a Córsega também. Os Dexters disseram que David poderá ficar com eles o tempo que nós quisermos...

— Veja, Richard!

Estávamos passando pela vitrina de uma loja onde se via um quadro num pequeno cavalete.

Richard voltou-se e olhou.

— Oh! — exclamou ele, num tom de surpresa e descoberta. O quadro era pequeno, mas contra o fundo neutro da vitrina as suas cores brilhavam como pedras preciosas, vibrando umas contra as outras, a tal ponto que parecia que o menino do quadro sorria. Estava de pé contra um fundo escuro de folhagens e

pedras, com o corpo erecto e a bela cabeça erguida.

— É David! — disse eu.

— Sim, é David, — disse Richard. — Está vendo a funda na mão dele?

Está partindo para enfrentar Golias e os filisteus.

— Foi assim que o vi pela primeira vez, — disse eu, olhando para o rosto do retrato, tão jovem e com o mesmo olhar de corajosa aceitação de um encargo pesado demais para os seus ombros. David, sozinho entre os seus inimigos, enfrentara-os com a mesma galhardia e ânimo do jovem campeão de Israel.

— Posso pedir-lhe isso como um presente de casamento, Richard?

— Claro que sim. E que quadro maravilhoso! O homem que o pintou pôs a sua convicção em cada pincelada. Israel contra os seus inimigos... Talvez...

Inclinou-se sobre a vitrina para olhar a pequena tira de metal na base do quadro.

Quando notei a transformação operada no rosto dele, perguntei: — Que foi, Richard?

— Veja você mesma, — disse ele. Olhei e li a legenda: LE JEUNE DAVID (O Jovem David) E embaixo o nome do artista: EMMANUEL BERNSTEIN

E assim tudo terminou, como havia começado, com o pintor judeu, cuja morte tinha sido tardiamente mas tão amplamente vingada. E, dez dias depois, com *O Jovem David* cuidadosamente acondicionado na mala do Riley, meu marido e eu partimos para o Sul e para as Ilhas do Ouro.

FIM